



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGEM

JOANA RODRIGUES MOREIRA-LEITE

DIÁRIO DE CLASSE: DESENHOS DE UMA USUÁRIA DE
REDES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA

CUIABÁ-MT
2014

JOANA RODRIGUES MOREIRA-LEITE

DIÁRIO DE CLASSE: DESENHOS DE UMA USUÁRIA DE
REDES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto
de Linguagens da Universidade Federal de Mato
Grosso como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Estudos de Linguagem.
Área de Concentração: Estudos Linguísticos
Orientador: Prof. Dr. Dánie Marcelo de Jesus

CUIABÁ-MT
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

M838d MOREIRA-LEITE, Joana Rodrigues.
Diário de Classe: Desenhos de uma Usuária de Redes Sociais Sobre a Escola / Joana Rodrigues MOREIRA-LEITE. -- 2014
xiv, 152 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Dânie Marcelo de Jesus.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá 2014.
Inclui bibliografia.

1. Escola. 2. Discursos. 3. Redes Sociais. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367, - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8408 - Email : secretariameel@hotmail.com.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Diário de Classe: desenhos de uma usuária de redes sociais sobre a escola"

AUTORA: Joana Rodrigues Moreira Leite

Dissertação defendida e aprovada em 02 de setembro de 2014.

Presidente da Banca / Orientador: Daniel Marcelo de Jesus
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa: Doutora Veralúcia Guimarães de Souza
Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa: Doutora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
Instituição: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Examinadora Suplente: Doutora Simone de Jesus Padilha
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ, 02 de setembro de 2014

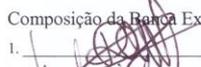
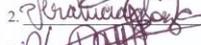


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
 Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367, - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
 Tel : (65) 3615-8408 - Email : secretariameel@hotmail.com.br

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DEFESA DA
 Mestranda Joana Rodrigues Moreira Leite**

Aos dois dias do mês de setembro do ano de 2014, às 14h, na Sala M (Auditório do 2º andar) do Instituto de Linguagens/UFMT, sob a presidência do professor Doutor Dânie Marcelo de Jesus, orientador, reuniram-se em sessão pública a Banca Examinadora de defesa da Dissertação de Mestrado e a discente Joana Rodrigues Moreira Leite do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM, visando à obtenção de título de MESTRE EM ESTUDOS DE LINGUAGEM. A Mestranda concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de Mestre na Área de Concentração ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, e foi aprovada no Exame de Qualificação realizado no dia 24 de julho de 2014, de acordo com os registros constantes na Secretaria do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM. Esta foi a 25ª sessão pública de Defesa de Dissertação do Programa no ano de 2014. Os trabalhos foram instalados às 14h pelo presidente da Banca Examinadora constituída pelos professores doutores Dânie Marcelo de Jesus (Presidente da Banca / Orientador / CPF: 545.376.571-20), Veralúcia Guimarães de Souza (Examinadora Externa/ Instituto Federal de Mato Grosso/CPF: 362.108.031-72), Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (Examinadora Externa/Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/CPF: 972.762.437-53) e Simone de Jesus Padilha (Examinadora Suplente/Universidade Federal de Mato Grosso/CPF: 432.858.131-72A) pós-graduanda procedeu à apresentação de seu trabalho, cujo título é "**Diário de Classe: desenhos de uma usuária de redes sociais sobre a escola**", e em seguida foi arguida por cada um dos integrantes da banca. Os trabalhos de arguição foram encerrados às 16:30, e, após reunião, a Banca deliberou por sua aprovação. Proclamado o resultado final pelo Presidente da Banca Examinadora, foram concluídos os trabalhos. O título de Mestre será conferido sob condição de apresentação, na Secretaria do Programa, da versão final corrigida na forma e no prazo estabelecido no Regimento Interno do Programa (45 dias) juntamente com o Termo de Aprovação do Orientador. Cumpridas as formalidades, às 16:45 horas, o presidente da mesa encerrou a sessão de defesa, lavrando a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos integrantes da banca examinadora em uma via.

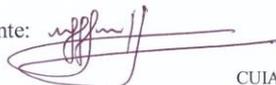
Composição da Banca Examinadora:

1.  Doutor Dânie Marcelo de Jesus (Presidente da Banca / Orientador)
2.  Doutora Veralúcia Guimarães de Souza (Examinadora Externa)
3.  Doutora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (Examinadora Externa)
4. _____ Doutora Simone de Jesus Padilha (Examinadora Suplente)

Recomendações da Banca:

Incentivar a publicação e enviar para o Diário de Classe, Comissão de Educação do Câmara Federal e do Senado, bem como para a escola.

Ciência da Discente:



CUIABÁ, 02 de setembro de 2014.

* Este documento tem validade de 24 meses contados a partir da data de sua emissão.

Dedico a Deus em nome de seu filho Jesus. A meus familiares, sobretudo, a meu filho e esposo, que tiveram paciência e compreensão nos períodos de minha ausência. Muitas vezes, ainda que presente estivesse, me fazia longe devido aos diálogos teóricos. A meus pais com amor. Considero-os a base para quem eu sou. Às minhas irmãs, que me apoiaram. E a todos que manifestaram seu incentivo sincero com vista a esta nova conquista.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a um *Ser* onipotente e onipresente. Meus olhos não podem vê-lo, tampouco minhas mãos podem tocá-lo, mas em muitos momentos de solidão, quando estava em Cuiabá, distante de meus familiares, senti sua presença a me fortalecer, não me deixando desistir ante aos desafios. Passei por perigos, em relação aos quais enfrentei violências. Lá estava *Ele* para socorrer-me, reafirmando a dádiva da vida, mostrando-me que ainda tenho muito a aprender, muitíssimo a contribuir. Na fase da redação desta dissertação, em meio ao cansaço, novamente, pude sentir sua força a me invadir, fazendo-me levantar, repleta de inspiração, e retomar a construção que havia iniciado. Esse *Ser* só pode ser *Deus*, agindo em nome de seu filho *Jesus* que, com sua infinita luz, esteve presente em todos os contornos vivenciados por mim.

Agradeço a meus familiares, meu pequeno *filho, Fernando*, motivo de minhas alegrias e desejo de continuar desenhando caminhos para uma vida de sucesso. Em meio a tantas desigualdades sociais, quero que ele aprenda o sentido de lutar por seus ideais sem dar ouvido aos acessos de desestímulo, pois nem sempre o que nos dizem pode ser aceito como verdade. A meu *esposo, Isaias*, que acreditou em mim e abraçou meus sonhos sem impedir que alçasse voos altos, tendo a oportunidade de transformá-los em realidade. À minha *mãe, Maria* que, a despeito de sua pouca instrução, foi minha primeira professora, ensinando-me a desenhar com amor as primeiras letras e ajudando-me a passar por essa trajetória. A meu *pai, Francisco*, que sempre trabalhou, exaustivamente, para que não nos faltassem as coisas materiais, que, no entanto, lá no fundo, essa era a representação do amor para com suas filhas. Às minhas *irmãs Adriana, Natália e Elaine* que me apoiaram e sempre acreditaram em mim. À minha *sobrinha Leila*, que nos últimos tempos, na fase da escrita, ajudou-me em muitas tarefas domésticas, secundada por minha mãe, que muito contribuiu neste aspecto. Além disso, foi mais do que uma avó para meu filho: foi-lhe uma segunda mãe.

A meus colegas de profissão que me desejaram sucesso nesta caminhada, aos quais também desejo o mesmo. Faço-o em especial aos do NTM - Núcleo Tecnológico Municipal, da cidade de Sinop-MT (*Nilton, Maria, Leila e Ivone*, que estiveram

próximos e divisaram meu empenho para concretizar este sonho. A *Gisele Faria*, atual secretária de educação do município, que sempre me incentivou com palavras de carinho, a princípio como coordenadora, depois diretora na escola em que atuei como professora.

A meus colegas mestrandos, sobretudo aos do grupo GELTEC - Grupo de Estudos de Linguagem e Tecnologia - (*Ardalla, Élidi, Elizabeth, Tiago e Waldinéia*), que estiveram nesta caminhada, rumo ao sucesso. Ao lado de vocês, vivi momentos inesquecíveis. Enfatizo Élidi, que esteve presente em algumas horas de estudo e, depois, quando participamos da seletiva de mestrado. Embora, morássemos na mesma cidade, desempenhando as mesmas funções, tive o ensejo de conhecê-la melhor e compartilhar momentos que serão guardados eternamente. A Waldinéia, em especial, pelo brotar de uma amizade, que espero regar para florescer lindos adornos nos tecidos da vida.

Aos professores doutores, com os quais tive aula no mestrado. Estes muito colaboraram para bordar outras aprendizagens: *Luciano Ponzio, Lúcia Lopes-Damásio, Simone Padilha, Cláudia Paes, Divanize Carbonieri*. A meu querido orientador, *Dánie Marcelo de Jesus*, estendendo a ele minha gratidão e admiração pela pessoa paciente, humilde, incentivadora, sempre acreditando em seus “pupilos”. Obrigada professor, *Dánie*, pela oportunidade entreaberta. Desejo-lhe sucesso em todos os seus percursos, pois, batalhador como é, você merece ser essa pessoa vitoriosa.

Às examinadoras, por terem aceitado o desafio de ler esta dissertação, tecendo contribuições significativas para o término deste desenho.

Se alguém não foi mencionado, peço-lhe perdão, pois meu agradecimento se derrama a todos que, dando-me as mãos, torceram para que concluísse esse bordado, tão importante em minha vida.

O desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são as personagens que flagram esta zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível. O que se pode ver através do desenho vai além do que a retina capta, o campo perceptivo se amplia a cada diálogo que se forma através do riscar, o qual se constrói a partir desse movimento interno e externo que passa a se transformar em imagens, tornando-se índice para esta nova visão que se configura na própria interpretação de cada um de nós, tanto do artista quanto do espectador. (Frederico Morais)

RESUMO

MOREIRA-LEITE, Joana Rodrigues. Diário de Classe: desenhos de uma usuária de redes sociais sobre a escola.

O objetivo desta dissertação é investigar por meio da comunidade “Diário de Classe”, existente no site *Facebook*, como uma aluna da contemporaneidade e usuária de redes sociais constrói, em seus discursos, a escola atual. O trabalho encontrou suporte teórico em Sibilgia (2012), Tapscott (2010), Jesus (2007), Castells (1999), Castells & Cardoso (2005), Fairclough (2001), Scherrer-Warren (2011), Recuero (2009), Santaella & Lemos (2010), Santaella (2010), Rosa & Santos (2013), Hall (1997), Hall & Woodward (2000), Foucault (1987; 1998; 2012), Bourdieu (1989), Bourdieu & Passeron (2009), Rojo (2009, 2012), Lanshear & Knobel (2006), Cope & Kalantzis (2000), Monte Mór (2013), Coffey (2010) e Maciel (2013), entre outros. Estas as perguntas que nortearam a pesquisa: 1) De que forma a aluna da comunidade “Diário de Classe” constrói seus discursos à volta da escola contemporânea? 2) Como a escola reage aos discursos proferidos pela discente? 3) Qual é o sentido conferido às tecnologias digitais por esta discente? A metodologia de pesquisa é de base interpretativista nas perspectivas de Flick (2009) e Bortoni-Ricardo (2008). Os resultados sugerem que o discurso da discente mostrou-se contraditório em alguns pontos porque, na maioria dos dados, houve indícios de desejar uma escola com ideais de verdade e punição. O professor é o ator principal do processo de ensino-aprendizagem em privilégio aos letramentos formais, e as mudanças solicitadas reproduziam os discursos hegemônicos. Apesar de a aluna ter alguns discursos semelhantes aos da escola, esta entendeu que a ação da discente foi uma afronta as normas escolares e reagiu contra o discurso da estudante. Ao final surgem sinais, nos discursos da aluna de que as tecnologias digitais exercem relevância em sua vida porque, por meio delas, ela pode aprender coisas que a escola não a ensina. Portanto, concluímos que ainda há muito que discutir sobre os discursos escolares para construção de desenhos mais significativos para a educação do presente, dando espaço a poderes mais distribuídos entre os sujeitos escolares, rumo a que se valorizem os letramentos múltiplos, multiletramentos e letramentos críticos.

Palavras-chave: escola; discursos; redes sociais.

ABSTRACT

MOREIRA-LEITE, Joana Rodrigues. Diary of Class: drawings of a social networks user about the school.

The aim of this thesis is to investigate through the community "Diary of Class" on the Facebook website, how a contemporary student and user of social networks has built in her discourse about current school. The main theoretical underpinning for the research is provided by Sibilia (2012), Tapscott (2010), Jesus (2007), Castells (1999), Castells & Cardoso (2005), Fairclough (2001), Scherrer-Warren (2011), Recuero (2009), Santaella & Lemos (2010), Santaella (2010), Rosa & Santos (2013), Hall (1997), Hall & Woodward (2000), Foucault (1987, 1998, 2012), Bourdieu (1989), Bourdieu & Passeron, (2009), Rojo (2009, 2012), Lanshear & Knobel (2006), Cope & Kalantzis (2000), Monte Mór (2013), Coffey (2010) and Maciel (2013) among others. The research questions are the following: 1) How does the student of the community "Diary of Class" build her discourse concerning about contemporary school? 2) How does the school react about the discourse of the student? 3) What is the meaning given to digital technologies for this student? The research methodology is based on interpretative approach (Flick, 2009; Bortoni-Ricardo, 2008). The results suggest that the student has had a contradictory discourse in some points, there were evidences of keeping a school with truth and discipline ideals. The teacher is the main actor in the teaching/learning process in a formal literacies perspective, and the changes requested reproduced hegemonic discourse. Even though the student has had some similar discourses to school, it has understood that the action of the student has been an affront to the school rules and it reacted against the discourse of the student. At the end, signals come up, in the student discourse, that digital technologies have an important bearing in her life because, by means of them, she could learn things that the school does not teach for her. Therefore, we conclude that there is still a lot to be discussed about school discourse for the construction of more meaningful drawings concerning the current education, giving place to more distributed power between school members, towards the increase in value of the multiple literacies, multiliteracies and critical literacies.

Keywords: school; discourses; social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem da página inicial da comunidade Diário de Classe.....	54
Figura 2: Método utilizado para recorte de dados.....	57
Figura 3: Dados descartados.....	57
Figura 4: Ensinam para gente que a verdade é boa.....	60
Figura 5: Portão da escola.....	63
Figura 6: Intimação para a aluna.....	71
Figura 7: Regimento da escola.....	73
Figura 8: Agressão contra professora.....	77
Figura 9: Boletim escolar com notas da discente.....	88
Figura 10: Aprovação automática.....	92
Figura 11: Tablets chegaram, só falta aprender a usar.....	97
Figura 12: Um bilhão de pessoas conectadas: o que eles fariam?.....	105
Figura 13: Viagens para eventos.....	110
Figura 14: Agressão à avó da discente.....	114
Figura 15: Charge postada na comunidade Diário de Classe.....	121
Figura 16: Vídeo da música “Admirável gado novo” – Zé Ramalho.....	122
Figura 17: Vídeo da música “Apesar de você” – Chico Buarque.....	123
Figura 18: Aluna participa de eventos no Brasil.....	128
Figura 19: Momento de recebimento de prêmio pela discente.....	128
Figuras 20: Participação em eventos.....	130
Figura 21: Foto da aluna.....	131
Figura 22: Imagem de tablet.....	133
Figura 23: Tecnologia na escola.....	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quantidade de postagens selecionadas.....	51
Quadro 2: Organograma com as etapas da pesquisa.....	51
Quadro 3: Quantidade de dados em cada categoria.....	58

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	V
AGRADECIMENTO.....	VI
EPÍGRAFE.....	III
RESUMO	IX
ABSTRACT.....	X
LISTA DE FIGURAS.....	XI
LISTA DE QUADROS.....	XII
INTRODUÇÃO: ESBOÇANDO O BORDADO.....	15
CAPÍTULO 1: Pontos teóricos - educação na contemporaneidade:	
o desenho mudou?.....	25
1.1 Entrelaçando fios entre discurso e poder	25
1.2 A construção do sujeito-aluno contemporâneo.....	27
1.3 Redes Sociais da Internet (RSIs) – outro contorno para a educação	33
1.4 Reinventando o bordado – letramentos nos fios que se entrelaçam	42
CAPÍTULO 2: Pontos metodológicos na arte de bordar.....	48
2.1 Interpretativismo: pontos significativos para este bordado	49
2.2 Entrando no ateliê da pesquisa: o local e os envolvidos na construção do bordado	52
2.2.1 O lócus de pesquisa	52
2.2.2 O sujeito de pesquisa	53
2.3 Geração de dados: instrumentos para bordar a pesquisa	56
CAPÍTULO 3: Apresentando pontos relevantes com os dados.....	59
3.1 Contornos do desenho: análise dos dados	60
3.1.1 A escola como local de verdade e punição	60
3.1.2 Ensinar e aprender na escola	79

3.1.3 A escola ideal	91
3.1.4 O desejo de mudança na escola	100
3.1.5 O significado das tecnologias digitais para essa aluna.....	116
CONTORNANDO OS PONTOS FINAIS	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

INTRODUÇÃO: ESBOÇANDO O BORDADO

Bordado

*Peguei um pano, linha e agulha ...
 Queria bordar algo para você,
 resgatar a menina prendada.
 Descobri que não sei mais bordar,
 os anos passaram, a falta de treino,
 saiu tudo torto, pontos inseguros ...
 O que me foi ensinado,
 na cultura de ser mulher,
 bordados, pontos e botões a serem pregados,
 nada mais sei!
 Pensei, decepcionei-me um pouco ...
 Queria algo meu, feito por mim, para você ...
 Mas, refletindo, descobri
 que aprendi outros bordados,
 pontos diferentes de vida, de querer,
 pontos certos, certos, com certeza e incertezas,
 pensamentos construídos firmes,
 outros ainda inseguros ...
 Bordo sim!
 Bordo a vida,
 escolho cores, linhas e agulhas ...
 Combino,
 harmonizo,
 pontos faço,
 desfaço ...
 Bordo a existência.*

(Autora: Jane Lagares)¹

Quando principiei a refletir sobre a metáfora deste trabalho, não foi fácil chegar à conclusão de qual realmente viria a ser a analogia de meu texto. De pronto, imaginei que essa produção seria composta por pontos que se interligariam por fios aleatórios para formar redes. Contudo, “redes” seria uma metáfora um tanto óbvia para a abordagem de minha pesquisa, sabedora de que minha investigação tem, como protagonista, uma usuária de redes sociais.

¹ Texto retirado do site <http://www.encantosepaixoes.com.br>

Desse modo, os diálogos se entrelaçaram entre eu-pesquisadora e meu contexto de pesquisa. Pensando assim, preferi ressignificar os fios da rede, no sentido de transportá-los para o bordado, que representaria esta construção. Então agora, convido os leitores a se apropriarem do desenho entremeado por palavras e fios de significados ambientados neste estudo.

Conseqüentemente, escrever um texto em metáforas torna a escrita muito mais desafiadora. Lakoff e Johnson (1980) assim definem: sua essência é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Nesse âmbito, pretendo olhar minha pesquisa como um desenho a ser formatado em tons. Esta escolha se faz pelo fato de entender que o ato de bordar envolve práticas que precisam da ação humana para ter sentido, e que cada desenho carece do olhar do outro para sua significância.

Ainda com referência à acepção do bordado, é considerável entendê-lo como os desenhos existentes nos tecidos da vida, compostos de representações instáveis e de duplas facetas: de um lado, surgem seus contornos harmoniosos, outro apenas uma enorme quantidade de pontos desalinhados. Destarte, escolho bordar pontos não fixos, tampouco unívocos, pois, nesse desenho, pretendo dar espaço para traçados contemporâneos a fim de que outros artesãos os ressignifiquem de acordo com sua experiência sociocultural.

Destaco, inicialmente, os motivos da escolha da metáfora e depois as reflexões sobre minha vivência escolar. Saliento que não vejo a escolha dessa figura como algo harmonioso, embora, em algumas ocasiões, tenha percebido o lado contrário do tecido com sua dissonância. Esta compreensão foi relevante para entender o que se escondia atrás daqueles pontos interligados pelo lado avesso da superfície, buscando-lhe novos sentidos.

Durante a trajetória percorrida tive a oportunidade de criar e recriar artes coloridas, outras apenas de uma cor. Não obstante, vejo que cada uma delas estruturou pontos e, ao lançar meus olhos para o verso do tecido guarnecido, identifiquei-me com o bordado construído, pelo qual visualizo minha história.

Sendo assim, digo que nossa experiência social é uma metáfora, construída por pontos, que depende da interpretação do outro para que haja sentido. Neste caminho, escolhi ser uma artesã para bordar as fases desta

pesquisa e, para tal, levarei em conta que para costurar em tons é considerável observar as combinações e criar pontos mais adequados para atender as necessidades do presente. Assim, conhecer o contexto histórico dessa arte ajudará a compreender o bordado no sentido metafórico do presente estudo.

Segundo Sousa (2012), o bordado se confunde com a costura. Desde a Pré-História, o homem usava peles de animais e fios de fibras para confeccionar suas vestimentas, hábeis a que ele se aquecesse. Com o tempo, outros elementos foram adicionados, fazendo com que o ato de coser se tornasse mais complexo. Durante muitos séculos, essa prática foi reinventada por diversos povos, com pontos mais modernos, com novas tecnologias, com cores e linhas mais apropriadas para os tecidos contemporâneos.

Esta dissertação se fundamenta na perspectiva sócio-histórica e cultural (SIBILIA, 2012) que procura questionar os traçados que a escola bordou até o presente. Em determinados momentos, a escola parece manter discursos de mudanças. Em outros, configura a manutenção de alguns contornos de uma educação iluminista (SIBILIA, 2012) permeada por relações de poder² (FOUCAULT, 1998; 2012)

Essa contradição é apresentada por Apple (1989), por Hall (1997) e por Hall & Woodward (2000), que a interpõem sobre as identidades não fixas. Isto alude ao fato de que o espaço escolar não pode mais ser visto de forma homogênea, devendo levar em conta a heterogeneidade e a complexidade inerente ao processo educacional. Portanto, toda esta reflexão incide na ideia de que a educação precisa ser interrogada para ser ressignificada a favor de práticas de novos letramentos. Para tanto, é oportuno o agir dos artesãos bordadores – alunos, professores e pesquisadores – com intuito de tecer novos pontos para a educação do presente, no sentido de pensar em um ensino que, de fato, contemple a diferença.

² Trato *poder* nesta dissertação, prioritariamente, na perspectiva de Foucault (1998). Nesta concepção, entendo *poder* como algo que não é fixo e o *poder* não é absoluto, mas se constitui por práticas ou relações de poder. Foucault advoga que “o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social”.

Aqui, no papel de uma artesã, inicio o esboço de um bordado que quero dar significância. Para a construção deste trabalho, penso ter escolhido pontos, linhas, cores e ornamentações mais contemporâneos para descrever, minha trajetória, como pesquisadora.

Meu bordado terá alguns pontos em primeira pessoa do singular, para representar a mulher – filha, mãe, esposa, professora, eterna aprendiz e colaboradora na arte de bordar a vida. Todas essas representações serão definidas na figura de uma artesã que busca costurar em tons.

Na escola pública, ao iniciar a primeira série já conhecia alguns bordados. A professora me ajudou muito a melhorar o que já tinha começado com minha mãe, mas isso não foi tarefa tão prazerosa como pensei.

Lembro-me da escola como local em que precisava sempre estar presente porque, a cada dia, queria aprender um desenho diferente. No entanto, muitos dos pontos eram tecidos sem nenhum questionamento, alicerçados na cultura de que ao aluno cabia ouvir, ao professor era dada a competência de falar. Para aprender, existiam os manuais de instrução, as cartilhas e, depois, os livros didáticos tratados como instrumentos de verdade.

Durante os anos escolares, apesar de ter ouvido mais e falado pouco, alguns professores me ensinaram pontos importantes, outros me instruíram apenas a desenhar o que já sabia. Mesmo assim, ainda sei que a escola, de alguma forma, constituiu lugar de relevância em minha vida, porque hoje, pude arrematar alguns questionamentos para ressignificar minhas práticas contemporâneas.

Nesse sentido, passei a educação básica dando pontos, olhando muitos dos desenhos pelo avesso, criando e inventando outros, construindo e desconstruindo no profundo silêncio e solidão das carteiras enfileiradas, visualizando todos os dias a professora em sua mesa, ao lado do quadro-negro cheio de conteúdo a ser copiado.

Diante disso, como resultado de que havia aprendido, precisava chegar ao final do bimestre apresentando um bordado marcante, uma boa nota a ser mostrada para meus professores e familiares, a revelar que estava sendo uma boa artesã na arte de bordar por meio da escola.

Ingressei na universidade, no curso de Letras, pensando que sairia formada na arte de costurar em tons. Todavia, após entrar em uma sala de aula, compreendi de imediato que os bordados, mais significativos, seriam aqueles que aprendi em minha prática docente, pois pude aliar o aprendizado teórico com as experiências adquiridas em meu *ateliê*. Chamarei, assim, minha sala de aula porque penso que, naquela época, havia começado a ser uma customizadora de tecidos e todos os dias era um aprendizado diferente.

Logo, em meu *ateliê* de invenções, sendo professora-artesã de Inglês, não queria ver bordados tradicionais. Precisava reinventar esta arte para despertar o prazer de meus aprendizes-artesãos, afinal estava ensinando-os a bordar a vida por meio da língua.

Assim, comecei a utilizar algumas novas técnicas e a entrelaçar novos pontos alicerçados nas tecnologias. O *micro-system* foi a primeira tecnologia a permitir que reinventasse a arte de guarnecer: estava guardado numa caixa dentro da sala da coordenadora pedagógica. Levei-o para o *ateliê* e meus aprendizes acharam uma novidade. Lá trabalhei canções em Inglês, explorei o texto por meio das palavras que eles já conheciam e relatei alguns assuntos entrelaçados com a realidade deles. Esse exercício me franqueou bordar algumas discussões acerca do que eles já sabiam no tocante ao tema e outras concepções advieram de seus letramentos.

Durante o período em que atuei como docente, lancei mão das tecnologias digitais porque acreditava que meus alunos pareciam mais interessados e colaborativos em sala de aula, pois criavam bordados que as tecnologias tradicionais não lhes conferiam essa possibilidade.

Ao sair de meu *ateliê*, para atuar na coordenação do laboratório de informática educativa, reinventei todos os meus desenhos para outro tecido que era um pouco diferente do que eu já conhecia. Agora esperava contribuir para construção de outros bordados, que contaria com a participação de outros professores-artesãos, tendente a colaborar para uso das tecnologias digitais.

Nesse norte, apresentei a meus companheiros de profissão pontos que havia aprendido no decorrer de minha prática, utilizando as novas tecnologias. Assim, fui dando sentido a esse novo contexto. Este período foi de grande importância para minha vida de aprendiz porque contribuiu para guarnecer desenhos importantes para a pesquisadora que hoje me tornei.

Em seguida, atuei na formação de professores na área de tecnologia educacional. Imaginei que bordaria outras tantas coisas que me ajudariam a edificar outros sentidos para a escola, mas observei que, mesmo apresentando aos docentes novos fios e pontos, cores e ornamentações para contornar outros desenhos para a sala de aula, nesse caminhar, muitas das vezes, acabava por cair nos velhos bordados.

Sendo assim, com uma visão de homogeneidade, de que o sujeito-professor possuía identidade única, elaborei um curso espelhado no que eu gostava, imaginando que os outros docentes também o quisessem para sua aprendizagem.

Nessa conjuntura, o curso “Linguagem e Tecnologia Digital”, na modalidade semipresencial, duração de 80 horas, emergiu para ser ministrado aos professores da rede de ensino de Sinop-MT, no Núcleo Tecnológico Municipal, responsável pela formação de professores na área de tecnologia educacional. O curso enfeixou discussões teóricas e práticas com oficinas que os ensinavam a manusear e utilizar as tecnologias no âmbito pedagógico. Este curso foi replanejado durante seus dois anos de existência, pois, de um ano para outro, sempre modificava, renovando os recursos a serem explorados.

No segundo ano do curso, incluí as redes sociais na agenda de estudos. Fazendo assim, trouxe a discussão referente ao *Facebook*,³ porque observava que os alunos se apropriavam dessa rede social com frequência e alguns até postavam questionamentos e reflexões relevantes que suscitavam outras práticas de letramentos, diferentes da escola.

No momento atual, entendo que vivemos um período de reinvenção, de recriação do processo educacional (TAPSCOTT, 2010). Para tal, uma das questões sugestivas a repensar é a assimetria entre professores e alunos, requerendo negociações entre os sujeitos envolvidos para se organizarem de tal forma que ambos possam ter direito de expor suas vozes. Por outras palavras, que a escola não se apresente como o lugar de apenas ensinar, mas como local de aprender com o outro, e que se valorizem os

³ *Facebook* é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004. Os usuários devem se registrar antes de utilizá-lo. Após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse e criar comunidades. O nome do serviço faz referência ao nome coloquial do livro dado aos alunos, no início do ano letivo, por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos para ajudá-los a conhecerem uns aos outros.

multiletramentos provenientes de cada cultura (COPE & KALANTZIS, 2000; ROJO, 2012).

O discente atual, em alguns momentos, entreabre identidades pelas quais deixa de ser mero espectador, para ser agente, construtor de seu próprio conhecimento e questionador, inclusive, da escola a qual frequenta. Com o avanço das redes de informação, percebo – apoiada em minha experiência docente, aliada a estudos teóricos – certo descontentamento em relação à escola. Pesquisas recentes (TAPSCOTT, 2010; SIBILIA, 2012) salientam que alguns jovens vivenciam o processo de deslocamento de seus corpos de um lugar para outro em dispositivos eletrônicos.

Nesse aspecto, a escola, uma das instituições que mais têm tido contato com a complexidade humana e com letramentos diversos, parece estar com contornos de épocas anteriores, sem se dar conta de que transformações culturais, sociais e históricas ocorreram e que novos conhecimentos precisam ser considerados para o atual momento histórico. Sibilía (2012, p.13), a esse respeito, argumenta que “a escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI”.

Sendo assim, diante das discussões sobre o uso das tecnologias digitais no universo escolar, parece que a tendência é que as redes sociais se tornem instrumentos que potencializem outras agências⁴ no sujeito, cujo fator deveria ser considerado pela escola.

Partindo disso, no estudo já mencionado, realizado com os professores que participaram do curso “Linguagem e Tecnologia Digital” ministrado no município de Sinop-MT, discuti as mudanças no perfil do aluno da atualidade e o que as redes sociais poderiam contribuir para a postura do educando contemporâneo. Todavia, ao final do curso, dentre todos os recursos tecnológicos apresentados, ninguém fez uso do *Facebook* para práticas educacionais. Isto me fez refletir: por que os professores não recorreram a essa ferramenta tão popular entre os alunos?

Em resposta a essa indagação, propus me entrelaçar em fios de pesquisas com o foco não mais no professor, mas no aluno, por considerar que este tem intensificado

⁴ Entendo agência de acordo com a concepção de Monte Mór (2013). Na perspectiva da pesquisadora, todos somos capazes de agir e tomar iniciativa e não somente reproduzir ações, repetindo-as de forma condicionada.

outras práticas de letramentos em seu cotidiano, muitas dessas ignoradas pela escola (ROJO, 2009). Para tal pensamento, despertou minha atenção à comunidade “Diário de Classe”, criada, no *Facebook*, por uma aluna do ensino fundamental de Florianópolis, Santa Catarina, que principiou discussões e questionamentos em suas postagens sobre o universo escolar, provocando muitos debates na mídia. Defino comunidade, discutida com profundidade maior no referencial teórico, não como detentora de significado único, já que, principalmente com o advento da internet, o conceito de comunidade não pode ser considerado em harmonia com sua definição de origem (MOCELLIM, 2011).

Compreendi, antecipadamente, que a referida comunidade poderia ser objeto de estudo para me ofertar pistas sobre a concepção de alguns discentes diante da escola, e se estes poderiam, de fato, dar sentido às tecnologias digitais em suas práticas. Parece-me que, neste momento histórico, no qual as redes sociais da internet tornaram instrumento de poder e participação social para a sociedade (GUZZI, 2010), alguns alunos buscam explorar este ambiente com a finalidade de interrogar os problemas de sua escola.

Ancorada na necessidade de entender o discurso⁵ de uma aluna de uma comunidade virtual do *Facebook*, “Diário de Classe”, foi traçado o objetivo principal, pontuados, seguidamente, por três objetivos específicos:

1) Investigar, por meio do “Diário de Classe”, como uma aluna da contemporaneidade e usuária de redes sociais constrói, em seus discursos, a escola da atualidade.

- Analisar os discursos representados da discente, no referente às questões escolares;

⁵ Nesta dissertação, trato o termo discurso levando em linha de conta o pensar de Fairclough (2001), que o entende como prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isto implica que o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. No discurso coexistem e interagem três funções da linguagem e as dimensões de sentido: as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’. A função identitária se relaciona aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso. A relacional é como as relações sociais, entre os participantes do discurso, são representadas e negociadas. Já a ideacional alude aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. Portanto, não desconsiderando as demais funções, focalizo a última (ideacional), porque interpreto os textos (postagens) da discente do “Diário de Classe”, tratando-os(as) como tecnologias de significado para a escola.

- Verificar o papel das redes sociais ao redor desta aluna da contemporaneidade;
- Identificar, alicerçado nos discursos, a posição da escola no tocante às práticas discursivas da discente;

Com base nesses objetivos, foram elaboradas estas perguntas de pesquisa, como forma de balizar as questões levantadas.

- 1) De que forma a aluna da comunidade “Diário de Classe” constrói seus discursos à volta da escola contemporânea?
- 2) Como a escola reage aos discursos proferidos pela discente?
- 3) Qual é o sentido conferido às tecnologias digitais por esta discente?

Nessa perspectiva, pontuo que este trabalho faz parte do campo de estudos da Linguística Aplicada (LA), pois analisa a linguagem utilizada na comunidade do *Facebook* para compreender questões que discutem a educação em suas perspectivas sociais, históricas e culturais. Moita Lopes (2006, p.96) ressalta: “parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e o histórico. Essa é, aliás, uma condição para que a LA possa falar à vida contemporânea”.

Portanto, enveredo meu caminho para uma visão crítica proposta por Rajagopalan (2003), ao defender que a pesquisa que contempla a teoria crítica precisa assumir papel de relevância para a vida pessoal e social, possibilitando mudar as coisas, ao invés de apenas descrevê-las e fazer teorias mirabolantes em torno delas.

Estas palavras introdutórias tiveram como intuito apresentar as razões que me levaram à escolha desta investigação. Por igual, pretendi introduzir o tema e a finalidade desta dissertação, bem como demonstrar, brevemente que fosse, a perspectiva teórica a respeito da educação e a relação com tecnologias digitais. Além deste capítulo introdutório, este estudo compreende dois capítulos e a seção final.

No primeiro capítulo, empreendo discussão atinente à educação na contemporaneidade. Para embasar esses pressupostos teóricos, escolho enfatizar sobre discurso e poder, compreendendo que ambos se entrelaçam nas práticas sociais, em seguida à construção do sujeito-aluno, que vivencia um momento de complexidade no contexto escolar, em virtude da existência de outros ambientes (digitais) que podem propiciar letramentos. Igualmente, ofereço contribuições concernentes a redes sociais da

internet, *Facebook* e comunidades. Posteriormente, acerco-me das noções de multiletramentos e letramentos críticos.

No segundo capítulo, desfilo o contexto da pesquisa e a metodologia empregada nesta investigação, apontando detalhes referente a coleta de dados sobre a participante, esmiuçando os procedimentos de análise.

O terceiro capítulo expõe a análise dos dados que possibilitaram trazer algumas respostas para meus questionamentos de pesquisadora.

Na discussão final, empreendo breve retomada discutindo as perguntas de pesquisa e os resultados da análise dos dados. Debato também sobre a aprendizagem desenhada pela pesquisadora, as contribuições que este estudo pode oferecer a outros artesãos para produção de significados nos *ateliês* da sociedade, em especial a escola contemporânea, assinalando as limitações que toda pesquisa pode esboçar.

Em seguida, no capítulo 1, convido os leitores para o capítulo teórico, no qual guarneço breve conceitualização de discurso entrelaçado por poder. Discuto sobre o aluno contemporâneo com suas identificações e sua relação com a escola, e esta com o aluno. Igualmente, debato algumas questões relativas a redes sociais, *Facebook*, comunidades e os letramentos, que tendem a permear o cotidiano dos discentes trazendo implicações para o contexto escolar.

CAPÍTULO 1

Pontos teóricos - Educação na contemporaneidade: o desenho mudou?

*No ato de desenhar
está implícita uma conversa entre o pensar e o fazer,
entre o que está dentro e o que está fora.
Recebem-se inúmeros estímulos a todos instantes.
Relacionando alguns, selecionando outros, valorizando, negando.
É desse movimento interno que vão surgindo
as configurações e constelações de significados
que irão se transformar em futuros entes gráficos.
(Autor: Frederico Moraes)⁶*

Este capítulo encarta a fundamentação teórica deste trabalho. Início com breve contextualização de discurso e poder. Logo em seguida, discuto a respeito do sujeito-aluno e suas identidades com o fim de ressaltar que, na escola atual, encontramos um novo discente moldado em experiências digitais, que vive antenado com o processo de identificações que podem ser confrontadas com as demandas de letramentos escolares mais tradicionais.

Trago, igualmente, algumas reflexões sobre a escola e a relação saber-poder com a finalidade de entender a complexidade educacional em nosso momento histórico. Na sequência, destaco alguns conceitos sobre as redes sociais da internet (RSIs), *Facebook* e comunidades virtuais. Após isso, examino as consequências das RSIs na prática educacional. Por fim, apresento uma resenha crítica sobre a noção de letramentos como subsídios para que possamos entender redes sociais como práticas de letramentos.

1.1 Entrelaçando fios entre discurso e poder

Para iniciar o desenho teórico, denoto a necessidade de trazer breve conceitualização do termo “poder” (FOUCAULT, 2012; 1998), entremeado por discurso na perspectiva de Fairclough (2001) e Foucault (2012), já que este trabalho se

⁶ Texto retirado do blog <http://grupoartehibrida.blogspot.com.br>. Acesso em 22-05-2014

alicerça no estudo de uma aluna de redes sociais imersa por discursos sociais. Assim, não podemos considerar o discurso dissociado de práticas de poder. De acordo com Fairclough (2001, p. 91), o discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Nesse sentido, ao agir sobre o mundo e sobre os outros, o discurso se constitui como uma das formas de poder. Foucault (2012) a respeito dessa questão advoga que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, pelo qual se bate, o poder do qual nos queremos apoderar.

Desse modo, o poder é manifesto por sujeitos diferenciados no discurso que desempenham papéis sociais diversos, e relações sociais que se pautam por assimetrias, seja para assegurar a manutenção do poder daqueles que o detêm, seja para romper com tais estruturas sociais através da mudança social. (SYLVESTRE, 2013)

Portanto, o poder não pode ser visto apenas como algo negativo, mas algo entremeado nos discursos da sociedade, por meio de relações inerentes a cada contexto específico. Isso infere que as práticas discursivas não são neutras, dado que os sujeitos materializam seus discursos para exercer seus diferentes papéis sociais.

Para que esse poder se materialize com sucesso, Fairclough (2001) assevera ser importante que os mecanismos de dominação não sejam evidentes. Essa percepção remete ao fato de que o poder pode ser camuflado, uma vez que ele pode estar embutido em manifestações, cujos argumentos geram em torno de conquistas por interesses comuns (DIJK, 2008).

Para tanto, a linguagem constitui importante componente para as práticas discursivas. No entanto, estas transcendem a língua e suas estruturas quando vistas como práticas sociais. Por isso, Fairclough (2001), ao tecer ênfase sobre o discurso, expressa que este depende da linguagem como prática e não como atividade puramente individual, ou reflexo de variáveis situacionais. O entender discurso como prática social pressupõe que o poder não é situado em apenas um sujeito ou em uma instituição, como se pensa. O poder é distribuído entre os sujeitos sociais. Pueril é acreditar, sobretudo, nos dias que correm, que o poder se encontra apenas nas mãos de um ou que permanecerá inquestionável por longo tempo.

Como bem define Foucault (2012), o discurso, como prática de poder, é uma maquinaria complexa e contraditória. Entendo que ora age com sistemas de exclusão e dominação, ora com vontade de igualdade e democracia. Entretanto, Foucault (2012) expõe que, em meio a essas relações de poder há três sistemas de exclusão que atingem o discurso. A palavra proibida – interdição – se refere ao direito privilegiado daquele que fala, suprimindo a palavra do outro. A segregação da loucura que se define ao rejeitar o discurso do louco com base na oposição entre razão e loucura. O desejo de verdade em superioridade ao falso, sendo a verdade uma das características de muitas instituições para legitimação de seus discursos.

Nesse sentido, após essa definição que se entrelaça durante todo o desenho deste trabalho, procuro dar continuidade aos debates discutindo a respeito do sujeito-aluno contemporâneo, que necessita ser visto com suas diferentes identificações.

1.2 A construção do sujeito-aluno contemporâneo

Proponho bordar, nesta seção, pontos significativos para enfatizar a construção do sujeito-aluno na contemporaneidade. Para esta questão, primordial é pensar na identidade do sujeito, já que a instituição escolar precisa ser considerada em sua complexidade.

É questionável que determinadas transformações ocorridas, no andar dos séculos, são oriundas de questões sócio-históricas e culturais. Em outras palavras, qualquer modificação, no âmbito da sociedade, não é algo simples, casual, tampouco estático. Ela emerge em determinado contexto, implicando, dessa forma, nas construções identitárias dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, tudo se configura entre a (des)ordem das coisas do mundo e dos sujeitos que o compõem, por meio de uma instabilidade que se instaura a cada novo contexto social. Em muito, as discussões evidenciadas a propósito de identidades vêm salientando que o mundo não é mais o mesmo. No entanto, instituições sociais, como a escola e a religião, se afiguram no tratar o sujeito como homogêneo.

Para melhor esclarecer essa discussão, Hall (1997) assevera que há três vertentes que orientam a reflexão relativa à identidade. Uma de traços iluminista, outra de caráter

sociológico e a última com um viés mais pós-moderno. Para a primeira, a identidade era o centro do indivíduo, este nascia e se desenvolvia preservando sua essência ao longo de sua existência. Para a segunda, o núcleo do sujeito não era formado por si só, mas em sua relação com os outros. Esta concepção defende que a identidade se formava pela interação, entre o eu e a sociedade. A terceira, por sua vez, resulta numa concepção de sujeito contraditório e conflituoso fundido em diferentes identificações.

Sobre esta questão, e para contribuir no respeitante à instituição escolar, Sacristán (2005, p.17) afirma que “o mundo mudou, os alunos também. Teremos de alterar nossas representações do mundo e dos alunos”. É compreensível que – se algumas mudanças sucederam em nosso entorno e nas pessoas que o compõem – as instituições também poderiam compartilhar da compreensão que não há nada estático. Por isso reinventar parece ser um dos caminhos para entrar em diálogo com as necessidades sociais.

Um dos pontos a ser evidenciado, com ênfase nesta reflexão, é sobre os conflitos que, há tempos, a escola vivencia em relação a alguns alunos. A tendência é o que nos parece que o descompasso entre escola e alunos persista, pois essa instituição exhibe sinais de que não considera a diversidade de identidades no ambiente educacional.

A discussão conclama que o aluno atual parece não querer apenas ouvir as informações sentadas em bancos escolares. Desejam, pelo contrário, agenciar outros modos de construir saberes. No entanto, Sibilia (2012), com base no pensamento foucaultiano, discute que o processo educacional, em muitas situações, ainda busca pôr em prática a pedagogia do século XVIII que tinha como objetivo: disciplinar, civilizar e moralizar.

Nessa perspectiva, parece evidente que as bases escolares se constituíram na tentativa de homogeneizar o aluno em torno de uma identidade única, cuja prioridade consistiria, primeiramente, em disciplinar e, depois, em conduzi-lo para aprender o conteúdo organizado pela escola, com ênfase em um arbitrário cultural⁷ (BOURDIEU,

⁷ Nogueira & Nogueira (p. 36, 2007) explicam a concepção de Bourdieu sobre “arbitrário cultural”, em que este defende que “nenhuma cultura pode ser objetivamente definida como superior a outra. Os valores e significados que orientam cada grupo social em suas atitudes e comportamento seriam, por definição, arbitrários, não estando, portanto, fundamentados em nenhuma razão objetiva, universal”. Em conclusão, para Bourdieu, “a cultura escolar, socialmente legitimada, seria a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes”.

1989). Com foco nos preceitos discutidos, é sugestivo que a escola da atualidade compreenda que não é mais tempo de educar os iguais, mas reinventar maneiras de ensinar e aprender com os diferentes. Contudo, muitas vezes, como professora, volto-me a meu pensamento e deparo uma professora desejosa de assumir uma identidade profissional que almejava o silêncio da sala de aula e do saber de autoridade docente.

Sibilia (2012) ressalta que essa aspiração é fruto de arraigadas concepções educacionais que nos cercam. Em contrapartida, parece-nos que alguns alunos desejam participar mais ativamente na construção de sua aprendizagem. Nesse viés, o discente deste século tem muito a contribuir, principalmente se levarmos em conta que este participa de outras experiências de letramento, a exemplo das redes sociais. Portanto, sugerimos que a escola valorize esses conhecimentos para que possamos aprender com a diferença, sem fazer disso um processo de exclusão.

Ainda sobre esse pensamento, observo que a escola insiste em um pensamento essencialista. Entretanto, não é fácil para ela – uma instituição carregada de historicidade – adaptar-se a esse processo de mudança diante das crises que parecem desembocar no contexto escolar. Sibilia (2012, p. 21) tece este esclarecimento.

[...] a educação formal constituiu um importante braço armado do Iluminismo: além de desenvolver seus ímpetus modernizantes e secularizadores, libertando o soberano das trevas da ignorância, também acabou sendo um forte movimento de uniformização cultural, capaz de desqualificar e asfixiar sob sua hegemonia racionalista todas as (muitas) manifestações consideradas inferiores.

Mediante esta conjuntura, é desafiador romper com a essência presente no contexto educacional, pois a sociedade traz indicativos de que foi educada com forte influência iluminista. Por isso, os discursos de alunos e professores, em não poucas situações, são permeados por contradições, uma vez que, em alguns aspectos, anseiam por mudanças e, ao mesmo tempo, em suas ações reproduzem um discurso hegemônico⁸. Não é tarefa fácil para os docentes reinventar suas práticas após décadas de construção de uma identidade que parecia ser apropriada para o âmbito escolar.

⁸ Para versar o discurso hegemônico, considero a perspectiva de Fairclough (2001) que advoga o conceito de hegemonia, tendo-o como uma das formas para analisar a prática social a qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias com base nas ordens de discurso existentes.

Nesse andar, é sugestivo nos termos em algumas questões, dentre as quais sobressai o currículo educacional que ainda prioriza aspectos incoerentes que privilegia uma cultura arbitrária (BOURDIEU, 1989). Haja vista que a escola enfatiza a cultura predominante com foco nos letramentos formais, em detrimento da cultura popular (letramentos não escolares). Outro fator destacado é a ementa que se mantém tipográfica, como se as mentes dos alunos do presente funcionassem nesses preceitos.

Castells & Cardoso (2005) defendem que a sociedade está cada vez mais formada por redes. Assim, é comum que alunos da atualidade estejam muito mais aptos a lidar em redes colaborativas, comparados aos de outrora. Já Taspcott (2010) questiona o velho modelo do docente emissor em que o receptor recebe a informação de maneira linear e unidirecional.

Assim, é conveniente ressaltar que os sujeitos-alunos tendem a assumir posturas complexas, nas quais se utilizam de instrumentos para práticas de poder, a exemplo das redes sociais, conducentes a tentar ressignificar suas ações que sugerem implicações no contexto escolar. A tendência é que tensões aflorem na escola pelas diferentes pretensões. A esse respeito, é comum que alguns educadores conclamem por uma escola essencialista por acreditar que os alunos respeitavam mais e aprendiam de forma mais satisfatória.

De fato, houve períodos em que o modelo de educação priorizada pela escola – com base no ensino tradicional no qual o professor falava e o aluno ouvia – prevaleceu como verdade, e a disciplina como *habitus*⁹ escolares surtiu efeito para aquele contexto histórico. Já para os tempos contemporâneos, de acordo com as mudanças globais ocorridas, os sujeitos também são modificados, e estes, de igual modo alteram o mundo. Nada permanece estático, por isso Hall (1997) defende que um sujeito não possui identidade fixa, mas identificações nas quais assume papéis diferentes no curso de várias situações.

⁹ Para Wacquant (2007), este pensamento foi recuperado depois dos anos de 1960 pelo sociólogo Pierre Bourdieu, para relacionar a capacidade de determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir. Seu significado gira em torno de noções aristotélicas que destacam o estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, nossa conduta.

O ideal não é insistir em bordar o mesmo ponto para que se tenha um desenho semelhante ao construído em passo anterior. O filósofo Heráclito defende que ninguém toma banho no mesmo rio duas vezes, significando que momentos são sempre únicos e diferentes uns dos outros. Com acepções semelhantes entendo que cada bordado, mesmo arquitetado pelas mesmas mãos, nunca será igual ao que já foi feito antes. Deste modo, é alusivo que a escola desconstrua os bordados existentes e crie outros, em parceria com os alunos, de maneira que estas construções não se tornem unificadas.

Em decorrência disso, os sujeitos-alunos, em sua maioria, se identificam com as tecnologias digitais por serem instrumentos que fazem parte de seu tempo. A escola poderia aproveitar dessa afinidade para ressignificar suas práticas escolares. Sibilia (2012, p.176) nos adverte de que o ambiente escolar não está mais afeiçoado às aspirações dos jovens da atualidade.

Talvez o que esteja acontecendo é que a vigilância centralizada, o confinamento com horários fixos e as pequenas sanções que imperavam nas instituições típicas do século XIX e XX, como a escola, a fábrica e a prisão, já não são mais necessários para transformar seus habitantes em corpos “dóceis e úteis”. Tudo isso deixou de ser fundamental – e nem sequer seria eficaz – para convertê-los em subjetividades compatíveis com os ritmos do mundo atual.

Não se pode negar que a informação se tornou mais acessível com a disseminação da internet. Os usuários-alunos, frequentemente, fazem a escola repensar as culturas consideradas desprivilegiadas, já que os letramentos informais fazem parte do cotidiano desses jovens (ROJO, 2009; 2012). Sendo assim, o uso da tecnologia, como forma de reinventar o processo de aprender, traduz proposta a ser avaliada pelo sistema escolar. Fato prosaico é que esse atual modelo tecnológico é performático, em relação às tecnologias anteriores (televisão, rádio, quadro, giz), porque permite customizar o que já existe. As ações de recriar formas diferentes às do outro, com uso das tecnologias, são entendidas, por Rojo (2012), como “novas estéticas”.

O professor pode adaptar – com auxílio de seu próprio aluno – conteúdo que parecia linear para torná-lo hipertextual ou multimodal, uma vez que cada grupo ou cada sujeito pode usufruir de uma mesma tecnologia de maneiras distintas.

Nesse mesmo sentido, Castells & Cardoso (2005) esclarecem que a tecnologia não determina a sociedade, é ela que dá forma à tecnologia de acordo com as

necessidades, valores e interesses das pessoas que as utilizam. Sobre essa proposição, reafirmo que a escola necessita repensar suas práticas educacionais. Acredito que, sendo assim, ela poderia esboçar um bordado mais relevante para os sujeitos lá mergulhados.

Portanto, leitor, essa discussão, desenvolvida até aqui, surgiu com intuito de questionar a forma pela qual a escola vem concebendo a existência do sujeito-aluno contemporâneo. As tensões ocorridas no ambiente escolar, em boa parte, são ocasionadas pela complexidade dos sujeitos que compõem esta instituição. A escola, ao contrário, tende a homogeneizá-los e desvalorizar os letramentos e multiletramentos, sedimentando suas práticas com ênfase em culturas arbitrárias (BOURDIEU 1989), privilegiando uma cultura em detrimento da outra.

Conseqüentemente, o sujeito-aluno atual é fruto de uma construção sócio-histórico-cultural que parece não se harmonizar com os postulados desejados pela escola. Embora, nos discursos hegemônicos, indiquem o despontar de mudanças significativas nas instituições educacionais, advindas de orientações curriculares mais atualizadas, ainda figuram modelos, nas práticas escolares, bastante arraigados de uma cultura mais tradicional de ensino.

Esta percepção se reveste de uma importância contundente para que se questione o papel da escola perante a existência de um sujeito-aluno que vem sendo sustentado pela ambivalência escolar, pois, de um lado, a escola parece conservar sua historicidade, mantendo alguns traços herdados do iluminismo/modernismo, por outro os sujeitos-alunos da geração contemporânea parecem aspirar por uma escola transformada, que pode, no entanto, se apresentar também contraditória em seus discursos, por força dos *habitus* internalizados.

As contraditoriedades dos sujeitos podem estar relacionadas com as transformações tecnológicas, especialmente com o uso das redes sociais. Observo que alguns discentes se valem dessa ferramenta para elaborar interrogações sobre o ambiente escolar, que de sua vez, ora veem a escola como local de aprendizagens, ora como um local descontextualizado de suas vivências, reclamando atualizações. Assim, a escola parece, cada vez mais, deparar com um aluno com outros letramentos que não aqueles que lhe eram usuais. Desse modo, exibo outros pontos na próxima seção, enfatizando as redes sociais como possibilidade na construção de outros saberes.

1.3 Redes Sociais da Internet (RSIs) – outro contorno para a educação

Na presente seção, cabe debater sobre a incidência das redes sociais on-line como ferramenta de construção de sentido para a participação social (GUZZI, 2010), inferindo, assim, uma nova configuração histórica e cultural para contornar a educação contemporânea. Estudiosos (LÈVY, 1999; ARAÚJO, 2007; TAPSCOTT, 2010, *et al.*) referenciam mudanças significativas na postura dos sujeitos com o advento da internet, mais proficuamente com a existência da Web 2.0, que trouxe a possibilidade de os usuários serem mais colaborativos por meio de uma linguagem multimodal (textos, imagens, sons, vídeos).

Conforme evidenciado pelos pesquisadores, as tecnologias são instrumentos importantes para a sociedade, porém é indulgente ressaltar, na trilha do pensamento de Jesus (2007, p. 21-22): “não é a tecnologia em si que impele nova ordem social, mas o ser humano que se apropria dela e a interpreta”.

Para discutir em relação aos significados dados pelos sujeitos para a tecnologia digital, insiro algumas considerações em torno do que Santaella & Lemos (2010) discorrem sobre redes sociais da internet (RSIs), no que diz respeito aos aspectos de conectividade, mobilidade e ubiquidade abordados por Santaella (2010), aos quais os sujeitos podem estar conectados em dispositivos móveis, em vários lugares ao mesmo tempo. Em seguida, desenho alguns conceitos concernentes à rede social, *Facebook*, na perspectiva de Rosa & Santos (2013). Igualmente, discuto alguns conceitos de comunidade para ressignificá-la à luz da contemporaneidade. Por fim, concluo esta seção sobre a agência dos jovens com o advento das tecnologias digitais, que sugerem outros sentidos em termos de participação social e, de mesmo modo, para a educação.

Segundo Santaella (2010), redes sociais é um conceito mais amplo do que aqueles empregados para designá-las no universo da internet. A autora nos adverte de que nem todas as redes podem ser consideradas sociais, com foco nos sujeitos humanos como atores protagonistas de sua constituição. Ela acrescenta que o termo redes visita outras áreas do conhecimento. É nas ciências sociais, no entanto, que as redes surgem como instrumento social que classifica sistemas de relações sociais, de poder, ou modos de organização, empresa-rede.

Partindo desse pressuposto, Santaella & Lemos (2010) contornam o caminho traçado pela internet em 1990, evidenciando-a como uma rede monomodal em que os sujeitos tinham suas experiências individuais de acesso por um dado ponto da rede. Com o aumento dos nós da rede e com a ressignificação das modalidades de comunicação, outros nós estratégicos foram se formando para atender interesses compartilhados. Santaella & Lemos (2010), na perspectiva de Hornik (2005), desenham as três fases distintas da evolução das redes sociais:

- a) Redes 1.0: coordenação em tempo real entre usuários (ICQ, MSN);
- b) Redes 2.0: entretenimento, contatos profissionais, *marketing* social (*Orkut*, *MySpace*);
- c) Redes 3.0: aplicativos e mobilidade (*Facebook*, *Twitter*).

Então, como vimos na categorização das autoras, as redes monomodais evoluem até chegar o momento de surgirem as multimodais. Com essas mudanças, Santaella (2010) ressalta a conectividade, a mobilidade e a ubiquidade que fazem parte das RSIs. Conectividade porque, por meio da internet, os sujeitos podem estar conectados pelos nós da rede escolhendo suas conexões – o que/com quem conectar – para consumir, produzir, compartilhar, cooperar, colaborar, em meio a outros fatores. Mobilidade pelo entrelaçamento móvel dos aplicativos e redes, mas também pelo entrelaçamento entre coleta de dados em tempo real. Ubiquidade, característica pela qual um mesmo sujeito pode estar ao mesmo tempo em lugares diferentes, utilizando-se de seus dispositivos móveis. É nessa conjuntura que as redes sociais da internet, em meu entendimento, ganham grande expressividade porque agora não é apenas a conectividade, mas a mobilidade e a ubiquidade que conferem uma ruptura com algumas estruturas sociais preestabelecidas. A distância parece não ser mais problema dos sujeitos. Podem participar, interagir e compartilhar suas aspirações em tempo real.

Desse modo, não podemos deixar de destacar o *Facebook* neste contexto em alusão à Santaella & Lemos (2010) e Santaella (2010) que tratam a respeito de redes sociais da internet.

Para tanto, priorizo Rosa & Santos (2013), em discussão ao *Facebook*, expressando que essa rede social foi criada em 2004 e, desta data em diante, tornou-se símbolo de representatividade em nível mundial, exprimindo crescente popularidade em território nacional, por ser de fácil acesso e uso. Uma vez se cadastrando com um e-mail

e senha, os usuários podem ter acesso aos serviços do site para adicionar amigos, publicar, enviar mensagens, compartilhar, curtir, participar de grupos e criar comunidades. Além disso, o *Facebook* conta com os serviços de parceiros que aumentam seus recursos para consumo dos usuários. Assim, o *Facebook* tem se tornado rede de interação, entretenimento, participação social, publicidade pessoal/profissional, relacionamentos e finalidades específicas (ROSA & SANTOS, 2013).

Embora não discorde dos autores que o *Facebook* atenda todas essas peculiaridades, detenho-me na participação social/ativismo, que os usuários utilizam para debates e mobilizações sociais. Para Rosa & Santos (2010, p. 74), esse tipo de uso “assemelha-se à interação mediada, porém difere deste último por estar relacionado à intenção de publicar pontos de vista considerados polêmicos, de gerar discussões sobre questões sensíveis e de interagir em prol de concepções pessoais e de temas de relevância pública”.

Toda essa participação pode ser entremeada por algumas possibilidades que o *Facebook* não restringe, no caso dos *fakes* (perfis falsos), em que os usuários preferem ocultar suas imagens. Buzato & Severo (2010) acentuam que esta ocultação pode ser uma ilusão de que se está livre na rede. Em síntese Santaella (2010) entende que as redes sociais da internet são sistemas complexos, em que os sujeitos se apropriam e realizam ações diferenciadas. Entretanto, a autora ressalta que todo *design* incorpora um sentido. Certamente, o *design* do *Facebook* não é neutro, exaspera fatores de subjetividades pelas quais os sujeitos se apropriam para atender aos ideais de uma sociedade capitalista que se situa entre relações de poder, vigilância, consumismo, em meio a outros ideais inerentes a contemporaneidade.

Para tanto, ao continuar as reflexões, detenho-me em expor sobre o significado de comunidade, que exprime um desenho importante nas redes sociais porque sua existência esta imersa por discursos que apontam representatividade social.

Ainda que meu estudo não focalize os comentários gerados em torno das postagens de uma discente, usuária de redes sociais, que trazem “ecos discursivos” da sociedade, entendo ser pertinente definir alguns aspectos que parecem obscuros a respeito do conceito de comunidade. Esse esclarecimento tem como finalidade explicitar ao leitor essa concepção, já que todo texto discursivo, que faz parte do *corpus* de pesquisa, se apresentou dentro de uma comunidade “Diário de Classe”. Para tal,

respaldo-me, principalmente, nos estudos de Peruzzo & Volpato (2009), Mocellim (2011), Recuero (2001), *et al.*

Para esses autores, comunidade é um conceito das ciências sociais, advindo da Sociologia Clássica. Nesse sentido, a acepção de comunidade ainda é muito acorrentada à solidariedade. Mocellim (2011, p.106) expõe que o pensamento está relacionado com o fato de ser “o lugar onde podemos encontrar os semelhantes e com eles compartilhar valores e visões de mundo. Também significa segurança, e é nela que encontramos proteção contra os perigos externos, bem como apoio para os problemas pelos quais passamos”.

Tönnies (1995) avigora o entendimento partilhado acima, assegurando que esta visão emana da ideia de família e de pertencimento. Esta concepção é análoga à estabilidade que começou a ser contestada devido às complexidades da sociedade. De consequência, a vida comunitária se opõe à vida societária. Na primeira, predomina a homogeneidade, por meio da qual se determinam os princípios de grupo; na segunda, a heterogeneidade, que direciona para as ações individuais de seus membros. Entretanto, Mocellim (2011) afirma, com base na visão de Tönnies e Weber, que, em verdade, comunidade e sociedade se entrelaçam.

Em contrapartida, inúmeras discussões são travadas sobre o assunto, porém não se pode ter com precisão um conceito definido para “comunidade”. Mocellim (2011, p. 106 e 109), acrescenta que “não há ainda uma definição que seja hegemônica no debate sobre tal conceito”. Ainda esclarece que “sua importância permanece tal, que o debate em torno de sua definição, ou redefinição, é contínuo, adentrando a teoria social contemporânea”.

É estimável a importância da comunidade para os estudos sociais, contudo, sua concepção não pode ser sedimentada em sua essência, pois o mundo se tornou pluralizado e a definição de origem já não corresponde à expansão desse conceito. Costa (2005, p. 239) argumenta:

O que os recentes analistas de redes apontam é para a necessidade de uma *mudança* no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas. De fato, se focarmos diretamente os laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, teremos uma imagem das relações interpessoais bem diferente daquela com a qual nos habituamos. Isso nos remete a uma transmutação do conceito de “comunidade” em “rede social”.

Portanto, estudos recentes encartam uma (re)significação do termo comunidade para a atualidade. Com o surgimento da internet e com advento das comunicações mediadas por computador, modelos instáveis de comunidade passaram a existir. Recuero (2001) define as comunidades da internet como “comunidades virtuais”. Esta terminologia é decorrente dos agrupamentos existentes no ciberespaço. As comunidades virtuais são grupos sociais que emergem da rede de internet, com intuito de levar adiante discussões públicas no decurso de um tempo suficiente e, assim, formam redes de relações sociais, pelas quais se organizam em comunidades.

Corrêa (2004) defende que isto ocorre porque o homem, cada vez mais, sente a necessidade de se integrar em grupos sociais, cujos integrantes tenham certa identificação. Todavia, no interior de uma comunidade, podem surgir opiniões contraditórias e conflitantes que permitirão construir debates e discussões relevantes.

Nesse sentido, a relação entre as pessoas do “Diário de Classe” se configura por laços fracos¹⁰, mesmo com a grande quantidade de participação em que se fundamentam discussões harmoniosas e conflituosas. No entanto, este espaço, no qual imergi para pesquisar meu sujeito de pesquisa, atende aos pressupostos de uma comunidade, pois não acolhe a um conceito predeterminado de comunidade. Contudo, por suas características, esta entra em sintonia com o conceito de redes sociais, formando, assim, uma comunidade que visa discutir assuntos relacionados com os problemas escolares.

Nessa marcha, as tecnologias de informação e comunicação parecem desempenhar significância para a construção de sentido, sobretudo para os jovens da

¹⁰ To Wellman (2001, p. 7), “ties consist of one or more specific relationships, such as kinship, frequent contact, information flows, conflict or emotional support. The interconnection of these ties channel resources to specific structural locations in social systems. The pattern of these relationships – the social network structure – organize systems of exchange, control, dependency, cooperation and conflict.”

Para Wellman (2001, p.7), laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interligação destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões dessas relações - a estrutura da rede social - organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito. (*Tradução minha*)

De acordo com Granovetter (1973, p.136), *apud* Recuero (2009), os laços sociais também podem ser *fortes* e *fracos*. Recuero (2009, p.41) explica que “laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre pessoas. **Os laços fracos**, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas”. (*grifo meu*)

geração digital. É por meio das comunidades existentes nas redes sociais da internet que a juventude está exteriorizando muitas de suas aspirações.

Tapscott (2010) defende que os jovens da geração internet adquiriram posturas distintas dos jovens da geração anterior, que se comportavam mais como meros espectadores. Na atualidade, comumente, a nova geração parece estar mais acostumada a fazer uso de tecnologias que trazem implicações imediatas para a vida. Castells (1999) contorna dizendo que a geração moderna sente necessidade de *produção*, na qual se apropria da matéria para transformá-la em benefício, com a obtenção e o consumo do produto. Condiz com a *experiência* em que os sujeitos agem determinados pelos anseios de interação, devido à eterna busca de satisfação das necessidades e desejos humanos e de *poder* que se instaura na junção entre *produção* e *experiência* para impor a vontade de alguns sobre os outros, pelo emprego potencial ou real de violências físicas ou simbólicas.

Contudo, a escola está imersa em sujeitos que vivenciam esta fase em que as tecnologias são ferramentas que fazem parte do cotidiano, com o intuito de contemplar as necessidades e desejos individuais e coletivos.

Desse modo, alguns alunos estão adotando práticas concernentes à nova realidade mundial com tendências globalizadas. Em vista disso, os sujeitos tendem a se agrupar para defender seus interesses comuns, demonstrando poder perante o sistema vigente. É notório que alguns jovens estão fazendo uso das redes sociais on-line para vivenciar experiências de poder com desejos de transformações nos campos da sociedade (GUZZI, 2010, TAPSCOTT, 2010).

Para tanto, vejo que o fortalecimento de uma rede social está amarrado ao que Recuero (2009) aponta sobre os laços sociais como parte fundamental das redes sociais da internet. Em meio aos laços destacados por ela, é conveniente focar os laços fortes – aqueles que se caracterizam pela intimidade e proximidade – e os laços fracos – aqueles que se distinguem por relações esparsas, com pouca proximidade e intimidade.

Nesse sentido, é comum que os laços fracos prevaleçam nas relações de algumas redes sociais da internet, haja vista serem eles constituídos de forma esparsa, sem muita proximidade e intimidade por usuários da rede que se identificam com ideais comuns. Em virtude disso, quase sempre há uma crescente participação dos sujeitos em redes que canalizam predominância aos laços fracos.

Se bem assim, é salutar discutir que, mesmo não sendo tão íntimas as relações, a abrangência de um manifesto na atualidade parece se revestir de proporções maiores do que em outras épocas. Por isso, a incidência desses laços fracos contribuirão para reforçar o poder de tal movimento, tendente ser mais amplo, se analisado com base em redes sociais da internet.

Ao publicar nas RSIs, os sujeitos podem mobilizar outros sujeitos desterritorializando espaços para mobilizar cada vez mais sujeitos desconhecidos em apoio ao movimento. Guzzi (2010) argumenta que o sujeito, com um computador interligado à rede, pode estar em mais de um lugar simultaneamente, o que subentende que o alcance do que um usuário publica na rede é desmedido. Um exemplo citado em várias páginas da internet e jornais, dos últimos tempos, foi o caso das manifestações em 2013 contra as tarifas de ônibus, associadas às despesas da Copa do Mundo no Brasil, advertindo, desse modo, a força das redes sociais da internet, canal de poder para mobilização entre os sujeitos de várias regiões do país.

Os efeitos da ideia para tal movimento se disseminaram rapidamente em tempo real, fato esse jamais ocorrido em outros contextos históricos do país. A postura adotada por esses jovens, sobretudo os que são discentes, sugere outros sentidos em termos de letramentos, já que estes se utilizam de práticas de letramentos não escolares para efetuar discussões em redes sociais da internet, conclamando outros participantes a aderirem a seus movimentos. Quanto a tais práticas, a escola parece não priorizá-las em sala de aula (ROJO, 2009), talvez por permanecer, ainda, com sua hierarquia verticalizada.

Em vista da velocidade com que as informações foram desenhadas, dado o advento da internet e a naturalização das redes sociais entre os sujeitos, é explícito que alguns tenham se apropriado dessas ferramentas para construir comunidades visitantes a expor seus pensamentos. Haja vista que a sociedade civil contemporânea parece conclamar por transformações em vários campos da sociedade. As RSIs apresentam indícios de práticas e discursos que inserem toda uma significação em torno da participação dos sujeitos que desejam mudanças sociais (TAPSCOTT, 2010, GUZZI, 2010).

Desse modo, juventude e internet parecem intimamente ligados, apropriando-se de ferramentas digitais para *produção, experiência e poder* (CASTELLS, 1999). Em

termos de redes sociais, os jovens tendem, em algumas situações a produzir os seus discursos, a vivenciar experiências harmoniosas ou conflituosas, empoderando-se com os resultados de suas práticas.

A escola depara com sujeitos sociais, cuja relação de subordinação e poder pode ser determinante para a construção da sociedade. Leve-se em conta que os jovens da geração digital podem contribuir, significativamente, com usos da internet, especificamente das redes sociais, para desenhar possíveis mudanças sociais e culturais, com o apoio dos professores, que podem contornar uma relação menos assimétrica com seus alunos. Em contrapartida, os mesmos jovens, ao receberem uma formação escolar assentada em hierarquias verticalizadas, podem reproduzir práticas e discursos hegemônicos sem imprimir uma visão crítica concernente aos fatos.

Conforme já sugerido em outros debates, a geração digital, referenciada por Tapscott (2010) é considerada a responsável por algumas mudanças sociais. Segundo o pensar deste autor “essa geração está se engajando politicamente e vê a democracia e o governo como ferramentas essenciais para melhorar o mundo” (TAPSCOTT, 2010, p. 15). No entanto, essas mudanças tendem também a trazer marcas de um passado não tão distante quando se reporta ao contexto educacional, fator este primordial para desenhar a geração da atualidade, para a qual se mostram profícuos os usuários da internet. Sibilia (2010, p. 16-17) debate sobre a escola nestes termos:

[...] o regime escolar foi inventado algum tempo atrás em uma cultura bem definida, isto é, numa confluência espaço temporal concreta e identificável, diríamos até que recente demais para ter se arraigado a ponto de se tornar inquestionável. De fato esta instituição foi concebida com o objetivo de atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade.

De acordo com esses pressupostos, é perceptível que a geração digital recebe algumas influências do modelo educacional desenhado para atender os objetivos da modernidade. Nesse aspecto, embora a juventude do presente se mostre mais participativa, engajando-se em algumas práticas políticas e clamando por democracia, por igual, em determinados momentos, parece reproduzir práticas e discursos hegemônicos.

Conforme já discutido, em seções anteriores, de acordo com os pressupostos de Hall (1997), Hall & Woodward (2000), o processo educacional não é homogêneo, antes é marcado por complexidade. Portanto, o desejo de transformação se torna comum entre

parte dos sujeitos que a compõem. Entretanto, Scherer-Warren (2011, p. 52) expõe que “transformar” “não é só modificar a sociedade a partir do aparelho do Estado, é modificá-la também no nível das ações concretas da sociedade civil”. Em consonância com a autora, “mudar” pressupõe pensar e agir de forma crítica, propondo outros caminhos que não se igualem ou reproduzam aos já existentes. Essas mudanças também podem ser incertas, nem sempre se fazem favoráveis. Por isso, a real mudança acarreta novas posturas da sociedade, que não se resumem em posicionamentos sempre fixos e coerentes com os hegemônicos.

Nessa vertente, é ponderável pensar em caminhos que ensejam uma educação voltada para contribuir para a existência de uma sociedade mais justa, pautada no desenvolvimento do senso crítico. Portanto, é forçoso repensar os meios pelos quais a escola vem desenhando seu percurso. Toda escolha deixa algumas marcas sociais determinantes para uma sociedade. Paro (2007), com acepções semelhantes àsquelas de Bourdieu & Passeron (2009), compartilha que, na escola, ao impor uma forma de educação baseada na autoridade, os alunos, por estarem em processo de formação de sua personalidade, acabam adotando atitudes que com ela se assemelha, dissociando-se dos princípios democráticos. Ainda em termos de educação, Paro (2007) ressalta que, por isso, não é difícil, às vezes, ver no professor autoritário de hoje o aluno vítima de autoritarismo de ontem.

Em virtude das complexidades sociais, visualizo que os jovens da geração digital delineiam posturas contraditórias. É basilar discutir que esses jovens parecem estar em um período de emergência, visto que alguns se apropriam da internet para ser colaboradores e desempenhar seus papéis na coletividade, e outros tendem a resistir por força dos efeitos de uma formação, em alguns casos voltada para o individualismo. Existem alunos que estão reinventando outros modos de conceber sua aprendizagem, apropriando-se das tecnologias digitais para inovar suas experiências, hábeis a colaborar para o surgimento de uma nova sociedade (TAPSCOTT, 2010).

Todavia, surgem indícios de que outros, ao utilizarem os instrumentos tecnológicos, apenas reproduzem as práticas existentes, prevalecendo, em certos casos, sinais de individualismo, intolerância e autoritarismo que acabam gerando violência.

Em uma reportagem do Jornal Correio Braziliense¹¹, o professor e pesquisador sobre tecnologias da educação, Gilberto Lacerda, da UnB – Universidade de Brasília, afirma que as redes sociais têm propiciado aumento de violência contra alunos e educadores porque os sujeitos têm tido acesso às RSIs com intensa facilidade e se sentem mais seguros, de certa forma anônimos para esboçar suas ações. Por isso, conforme Tapscott (2010) argumenta, a relevância dos docentes saírem do palco e começarem a participar, com os alunos, da construção de um modelo educacional menos categorizado, caso queiram transformar de fato os sujeitos, convidados a ser protagonistas de uma sociedade mais crítica e que aceite mais as diferenças.

Prosseguindo as discussões, é oportuno ressaltar que tais questões levantadas nesta seção carregam implicações fundamentais nos processos de letramentos formais – priorizados pela escola – e não escolarizados – práticas cotidianas. Neste aspecto, convido os leitores a tecer outros questionamentos na seção a seguir.

1.4 Reinventando o bordado – letramentos nos fios que se entrelaçam

Os estudos de letramentos apontam que as discussões que orbitam as concepções do que seja “letrar” foram avançando de acordo com as complexidades sociais. Alfabetizar já não era mais suficiente para a sociedade com novas conjunturas. Então começou a pensar nos letramentos. Os estudos da década de 60, notadamente os do brasileiro Paulo Freire, com foco em uma “Pedagogia Libertadora”, apresentaram experiências dando um novo significado ao processo mecânico da alfabetização. A partir disso, se esboçaram contornos para prosseguir discussões sobre os letramentos nos dias atuais.

Em avanço às pesquisas sobre o tema, é conveniente focalizar que alguns pesquisadores, no início de seus estudos (KLEIMAN, 1995; ROJO, 1998; SOARES, 1999, *et al.*) tratavam o termo apenas como letramento. Em vista de perspectivas históricas advindas das complexidades da sociedade, alguns autores, tais como Rojo

¹¹http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/04/23/interna_nacional.290352/redes-sociais-contribuem-para-o-aumento-da-violencia-contra-professores-e-alunos.shtml. Acesso em 18-05-2014.

(2009 e 2012), abordam o termo, em seus estudos posteriores, de forma pluralizada, com sentido de “letramentoS”. Assim, abre-se caminho para tecer mais um fio, os “multiletramentos”, já enfatizado por Cope & Kalantzis (2000). Esta discussão foi iniciada, em 1996, por diversos pesquisadores dos letramentos em um colóquio do Grupo de Nova Londres, que via a necessidade de tratar de questões dentro da sala de aula com finalidade de amenizar os conflitos e intolerâncias que contribuía para o aumento da violência social e para a falta de futuro da juventude. (ROJO, 2012).

Nesse aspecto, para tecer reflexões sobre o contexto dos letramentos, num primeiro momento, Rojo (2009, p. 10) justifica o termo “letramentoS” por ser “um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos”. Essa definição desmonta aceções de que “letrar” é considerar apenas a leitura e a escrita como práticas de sentido. Nesses pressupostos, com um debate ampliado por Cope & Kalantzis (2000), a respeito da pedagogia de multiletramentos, salientando que Rojo (2012) também compartilha de concepções semelhantes, definem-se “multiletramentos” para engendrar questões sobre as diversidades culturais e sobre as linguagens presentes em um mundo globalizado, com olhares voltados para a multissensibilidade ou multimodalidade provenientes das tecnologias.

Em virtude de concepções teóricas, fundamenta os debates em adjacência aos letramentos e multiletramentos por entender que estes são indispensáveis para a construção deste trabalho. Rojo (2009), embasada principalmente em Hamilton (2002), assevera que a questão dos letramentos se tornou acentuada devido às observações entre os letramentos formais e os informais. Os letramentos dominantes – formais – são aqueles advindos das instituições detentoras de poder: escola, igreja, local de trabalho, sistema legal, comércio, burocracias. Seus agentes – professores, pastores, padres, advogados, juízes – são valorizados legal e culturalmente e, por isso, tornam-se poderosos na dimensão do poder de sua instituição de origem. Em contrapartida, os letramentos vernaculares – informais – são aqueles não regulados ou controlados por instituições ou organizações sociais, com sua origem na vida cotidiana e em culturas locais e, sendo assim, tendem a ser desvalorizados pela cultura oficial (ROJO, 2009). Para tanto, os novos estudos de letramentos enfatizam os letramentos informais porque envolvem as práticas cotidianas, que, por sinal, despendem importância. Haja vista que

a escola é impactada pelas diferentes culturas e sujeitos sociais com seus saberes. Entretanto, os letramentos não formais e informais precisam ser interligados para que ambos contribuam para a construção de uma sociedade mais crítica.

De conseguinte, as ponderações de Rojo (2009), com vista a seus estudos de letramentos, conduziram a algumas reflexões concernentes à escola, cujo poder inclina a ser privilegiado. A pesquisadora evidencia, no tocante aos muitos letramentos, que são influentes e valorizados no cotidiano e que a escola, por sua vez, os ignora e os desvaloriza, tais como as práticas relacionadas com a internet, no caso das redes e das comunidades virtuais. Segundo Rojo (2009), essas redes sociais são ignoradas ou até proibidas de ser acessadas em muitas instituições educacionais.

Partindo desse pressuposto, a escola figura vivenciar desafios em torno dos letramentos múltiplos concernentes às práticas letradas, com o intento de integrar letramentos formais e informais em seus contextos de aprendizagem, valorizando aspectos culturais e tecnológicos. Nesse andar, Lanshear & Knobel (2006) advogam que os letramentos envolvem uma evolução de mentalidade, uma vez que esta pode ser definida como pontos de vista e perspectivas com os quais os sujeitos experimentam o mundo, interpretam ou entendem o que eles encontram, produzindo respostas a essas experiências. Por assim ser, o termo mentalidade está enlaçado com as concepções dos sujeitos à volta de algo que não pode ser mais fixo, tampouco classificado como verdade.

Para tanto, os letramentos necessitam ser vistos pelos docentes, não como um caminho para que os alunos busquem a verdade, mas a fim de que tenham oportunidade de interpretar questões sociais sem alienar-se das estruturas de poder, mantendo relações de poder coerentes com suas concepções críticas. Maciel (2013, p. 144) complementa que “os conceitos [verdade e autenticidade] são considerados questionáveis e, por conseguinte entende a verdade como contingente, complexa, dinâmica e situada”.

Nessa perspectiva, os letramentos múltiplos e multiletramentos se destinam a propiciar propostas para relações de poder menos verticais, a fim de que as culturas consideradas desprivilegiadas possam dialogar, em uma posição horizontal, com as culturas oficiais – privilegiadas na sociedade – e, estas com a primeira, sem considerá-la verdade absoluta, antes que sejam interpretadas e ressignificadas para os contextos culturais e sociais.

Na proposta dos letramentos, emerge como indicação a perspectiva crítica, da qual se deu origem aos letramentos críticos. Coffey (2010, p. 1) advoga: “Letramento crítico é a capacidade de ler textos de uma maneira ativa, reflexiva, com a finalidade de entender melhor o poder, a desigualdade e a injustiça nas relações humanas”. Ainda adiciona que este termo deve seu nascedouro aos críticos da teoria social para desconstruir injustiças sociais e desigualdades. Coffey imprime, em complemento, que estes teóricos argumentam que as relações de poder desiguais predominam, e aqueles que estão no poder, geralmente, determinam que a verdade é para ser privilegiada. Instituições a exemplo da escolar perpetuam esses pensamentos como forma de poder.

Portanto, o autor conclama que, dentro das escolas, apenas o conhecimento formal é legitimado, excluindo, assim, os grupos considerados incapazes de contribuir para o processo de autenticação desse conhecimento. Para Camargo (2008), a verdade é a maneira de legitimar o discurso no âmbito do poder. Entretanto, esse poder, que vem imposto como forma de verdade para que o outro não possa questioná-lo, apresenta a tendência de reproduzir práticas de exclusão. Afinal, fica demarcado que somente aqueles que se enquadram nas normas sociais e da normalidade preestabelecida podem ser legitimados em seus discursos e suas práticas com indicativos de poder (FOUCAULT, 2012).

Nesse aspecto, a postura da escola, de não proporcionar discussões pertinentes às diferenças, à multiculturalidade, e as tecnologias digitais, como instrumentos de aprendizagem, tendem a reproduzir práticas e discursos hegemônicos. Haja vista que os discentes, em muitas situações, não encontram espaço na escola para debater, de forma crítica, tais questões indulgentes para a sociedade contemporânea.

No entanto, o conceito de crítica inclina a ser confuso por causa de algumas concepções teóricas. Por isso, Monte Mór (2013), para tratar de letramento crítico, estabeleceu algumas definições que permitem interpretá-las. Logo, Monte Mór (2013) explica que as noções de crítica explicitadas por ela não levam em conta a dinamicidade e historicidade que remetem a diferentes escolas teóricas. Segundo a pesquisadora, um dos conceitos de crítica mais frequente é a associação do desenvolvimento crítico com a escolaridade, em relação à qual se fundamenta em níveis altos da escala de estudo. Outro é a percepção crítica que os sujeitos têm sobre a sociedade em que vivem, não dependendo dos níveis de escolarização.

Para teóricos como Barthes (1999), *apud* Monte Mór (2013), há dois tipos de crítica: uma universitária, outra ideológica. A universitária está ligada à cientificidade, com rigor de verdade. Já a ideológica permite a subjetividade, ocorrendo por meio de interpretação. Em síntese, a concepção de crítica debatida por Monte Mór (2013) evoca para o que alguns estudiosos (BARTHES, 1999; CARRAHER, 1999 *et al.*) delimitam a crítica, manifestando-se na órbita das oposições, uma mais privilegiada em termos de poder, outra menos. Para isso, pressupõe que a crítica depende do lócus, ou seja, algumas são mais legitimadas do que outras.

Na Wikipédia¹², a crítica está atrelada aos profissionais especializados, tais como jornalista, crítico de cinema, crítico literário. Entretanto, é basilar contrastar que, na contemporaneidade, há uma tendência a que surja um novo tipo de crítica que não versa sobre definições teóricas formais.

Com o advento da internet, vejo que os sujeitos estão se apropriando de alguns instrumentos, a exemplo das redes sociais, para se posicionarem como críticos sobre fatos ocorridos na atualidade. Esse tipo de crítica, geralmente, se patenteia como manifestação contra situações que causam discordância. A postura adotada por esses sujeitos tendem a configurar uma nova forma de agência para a construção de sentidos para o mundo em que vivem (MONTE MÓR, 2013). Entretanto, à luz de minhas percepções, os sentidos são construídos quando se realizam interpretações de mundo sem emitir imposições. As construções de significados necessitariam ser colaborativas e questionadoras para que seus envolvidos não apresentassem verdades, mas outros olhares e pensamentos para a sociedade contemporânea, com vista a sugerir transformações que pudessem se fundar na desconstrução do autoritarismo e do conservadorismo (SCHERER-WARREN, 2011).

Na perspectiva dos letramentos críticos, o sujeito, na qualidade de leitor interpretativista de mundo, revela a tendência de desconstruir e reconstruir sentidos ou significações, constituindo-se prática cotidiana (MONTE MÓR, 2013). Para tanto, parece ser gigantesco o desafio de pensar em uma educação para a multiculturalidade e para os avanços tecnológicos, porém, se alunos e professores reconstruíssem seus papéis

¹² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica>. Acesso em 13-03-2014.

colaborativamente, sem impor hierarquias de poder, seria possível, de fato, dar início ao processo de mudanças significativas para a educação.

No próximo capítulo, exponho princípios da pesquisa interpretativista. Em seguida, será descortinado o contexto deste estudo: o ambiente e o processo de geração dos dados, bem como os procedimentos de análise.

CAPÍTULO 2

PONTOS METODOLÓGICOS NA ARTE DE BORDAR

Bordado da Vida

*Hoje, quero que faças um bordado,
com todos os pontos que conseguiste aprender.
Que possas bordar a tua vida,
com pontos mais amenos, mais bonitos,
mesmo que o avesso te pareça tão confuso...
Esse amontoado que vês, certamente, se dissipará,
se souberes fazer algo mais delicado,
com um avesso mais bonito.
Dependerá muito da forma como bordares,
como farás teus pontos,
nessa linda toalha que se chama " Vida".*

(Autora: Eda Carneiro da Rocha)¹³

Neste capítulo, procuro entrelaçar reflexões sobre a pesquisa qualitativa interpretativista na perspectiva de Flick (2009) e Bortoni-Ricardo (2008). Os métodos de pesquisa e as abordagens escolhidas não são para buscar verdades, tampouco para generalizar os fatos, entretanto, servem para contorno desta pesquisa. Beck & Bonb (1989) aludem a que a ciência não produz mais ‘verdades absolutas’, capazes de ser adotadas sem nenhuma crítica. Se bem assim, este bordado em sua (in)completude pretende deixar espaço para ser prosseguido com novos pontos, para provocar outras interpretações de acordo com a historicidade da época.

De conseguinte, em toda criação a etapa metodológica exerce relevância, pois é por meio dela que os sentidos vão se constituindo para dar significância nos mais diversos tecidos. Nesse norte, começo a descrever os fios que se entrecem para esta etapa, explicitando o contexto de geração de dados, os procedimentos metodológicos e os temas que foram identificados na análise.

¹³ Retirado do site <http://www.albumpoeticoeda.com.br>. Acesso em 22-05-2014.

2.1 Interpretativismo: pontos significativos para este bordado

O debate sobre a pesquisa interpretativista se esboça com ênfase em Flick (2009) e Bortoni-Ricardo (2008). Para ressaltar o que propõe ambos estudiosos, trago à baila uma definição de Deleuze, (1962, p. 4, *apud* CAMARGO, 2008): “a interpretação é a força que confere sentido a algo, todo sentido é uma interpretação, uma criação, não sendo, portanto, uma verdade.”

Nesta acepção, abro minhas reflexões com a concepção de Flick (2009) que entende pesquisa qualitativa como de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. Nessa mesma compreensão referente ao interpretativismo, Bortoni-Ricardo (2008) aponta que o paradigma interpretativista explora a ideia de que a observação do mundo e dos fenômenos que nele se dão está diretamente vinculada às práticas sociais e a seus significados.

Não obstante, percebe-se que as pesquisas precisam contemplar a complexidade humana no sentido que não basta somente quantificar dados e generalizá-los sem compreender a instabilidade que os permeia.

Flick (2009) discorre sobre a pesquisa qualitativa argumentando que esta trabalha, acima de tudo, com textos. A interpretação se dá por intermédio do material colhido que se constitui em texto, servindo de base para as análises que acontecem de forma reflexiva – da teoria ao texto e deste à teoria. Isso justifica que o pesquisador, em suas interpretações é um construtor do percurso da pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008).

Dessa forma, é notável que, dentro da abordagem qualitativa haja vários métodos/metodologias/abordagens que tenham surgido para contemplar as diferentes necessidades sociais.

Em tal sentido, fundado numa escolha que se assenta na pesquisa qualitativa, interpretativista, proponho imergir nas complexidades da vida para analisar uma aluna da atualidade e os sentidos que geram em torno dos *posts* publicados pela discente em sua comunidade no *Facebook*, imbuídos de discursos de outrem. Bakhtin (1997, p. 406) argumenta que “*a palavra do outro se transforma, dialogicamente, para tornar-se palavra pessoal-alheia com a ajuda de outras palavras do outro*”.

Para isso, saliento que a pesquisa consiste em analisar as postagens da comunidade existente no *Facebook*, intitulada “Diário de Classe”, pertencente a uma aluna do ensino fundamental de escola pública de Santa Catarina. Em anuência, as interpretações, realizadas nas postagens, deixar algumas reflexões sobre a percepção da estudante sobre a escola e dessa referente aos discursos da discente e, quais sentidos são dados por ela às tecnologias digitais.

Os dados gerados são somente das postagens da discente, porque me despertou atenção o fato de alcançar ela tanta popularidade na mídia. Os dados colhidos são do início da comunidade, inerentes aos meses de julho de 2012 a outubro de 2013. Essa escolha se fez apoiada nos argumentos de Fairclough (2001), ao inferir que, ao longo do tempo, podem surgir mudanças na ordem do discurso dos sujeitos em observância ao domínio das tendências discursivas. Estas tendências podem se tornar conscientes quando o sujeito começa a dominar algumas estratégias de discurso, aspecto esse que no início da comunidade, pudesse inexistir nas práticas discursivas da estudante. Todos os dados colhidos desses meses foram copiados da comunidade e colados em páginas de editor de texto, perfazendo um total de 182 postagens coletadas. Não me concentrei, unicamente, em aspectos linguísticos, porém procurei me atentar aos significados de cada postagem para conferir sentido às minhas interpretações.

Observei, após colher todas essas informações, que alguns dos posts, já analisados noutro passo, desapareceram da comunidade com o correr dos meses. Não sei os motivos que levaram a responsável da página a apagar tais postagens, porém pretendo considerá-los como material de análise, mesmo depois da exclusão.

Para análise dos dados, estabeleci cinco categorias com cores diferenciadas – roxa, vermelha, azul, verde e alaranjada. Ao escolher trabalhar com cores, pude bordar os dados multicoloridos para diferenciá-los em suas categorias e facilitar minha visualização. Esse procedimento me ajudou a fazer um recorte apropriado para seleção e discussão das informações. Do total das 182 postagens selecionadas, foram recortadas 58 e separadas em suas respectivas cores de acordo com as categorias recorrentes. As 58 postagens foram levadas em conta para a presente pesquisa por entender que estas traziam discursos mais completos em decorrência das demais descartadas. Abaixo, apresento um quadro para compreensão da sequência:

1. Quantidade de Postagens	2. Postagens consideradas mais completas	3. Postagens descartadas por repetição de discursos contemplados na coluna 2.
182	58	124

Quadro 1: Quantidade de postagens selecionadas

Para introduzir as etapas de pesquisa, desenho um organograma que visa esclarecer-lhe os passos. Nas seções posteriores, descrevo, detalhadamente, todo este processo.



Quadro 2: Organograma com as etapas da pesquisa

Em seguida apresento o local e os envolvidos no presente bordado, que contribuem para existência dessa pesquisa, possibilitando que eu constitua esse desenho para ser interpretado com vista a outros olhares e ressignificado nos diferentes *ateliês* da vida.

2.2 Entrando no ateliê da pesquisa: o local e os envolvidos na construção do bordado

2.2.1 O lócus de pesquisa

Aqui, na função de uma artesã que produz bordados, descrevo meu ateliê de pesquisa, o *Facebook*, que deu espaço para a existência da comunidade, “Diário de Classe”. Nesse espaço pesquiso as postagens de uma aluna, com intuito de compreender, em uma perspectiva sócio-histórica e cultural, como esta constrói a escola do presente em seus discursos, como estes são vistos pela escola e o que representam as tecnologias digitais para tal contexto.

Nesse sentido, com base em dados da *Wikipédia*¹⁴, apresento o *Facebook*, ressaltando que se trata de site de serviço de rede social, lançado em 4 de fevereiro de 2004, por estudantes de uma universidade nos Estados Unidos. Em 4 de outubro de 2012 atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos. A estimativa é que, em média, 316.455 pessoas se cadastram, por dia, neste espaço virtual.

O nome *Facebook* é uma denominação coloquial para o livro, dado aos alunos no início do ano letivo por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos, para ajudá-los a conhecer uns aos outros.

Para ter acesso a essa rede social, os usuários se registram antes de lançar mão do site. Após isso, criam um perfil pessoal, adicionam outros usuários como amigos, podem trocar mensagens e receber notificações automáticas, que sempre são indicadas na cor vermelha.

Além disso, os usuários podem criar páginas e grupos, e também participar de comunidades de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas, como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos".

¹⁴ Todos os dados apresentados nesta página foram retirados do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em 18-07-2013.

A composição do site foi inicialmente limitada pelos fundadores aos estudantes da Universidade de Harvard, mas foi expandida para outras faculdades na área de Boston, da *Ivy League* e da Universidade de Stanford. O site gradualmente adicionou suporte para alunos em várias outras universidades, antes de abrir para estudantes do ensino médio e, eventualmente, para qualquer pessoa com 13 anos ou mais. No entanto, com base em dados de maio de 2011 do *ConsumersReports.org*, existiam 7,5 milhões de crianças menores de 13 anos com contas no *Facebook*, violando os termos de serviço do próprio site.

Com base nisso, um estudo de janeiro de 2009 do *Compete.com* classificou o *Facebook* como a rede social mais utilizada, em todo o mundo, por usuários ativos mensais.

De acordo com essas informações, e por notícias recentes, o *Facebook*, cada vez mais, está oferecendo, em conjunto com parceiros, mais serviços para seus usuários. Apesar de alguns rumores de que o *Facebook* enfrenta crises e está ameaçado devido ao surgimento de outras redes sociais, não se pode mais negar que o alcance dessa rede social e de outras parece modificar o comportamento dos seres humanos, tornando-os agentes culturais e históricos de uma sociedade que participa de letramentos distintos dos que são priorizados pela escola.

2.2.2 O sujeito de pesquisa

O sujeito de minha pesquisa é usuária do *Facebook*, administradora da comunidade intitulada “Diário de Classe”. Ela tinha 13 anos quando iniciou as discussões neste ambiente. É estudante do ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis – Santa Catarina e criou sua comunidade inspirada em uma menina escocesa que questionava a merenda das escolas britânicas.

Na comunidade, a administradora posta de forma multimodal os problemas de sua escola, apesar de emergirem também postagens sobre assuntos atuais que envolvem a situação do país.

Segundo o que apresenta em sua comunidade e na mídia¹⁵, esta aluna, por ter postado algumas denúncias decorrentes de problemas escolares, chegou a sofrer

¹⁵ Informações on-line: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,familia-de-aluna-que-critica-escola-diz-sofrer-ameacas,957180,0.htm>. Acessada em 10-12-2013.

ameaças, teve membros de sua família agredidos e causou descontentamento a alguns professores e membros do grupo escolar.

A despeito disso tudo, essa estudante continua com sua comunidade instigando outros alunos e professores a agir da mesma forma. Devido a essa postura, muitos outros grupos foram criados¹⁶, principalmente da parte de alunos, para ponderar sobre o que ocorre na escola.

Desde o surgimento da comunidade, a administradora de “Diário de Classe” está sendo convidada como palestrante em diversos eventos pelo Brasil afora, versando sobre assuntos variados: educação, juventude e tecnologia.

Para melhor compreender a comunidade pesquisada, faço breve ponderação a respeito da constituição do “Diário de Classe”.



Figura 1: Imagem da página inicial da comunidade Diário de Classe

¹⁶ Algumas comunidades ressaltadas na mídia, inspiradas no “Diário de Classe” <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,aluna-do-blog-diario-de-classe-incidente-manifestacoes-em-prol-da-educacao,949296,0.htm>. Acessada em 10-12-2013.

A imagem inicial da comunidade pesquisada é representada por algo que nos faz lembrar a figura de um quadro escolar pintado pela cor vermelha, com a função de despertar a atenção aos leitores. Para reforçar essa ideia, as palavras “Diário de Casse”, são bordadas com pedaços de giz aludindo às práticas escolares convencionais. Logo em seguida, em destaque a palavra “verdade” sugerindo que, nessa comunidade, o leitor encontrará uma sistemática discussão, mediada pelo diário, sobre a escola.

No respeitante à estrutura da comunidade em destaque, acrescento que esse ambiente é composto pela multimodalidade – linguagem verbal e não verbal. A estudante usa bastante texto em suas postagens, contudo as imagens e vídeos aparecem com relevância. Observei que o celular se tornou instrumento de grande importância para as práticas cotidianas dessa aluna. Consequência disso: a maioria dos registros feitos deriva do próprio aparelho da discente. Em meio às suas postagens, ora surgem registros de fotos das merendas que são servidas diariamente, ora aparecem imagens de problemas estruturais existentes na escola.

Embora a comunidade apresente muitas questões, consideradas desfavoráveis pela estudante, referentes à escola onde estuda, há também alguns pontos que ela mostra ser favorável quando relacionados com outras escolas do país. Além de textos e imagens, despontam alguns vídeos de temas cotidianos e de músicas. Aparecem também algumas postagens com tópicos políticos associados à situação da escola pública.

Com esses fatores, a comunidade se tornou muito visitada e “curtida”¹⁷ por outros usuários do *Facebook*, com vários comentários nas postagens, chegando algumas a ter milhares de reflexões. Contudo, como já salientei em outras seções deste trabalho, não pretendo me deter neste material, fazendo-o somente nas postagens da aluna, criadora da comunidade “Diário de Classe”, por entender que seu discurso está permeado por palavras de outrem. Dessa feita, revela-se valorativo refletir sobre a construção da escola atual.

¹⁷ Em 1º de maio de 2014, a comunidade possuía 626 mil curtidas. Embora os comentários existentes na comunidade, por parte dessas pessoas, não façam parte deste estudo, percebi que a maioria dos comentários é de apoio aos discursos da discente, nos quais são observados discursos semelhantes aos dela, referentes à escola.

2.3 Geração de dados: instrumentos para bordar a pesquisa

O primeiro passo metodológico se deve ao surgimento das indagações, ou seja, por meio das perguntas de pesquisa, enveredei com um olhar crítico-reflexivo, na comunidade do *Facebook* “Diário de Classe”, com a finalidade de observar as postagens realizadas pela discente. A essa luz, defini as perguntas de pesquisa que constituem o esboço principal para início desse trabalho.

- 1) De que forma a aluna da comunidade “Diário de Classe” constrói seus discursos à volta da escola contemporânea?
- 2) Como a escola reage aos discursos proferidos pela discente?
- 3) Qual é o sentido conferido às tecnologias digitais por esta discente?

Nessa etapa, os dados foram copiados e colados em páginas de editor de texto com a finalidade de abstrair um panorama e apreender as categorias de análise. Após essa leitura cuidadosa, delimiti minha análise a cinco categorias que foram recorrentes no discurso do sujeito de pesquisa. Em seguida, os dados foram relidos diversas vezes à luz das categorias. Com objetivo de sistematizar a análise dos dados, decidi utilizar cores diversas a fim detectar dados recursivos e significativos para o estudo. Em sequência, explicito as categorias com suas respectivas cores¹⁸:

- 1) **A escola como local de verdade e punição (roxo) ;**
- 2) **Ensinar e aprender na escola (vermelho);**
- 3) **A escola ideal (azul);**
- 4) **O desejo de mudança na escola (verde);**
- 5) **O significado das tecnologias digitais para essa aluna (alaranjado).**

Abaixo, na imagem 1, exemplifico como os dados foram recortados de acordo com as cores estipuladas. No arquétipo, apresento três páginas de corpora contidas no editor de texto. Nessas laudas, aparecem as postagens selecionadas com a fonte nas cores (verde, vermelha, roxa, azul e alaranjada).

¹⁸ 1) **Roxo:** mundo místico, espiritualidade, magia, mistério, transmite a sensação de tristeza e introspecção. 2) **Vermelho:** significa paixão, energia e excitação. Está associada ao poder, à guerra, à violência e ao perigo. 3) **Azul:** Tranquilidade, serenidade e harmonia, mas também esta associada à frieza, monotonia e depressão. 4) **Verde:** Esperança, liberdade, saúde e vitalidade. Está associada ao crescimento, à renovação e à plenitude. 5) **Alaranjado:** alegria, vitalidade, prosperidade e sucesso. É uma cor quente. Está associada à criatividade, pois o seu uso desperta a mente. Informação disponível em www.significados.com.br/cores-2. Acesso em 15-07-2014.

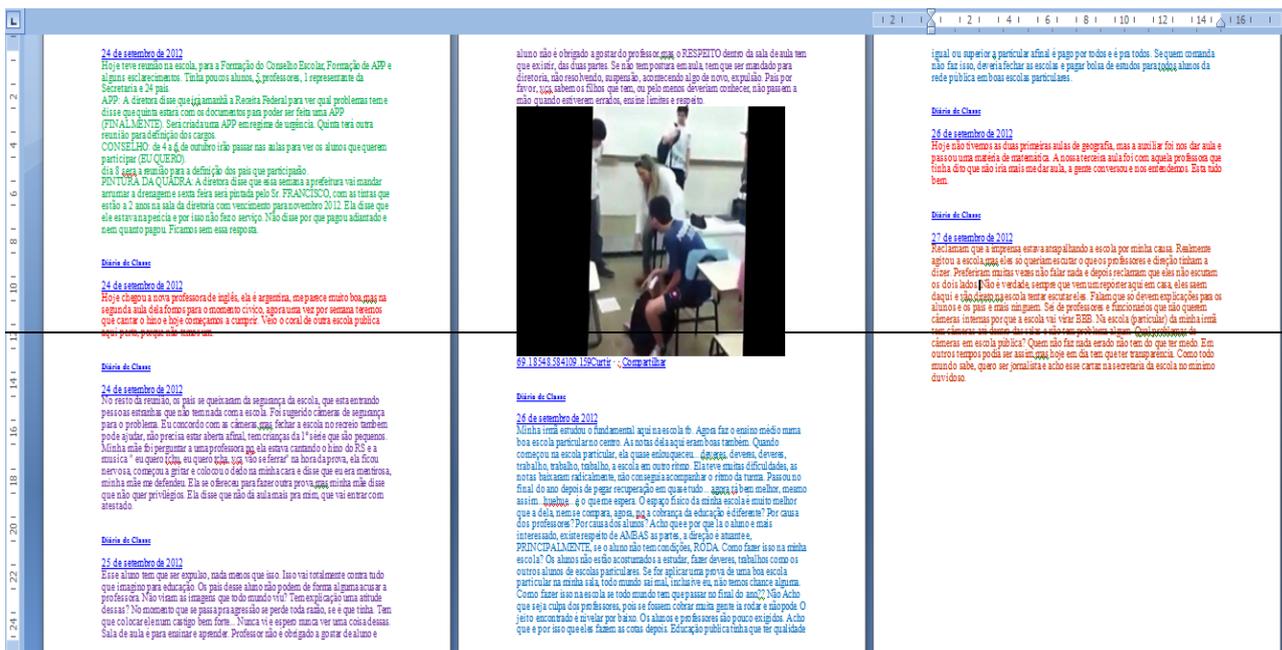


Figura 2: Método utilizado para recorte de dados

Na imagem 2, exibo outras páginas para mostrar que alguns dados foram descartados porque não eram relevantes para minhas interpretações devido à repetição de discursos. Deste modo, a cor preta permaneceu. Adotado este método, os dados foram se afinando com o intento de considerar aqueles que realmente eram importantes para a análise.



Figura 3: Dados descartados

Todo esse processo foi permeado de reflexão contínua. Como a comunidade é constituída de um espaço virtual e público, a observação foi sendo, constantemente, retomada, com intuito de rever dados, principalmente multimodais, tais como sons, vídeos e imagens.

Conforme já evidenciado em outra passagem, 182 postagens existentes de julho de 2012 a outubro de 2013, um total de 124 foi descartada por repetir seus discursos nas 58 consideradas para tal estudo. Essas 58 postagens se organizaram da seguinte forma, de acordo com as cinco categorias:

Categorias	Quantidade de dados por categorias
1) A escola como local de verdade e punição	11
2) Ensinar e aprender na escola	10
3) A escola ideal	7
4) O desejo de mudança na escola	10
5) O significado das tecnologias digitais para essa aluna	20
Total de dados: 58	

Quadro 3: Quantidade de dados em cada categoria

Desse modo, a próxima seção, na qual discuto os dados, está organizada, sequencialmente, em conformidade com cada categoria demonstrada no quadro 2. Com o fito de situar os leitores, sobrelevo que cada categoria tem seus dados pontuados com um número para facilitar a interpretação dos elementos. Exemplo: “**Ponto 1**”, “**Ponto 2**”, e assim sucessivamente. Essa escolha se deu para traçar um diálogo sistemático e contínuo com a metáfora de bordado utilizada nesta pesquisa. Nesta parte, interpreto o *corpora* relacionando-os com as bases teóricas para tentar bordar significados que poderão trazer sentidos para a construção de práticas escolares.

CAPÍTULO 3

APRESENTANDO PONTOS RELEVANTES COM OS DADOS

*Quero bordar no tecido da vida,
 Em linhas coloridas usando diversos tipos de pontos.
 Em cada ponto um fato novo e uma cor.
 Bordando toda uma vida multicolor.
 Desenhando todos os momentos.
 Quero bordar em tons suaves os momentos de alegria.
 Os momentos de paz, amor e harmonia.
 Os momentos de ternura e gratidão.
 Quero bordar em tons escuros o fogo da paixão.
 E em cores e traços fortes os momentos de dor.
 Vou bordar os meus sentimentos, as incertezas e decepções.
 E com talento e criatividade vou bordar a minha inspiração.
 E cada ponto guardará um segredo.
 Dependendo do momento e da solidão.
 Cada quadro descrevendo um tempo preciso.
 Criando formas perfeitas e vibrantes.
 No emaranhado de questões indefinidas.
 Com o fio bem traçado vou fazer a minha criação.
 Num ritmo ofegante e também lento.
 Quero bordar o meu coração triste e às vezes alegre
 As minhas inquietações...*

(Autor desconhecido)¹⁹

Neste capítulo, apresento e discuto os resultados propiciados pela análise dos dados gerados da comunidade “Diário de Classe” que compõe o *corpus* desta investigação. O filtro analítico é produto de sistemática e constante observação do discurso do sujeito deste estudo. A importância de analisar o discurso de uma aluna no respeito a suas imagens sobre a escola pública nos permite entender como a escola pode ser representada na contemporaneidade. Ressalto que não é meu objetivo generalizar os achados deste trabalho. Em contrário disso, pretendo compreender alguns “ecos discursivos” que ressoam nos discursos da aluna da comunidade investigada.

¹⁹ Texto retirado do blog: <http://poesiaedivania.blogspot.com.br>. Acesso em 10-08- 2013.

3.1 Contornos do desenho: análise dos dados

3.1.1 A escola como local de verdade e punição

Como retratam diversos pesquisadores (MOURA, 2010; CAMARGO, 2008; SIBILIA, 2012; DAMETTO & SOLIGO, 2009; BORGES, 2004; VIANA, 2002), a verdade e a punição constituem a maneira de legitimar o discurso, como prática de poder disciplinar existente em âmbito escolar, para manter os corpos dóceis. Diante disso, percebe-se que a escola, em algumas circunstâncias, está situada entre esses dois *habitus*, a verdade e a punição, pelos quais seus membros delineiam sua conduta.

Naturalmente, os sujeitos escolares participam da construção de uma escola que tende a ser sustentada, historicamente, sob os pressupostos hegemônicos de uma cultura permeada por ideais ocidentais. Por esse motivo, considerar a questão da verdade e da punição como pontos de construção dessa escola contemporânea se destina a mostrar que, na escola, há alunos com identidades instáveis (HALL, 1997; HALL & WOODWARD, 2000) contornadas por fios de complexidades e contraditoriedades.

Conforme ressaltado em passagens anteriores nesta dissertação, a escola ainda busca se pautar em princípios normalizadores com a finalidade de disciplinar os sujeitos escolares. Isso pode ser visto nos pontos a seguir, nos quais a estudante parece reproduzir o redundante discurso hegemônico sobre a escola.

Ponto 1

Achei legal...

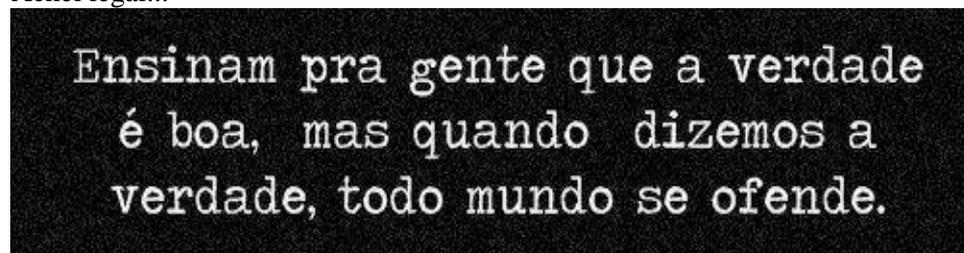


Figura 4: Ensinam para gente que a verdade é boa

12 de setembro de 2012

Como se verifica na sequência 1, a imagem marca um contraste entre as cores preta e branca para realçar o enunciado a propósito da questão relativa à verdade. Haja vista que esta parece depender de quem e de onde vem, para ser legitimada. A imagem

selecionada pela estudante tende a questionar os sujeitos escolares que sugerem estar em uma posição privilegiada (professores, direção, coordenação). Esta escolha denota que a escola da discente, como outras instituições sociais – a igreja, órgãos que primam pela justiça, etc. – também defende, em seus discursos, a primazia pela “verdade”, como forma de confissão dos atos, supostamente errados, perante a sociedade. Porém, a verdade advinda destes lócus geralmente obedece a uma hierarquia, em que seu detentor quase sempre é quem se intitula representante soberano.

Entretanto, na atualidade, em que os sujeitos tendem a não obedecer uma única norma (HALL, 1997), a verdade se torna contingente (MACIEL, 2013). Uma vez que esta pode ser certa para alguém, o outro pode com ela não concordar. No entanto, comumente, observa-se que muitos sujeitos passam boa parte de seu tempo requisitando “sua verdade” ao outro. Se, de alguma maneira, o detentor da verdade for questionado, poderão surgir conflitos entre os pares, quando não desestabilizar o lócus de onde ela veio.

O enunciado acima encarta a concepção binária de que a “verdade é boa”, aparentando que isto é o que se espera do outro. Por outro lado, a generalização “todo mundo se ofende” demonstra uma oposição do que era para ser “bom”. Talvez, para o contexto que a estudante menciona, a palavra “gente”, anteposta à oração “que a verdade é boa”, infira tratar-se dos alunos e, “todo mundo” supõe referir a seus professores. Nesta interpretação, o enunciado atende a seguinte proposição: “Ensinam aos alunos que a verdade é boa, mas, quando dizemos a verdade, os professores se ofendem”.

A estudante figura a questionar que a verdade não é para todos, nem pertence a todos, depende de quem e de onde é proferida. A verdade professada pelos docentes se inclina a ser boa, mas, ao ser tomada por alunos, para questionar seus superiores, não tem a mesma validade e passa a traduzir algo errado que pode culminar em punições. Isso enfatiza a questão de hierarquia entre professor e aluno (TAPSCOTT, 2010), debatido nos pressupostos teóricos.

Logo em seguida, emerge um exemplo em que a estudante se apropria do discurso da verdade, tomando-o para si. Contudo, a verdade da estudante não aparenta ser a mesma de sua professora.

Ponto 2

Hoje minha mãe teve que ir ao fórum para uma audiência conciliatória que uma professora auxiliar fez um BO contra ela por injúria. Ficou brava com os comentários do post do dia 20-08 que nas aulas dela não rendiam nada. É verdade, ela dá um texto qualquer e pede pra gente responder duas perguntas, depois a gente fica jogando. Se não tem formação para trabalhar com alunos de 7º série, o que está fazendo lá? Na audiência, não demorou 15 minutos uma vez que ela não quis nenhuma conciliação, nenhuma retratação, apenas quis seguir em frente com processo crime. Tudo bem, fazer o que, pena que ela apagou os posts dela, mas quem quiser olhar, sobraram as respostas dadas a ela nos comentários.

10 de outubro de 2012

A professora, sentindo-se agredida com as postagens da discente, procura leis/justiça para punir a mãe, responsável que é pela educação da filha. Isto reafirma o que Maciel (2013) referencia, no sentido de que a verdade é contingente, pois aqui parece obedecer a uma hierarquia, haja vista que a palavra “injúria” comprova que a verdade da aluna não era a verdade da professora. Isso resultou em conflitos que levaram a docente tomar atitudes drásticas, sem a pretensão de reconciliar-se.

Neste ponto, subentende-se que a estudante não concorda com a punição que partiu da professora, porque entende que tem razão sobre o fato (É verdade, ela dá um texto qualquer e pede pra gente responder duas perguntas, depois a gente fica jogando). Isso ressalta que os preceitos de punição e de verdade são contraditórios, desconstituídos de validade para aqueles que estão sob este jugo.

Para enfatizar a escola como local de punição, a discente expõe, posteriormente, uma imagem que alude ao fato de que esta instituição educacional guarda semelhanças com confinamentos (SIBILIA, 2012; DAMETTO & SOLIGO, 2009) e que sua função não é, prioritariamente, a aprendizagem.

Ponto 3

O portão da escola, os problemas começam na PORTA DE ENTRADA.



Figura 5: Portão da escola

Diário de Classe, 11 de julho de 2012

Essa imagem do portão sugere uma analogia do que a escola pode representar para alguns estudantes. O que a discente quis registrar, talvez inconscientemente, não é somente a questão de exigir um portão novo para sua escola.

A escrita acima da foto é usada para indicar que sua escola desestimula desde a “PORTA DE ENTRADA”, ao enfatizar esse enunciado em caixa-alta. Com isso, trago à baila Dametto & Soligo (2009), bem assim Moura (2010), alicerçados no pensamento foucaultiano, abordando que a constituição do sujeito está relacionada com o poder disciplinador, proposto pelas normas estabelecidas por algumas instituições, tais como a escola.

Segundo os estudiosos citados, algumas características da escola são peculiares às estruturas arquitetônicas das prisões, cujas salas são construídas lado a lado sem comunicação, janelas com grades, refeitório comunitário, muros altos, portões e vigias. O espaço interno das salas é marcado por carteiras enfileiradas. Já o aluno, uniformizado, se vê sujeito à autoridade do professor. O disciplinamento é refletido pela

individualização dos alunos engajados em um espaço quadriculado, em que a postura, os gestos e a produção são monitorados ou vigiados constantemente.

Partindo dessa premissa, a discussão evocada entra em consonância com o que esta aluna, em vários aspectos, forceja por questionar a respeito de sua escola, como espaço de verdade e punição. Ao apresentar o portão de sua escola, que faz alusão ao da prisão, despontam indícios de que a escola, tal como a prisão, tem seus princípios dogmáticos de justiça, expressos pelo desejo de “verdade”, que esta pesquisa mostra ser contingente. Uma vez que a verdade doutrinada não pode ser requisitada para quem a profere. Isso abre ensejo para questionarmos se a escola ainda deve ser construída em torno dos pressupostos de verdade?

Por via de consequência, a simbologia do portão, presente nesta figura, remete ao pensamento de que a “PORTA DE ENTRADA” da escola está em concordância com os portões da prisão, os quais também evidenciam seus problemas na porta de entrada, mostrando que ali, naquele espaço, também deve existir vigilância como mecanismo de punição. Ser disciplinado é a forma normalizadora de ser cidadão. Em contrapartida, se as normas não forem obedecidas, cabe ao sujeito transgressor receber a punição.

Entretanto, é válido discutir que o aluno que é educado nestes preceitos disciplinares tende a reproduzir seu mestre em suas ações (PARO, 2007; BOURDIEU & PASSERON 2009). Por assim ser, no Ponto 4, a discente comprova, apesar de contradições, que está assumindo a mesma postura e discurso da escola, conforme se evidencia a seguir.

Ponto 4

Essa página não é contra a escola só que bem agora esta a eleição e estamos mostrando a verdade sobre escolas publicas que não são cenários queremos saber quem vai melhorar isso, quem vai ser responsabilizar de ir ate a escola e cobrar, com que arrume e com que os alunos tenham atenção queremos punição "coisa que é difícil" como falamos da menina que levou a arma.

Porque ficar brabo com a verdade estamos querendo o que já era pra ser exigido não por alunos, mais SIM chegou ao ponto que alunas da escola estão exigindo a punição, pra ver onde chegou a coisa.

Diário de Classe, 30 de julho de 2012

Neste contexto, a estudante parece se colocar, primeiramente, como defensora da escola, cuja função é mostrar a verdade em tempos de eleição. Depois, questiona a ineficiência de sua escola por não oferecer um local adequado para estudar. Para tanto,

solicita melhores condições no ambiente em torno, com vista ao comportamento dos discentes. Fica nítida sua posição com referência às palavras “atenção e punição”, por meio das quais se justifica a existência do “Diário de Classe”, para chamar atenção e mostrar a “verdade”, reforçando hábitos disciplinares.

O advérbio de afirmação “SIM”, em destaque, marca a desconstrução do papel da escola, por acentuar que, naquele momento, a função de exigir “melhorias e punição” seja competência de alunos, antes de ser da instituição educacional. O discurso desta aluna é lembrado por Hall (1997) e Hall & Woodward (2000) como crise de identidade. Isso se deve ao fato de que os sujeitos desta geração são performáticos, não possuem apenas uma identidade, mas várias identificações. Esta estudante dá a impressão de se dividir entre o desejo de responder o imaginário de aluna que atende aos pressupostos escolares e o papel de questionadora da escola, que se inclina a tomar o discurso escolar para si. Por sua vez, parece reproduzi-lo sustentado, em muitos aspectos, sob os pilares disciplinares (MOURA, 2010).

Nesse rumo, esta discente, sujeito desta formação educacional, agora também se sente no direito de julgar o que é certo ou errado em sua própria escola e exigir punição daqueles que ela pensa serem culpados. Contudo, paira a dúvida de que a discente não concorda muito com essa atribuição, tomada por ela (aluna), quando deixa implícito que tal está sucedendo por falta de atitude escolar, dado que alunos estão exercendo um papel que não lhes compete. É notório que a estudante se situe como alguém que se apropriou das práticas adotadas pela escola. Isto se confirma nos enunciados, "**chegou ao ponto que alunas da escola estão exigindo a punição, pra ver onde chegou a coisa**".(Grifo meu). Estas “alunas”, a que se refere, subentende ser ela e outra colega que, inicialmente, estava dando apoio à sua comunidade.

Todavia, na postagem posterior (Ponto 5), a estudante esclarece que a escola é contraditória em suas ações, detentora das mesmas práticas punitivas, aplicadas àqueles que desestabilizam a ordem proposta. Mas, mesmo assim, percebe-se que a discente começou a se apropriar da postura escolar, socorrendo-se de práticas e discursos semelhantes para exigir mudanças escolares. Logo em seguida, há evidências de tais atitudes.

Ponto 5

Se te disseram que prá não virar a mesa
 Se te disseram que o ataque é a pior defesa
 Se te disseram prá esperar a sobremesa
 Ouça o que eu digo, não ouça ninguém

Esse refrão diz muito por eu ter criado essa página, mas eu não vou desistir, não estou cometendo nenhum crime, estou mostrando o que de fato é a pura realidade.

Os regimentos internos deveriam punir os maus, que roubam, que quebram, que estragam a escola, que agredem os outros, esses sim deveriam sofrer punição!

Diário de Classe, 14 de julho de 2012

É observável que a escolha do refrão da música, “Ouça o que eu digo, não ouça ninguém²⁰”, de Engenheiros do Hawaii, reflete o discurso da discente no que respeita à decisão de continuar registrando os problemas escolares, ainda que seja recorrendo a algumas ideias contrárias. Em sua concepção, não está cometendo nenhum crime, o que subentende que está correta e que, agora, é a detentora da verdade. No pensar de Foucault (1998), a verdade é um dos mecanismos de poder.

O título da canção é composto por duas frases, separadas por vírgula. A primeira é uma imperativa afirmativa, pela qual se infere que é preciso ouvir o que ela diz, porém a segunda é uma imperativa negativa, por meio da qual se conclui que não é preciso ouvir mais ninguém, além de sua própria voz.

Além disso, a aluna ressalta algumas orações que merecem destaques: “não estou cometendo nenhum crime” e “Os regimentos internos deveriam punir os maus, que roubam, que quebram, que estragam a escola, que agredem os outros, esses sim deveriam sofrer punição!”.

Neste contexto, o debate se constrói a propósito de ser a escola constituída como local de “verdade e punição”.

No entanto, a aluna pontua que a postura escolar é contraditória. Por meio das orações destacadas, compreende-se que as normas escolares que querem puni-la pela criação de sua comunidade, ao mesmo tempo não estão mais atendendo os pressupostos

²⁰ “Ouça o que eu digo, não ouça ninguém” é a primeira canção do disco, cujo título tem o mesmo nome da música citada. Foi lançado em 1988 pela banda de rock brasileira Engenheiros do Hawaii.

escolares, que teriam a função de humanizar o animal de nossa espécie para ser disciplinado e tornar-se bom cidadão (SIBILIA, 2012). A discente reitera que sua escola não está cumprindo o papel de punir aqueles aos quais se deve imputar a culpa.

Entretanto, é verificado, em suas argumentações, que a punição que deve ser atribuída para “o outro”, considerado “o errado”, não pode ser “para ela”, que se revela como “a certa” nesta conjuntura.

Em tal perspectiva, pode ser perceptível que essa discente traz um discurso tanto histórico quanto cultural sustentado, pelo binarismo – bom *versus* mau. Em decorrência disso, ela deslocou de seu papel de aluna, para exigir a ordem e a punição que, neste contexto, era solicitada em certos momentos pela escola, para aqueles que infringiam as normas. Esta situação entra em sintonia com o que Mercer (1990) discute a respeito da crise existente no sujeito, pois isso acontece porque algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado para a dúvida e a incerteza. A estudante, na contemporaneidade, não tem mais certeza de seu papel discente. Assim, seu discurso começa reproduzir práticas sociais e também semelhantes às da escola, baseadas, em alguns momentos no binarismo – certo/errado, bom/mau. Ao mesmo tempo em que é aluna, frequentadora da escola, também se converte em usuária de redes sociais que tende a proporcionar-lhe poder por romper o silêncio, por meio do qual sucedem certos conflitos e punições da parte dos docentes, como se verifica nos próximos pontos.

Ponto 6

Hoje faltando 3 minutos para acabar a aula todos estávamos conversando, a professora auxiliar deixou, então eu e no mínimo 3 colegas estávamos com celular na mão e os 3 já estavam escutando musica, e o meu estava ate com fone enrolado porque eu estava esperando bater o sinal, para não dar confusão, e a professora se dirigiu a mim, e falou que iria recolher meu celular se eu não guardasse. Mas e os outros, que estão também ?? Eu falei, ou pega o celular de todos ou de ninguém.

Qual é o problema comigo? Acho até que sei represália, mais comigo pressão não funciona, tudo que acontecer eu vou postar aqui.

Já não é a primeira vez que acontece isso.

Diário de Classe, 17 de agosto de 2012

No ponto 6, emergem questionamentos nos quais a aluna sugere injustiça contra ela. Aqui, a discente supõe que não haja igualdade entre os sujeitos escolares, ou seja, esta pune aqueles que buscam ameaçar sua estabilidade. O fragmento nos faz pensar em Bourdieu (1989), ao retratar a escola repleta de arbitrariedades. Esta relação se

identifica com a situação da estudante que, ao usar o celular para registrar questões desfavoráveis de sala de aula, tornou-se o foco de violência simbólica. A discente da comunidade pesquisada, ao utilizar esse instrumento de forma diferenciada dos outros alunos, constituiu alvo das atenções da docente que se ampara em mecanismos de coerção (BOURDIEU, 1989) para responder as atitudes da discente.

A docente, ao solicitar apenas à aluna, e não a todos, que guarde o celular, demonstra que a estudante, criadora do “Diário de Classe” precisa ser igual aos outros que fazem uso do celular sem sair das práticas comuns da escola. A anormalidade inerente a este fato se dá porque a aluna lança mão do celular para fazer registro dos problemas escolares, ao passo que os demais o fazem apenas para sua satisfação pessoal (escutar músicas).

As ações esboçadas, em diferentes situações, pelos sujeitos sugerem práticas de poder, pelas quais entendo estarem sintetizadas em um diálogo ocorrido entre Bourdieu (1989) e Foucault (1987, 1998). Bourdieu constrói sua argumentação em torno da violência simbólica, sendo esta uma forma de poder exercida pela coerção, em que o sujeito depara com práticas dominantes – valores, hábitos e comportamentos – que são impostas, sem, muitas vezes, o sujeito percebê-las nitidamente. Em contrapartida, Foucault alude ao poder disciplinar como forma de controle social sustentado pela punição, com vista à docilização dos corpos, ao adestramento e ao panoptismo (vigilância). Estes integram mecanismos de poder que Foucault (1998) entende não estarem concentrados em apenas um sujeito, mas em suas práticas que podem ser exercidas ora por um, ora por outro. Entretanto, há aqueles que acreditam que o poder se concentra apenas nas mãos da hegemonia. Tais pensamentos podem resultar em diferentes práticas no meio social, discutidos em parte dos dados.

Ainda sobre a discussão, na situação posterior, a docente parece tentar coagir, não somente a discente, mas também os demais estudantes, como se verifica na sequência:

Ponto 7

Hoje a professora de português Queila, preparou uma aula pra me "humilhar" na frente dos meus colegas, a aula falava sobre política e internet, ela falava que ninguém podia falar da vida dos professores, porque nós podíamos ter feito muitas coisas erradas pra eles odiarem e etc. Eu e acho que a maioria dos meus colegas entenderam o recado "pra mim". Além disso quando vou

até o refeitório as cozinheiras, começam a falar de mim, na minha frente e rir, eu e a Melina (minha colega) fomos reclamar com a diretora, então ela disse que eu tenho que aguentar as consequências e que a partir de agora seria assim com todos, não resolveu o problema. Confesso que fiquei muito triste ...

Diário de Classe, 24 de agosto de 2012

Neste discurso, a estudante assinala que sua comunidade escolar não é, totalmente, incomplacente às normas, assim com ela já expôs, em outra passagem, a respeito de fatos sobre os quais a escola parecia não se manifestar. Neste exposto, a discente expressa toda uma discursividade para mostrar que ela é a vítima das injustiças escolares. Este fato retoma uma discussão já aludida, no tocante ao fato de a escola assemelhar-se a uma prisão. Afinal ela representa o poder disciplinador, onde os transgressores seriam punidos por seus atos. Embora assim, parece ser o local mais envolto por injustiças sociais.

Em sua visão, alguns professores sabem punir aqueles que desejam tomar-lhe a voz. Para isso, a professora preparou a aula para manifestar-se sobre a internet. Supõe que esta explanação tenha sido para estabelecer um controle na sala de aula, exasperar uma forma de coerção, para que outros alunos, ao verem os exemplos, não utilizassem a internet para a mesma finalidade. Práticas como estas nos lembram Foucault (1998), que discute sobre os sujeitos excluídos da sociedade (loucos, criminosos), por meio dos quais seu discurso era invalidado para enfatizar o saber dos “normais”. Diferentemente ocorria com os intelectuais, que traziam em seu discurso a verdade para legitimar seus saberes.

A soberania da instituição escolar se reforça quando a aluna argumenta que não foi somente sua professora que tomou esta postura, considerada coercitiva/silenciadora. Os demais membros escolares (funcionários e diretora) também estão contra a desestabilização escolar, provocada pela estudante. Para isso, na voz da diretora advém o discurso de “aguentar as consequências”, endereçado a quem inflige as regras. Mais uma vez, este discurso remete à ideia de justiça/punição, pois se errou/transgrediu, de algum jeito, deve pagar por seus atos.

Nesse viés, as punições e as práticas de silenciamento parecem não ser mais suficientes, no atual período histórico. As tecnologias digitais trouxeram uma nova forma de exibição. Albuquerque & Pedro (2013) discutem que a dinâmica do *Facebook* parece incitar e favorecer a exposição. Quando surgem os discursos dos silenciados,

tende a ocorrer uma mistura de discursos, em meio aos quais o poder se torna mais distribuído (FOUCAULT, 1998). A escola precisa pensar em tais questões, haja vista que talvez esta esteja adotando práticas punitivas que ultrapassam as normas escolares, em razão da transposição da sala de aula para as redes sociais, tornando pública qualquer menção que o estudante faz referentemente ao professor.

Mas como a escola precisa agir ante estas instabilidades que se instauram na escola?

Sobre esse assunto, continuemos os debates, deixando nítida a posição de alguns docentes acerca da exposição de suas aulas por parte de estudantes, em redes sociais, conforme se vê a seguir:

Ponto 8

Hoje eu e meu pai fomos na delegacia porque minha professora de português fez um BO de calúnia e difamação. Eu fui, nunca tinha entrado numa delegacia antes, mas lá dentro todos me trataram muito bem mesmo. Estranhei pois para mim o assunto já estava encerrado desde o início do mês quando ela me pediu desculpas, eu aceitei e publiquei, está aqui até agora. Como vocês podem ver, não é fácil manter o Diário no ar.

18 de setembro de 2012



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA GERAL DA POLÍCIA CIVIL
8ª Delegacia de Polícia da Capital

BO: 6840/2012

Registro: 494.12.07278
FLORIANÓPOLIS, 17/09/2012

INTIMAÇÃO Nº 826/2012

, **Delegado de Polícia Civil** da
8ª Delegacia de Polícia da Capital, no uso de suas atribuições, e na forma da
lei,

INTIMA

ISADORA FABER, RG , solteiro, com endereço na
FLORIANÓPOLIS/SC (FUNDOS DO
) (Tel:48) a comparecer na **8ª Delegacia de Polícia da Capital**,
localizada na Rodovia SC 403, KM 06, 5230, Ingleses, FLORIANÓPOLIS/SC, no dia **18 de
setembro de 2012, às 14:30h**, para ser ouvido no procedimento acima referido, como outro
envolvimento.

- Eslarecimentos:
- O não comparecimento implica no crime de desobediência, previsto no Código Penal. **Art. 330. Desobedecer a ordem legal de funcionário público: Pena - detenção, de 15 (quinze) dias a 6 (seis) meses, e multa.**
 - Comparecer no local portando o CPF e a Carteira de Identidade, ou outro documento de identificação (com foto), além desta intimação.
 - Falar com:]
 - A Sra. ou outro representante legal deverá comparecer nesta Delegacia acompanhados juntamente com Isadora.

Recebi a intimação Nº 826/2012 em ____/____/____

BO: 6840/2012

18 de setembro de 2012-14:30h

Falar com:

ISADORA FABER

17/09/2012 - 10.09.34

Figura 6: Intimação para a aluna

Neste exemplo, no respeitante ao ponto 8, não convém discutir se a professora está certa ou errada, pois o que se analisa é o discurso da aluna e, realmente, não se sabe

como se deram os fatos que culminaram em tais atitudes. Contudo, pelo que se apresenta na postagem, tende a reiterar as discussões aludidas em outro passo. A estudante comprova que sua desobediência às normas escolares resultou em uma punição, que agora não diz respeito somente à escola.

A professora, percebendo que as regras escolares seriam afáveis para puni-la, procurou outras instituições disciplinares para silenciá-la. Com esse mecanismo de poder (FOUCAULT, 1998), a docente quis mostrar que a escola, incompetente para silenciá-la, recorria ao sistema judiciário para esboçar tal corretivo tendente a voltar à normalidade. Parece existir, neste momento, uma disputa de poder, em que a docente quis patentear que sua voz ainda prevalece e, se a discente foi capaz de se manifestar contra seu discurso, punições mais severas precisariam ocorrer para reverenciar a palavra predominante.

Em contrapartida, a estudante questiona que as normas parecem ser somente para o discente, pois esta professora não seguiu as regras escolares, conforme evidencia o regimento a seguir:

Ponto 9

Na última aula, minha professora de português sugeriu que todos os alunos lessem o regimento interno questões 8 e 9 (me parece censura), eu estava olhando em casa e lendo inteiro, então bem abaixo do que ela falou estava uma parte para professores "Sócia Educativa" dizendo que quando algo acontece algo com aluno, tem que encaminhar o caso para MPSC, não sofri nenhuma medida sócia educativa, fui parar direto na delegacia mesmo. Acho que ela deveria ler o regimento também.

18 de setembro de 2012

1.2. É vedado aos alunos:

1. Entrar ou sair de sala de aula sem permissão do professor;
2. Entrar em espaços de utilização restrita aos funcionários sem autorização;
3. Permanecer em sala de aula durante o recreio;
4. Ocupar-se durante as aulas de qualquer atividade estranha a elas;
5. Promover algazarras nas dependências e imediações da Unidade Educativa;
6. Trazer/utilizar bola ou qualquer outro tipo de objeto que venha a promover tumulto nos espaços de uso coletivo, inclusive no horário do recreio, salvos os casos em que o material for solicitado pelos professores para atividade com fim específico;
7. Impedir a entrada de colegas na Unidade ou incitá-los a ausência coletiva ou não às aulas;
8. Levantar injúria ou calúnia contra colegas, professores ou funcionários, bem como praticar contra eles, atos de violência de qualquer espécie;
9. Promover ou participar de movimento de hostilidade ou desprestígio a unidade ou às Pessoas que nela trabalham, inclusive por meios eletrônicos (internet, celulares);
10. Introduzir ou fazer uso de bebidas alcoólicas, cigarros, entorpecentes ou psicotrópicos nas dependências e imediações da Unidade escolar;
11. Sair da sala de aula para atender telefonemas, bem como outros casos (conforme Lei nº 14.363/08);
12. Consumir na Unidade Educativa, balas, chicletes, pirulitos, refrigerante, salgadinhos e/ou qualquer outro tipo de alimento e bebida de baixo teor nutritivo (conforme portaria 038/2010), e ainda, em sala de aula, será permitido apenas o consumo de água;
13. Desresponsabilizar-se pelo seu desenvolvimento psicossocial e cognitivo não respondendo às exigências do processo pedagógico.

1.3. Medidas Sócio-Educativas

Mediante o não cumprimento das regras acima citadas os alunos estarão sujeitos as seguintes medidas sócio educativas disciplinares, dependendo da gravidade da situação:

- 1º Advertência verbal;
- 2º Comunicação aos pais;
- 3º Termo de Compromisso Disciplinar firmado entre a Escola, Responsáveis e o Aluno;
- 4º Advertência escrita devidamente assinada pelos responsáveis e aluno;
- 5º Suspensão de até 03 dias, com atividades pedagógicas a serem cumpridas;
- 6º Encaminhamento ao MPSC para aplicação de sanção, medida sócio educativa ou proteção (no caso de maiores de 12 anos) e ao conselho tutelar ou outras entidades (no caso de menores de 12 anos).

Figura 7: Regimento da escola

No ponto 9, a discente comprova que a escola possui o regimento que precisa ser obedecido pelo aluno. O texto apresenta uma quantidade considerável de normas para o estudante que, não as atendendo, deve sofrer punições.

Todavia, a aluna argumenta que, no regimento, também há alguns critérios para orientação dos docentes, porém sua professora não seguiu as regras corretamente e, de pronto, resolveu tomar providências mais rigorosas. Este ato da docente reflete que,

mesmo a escola tendo suas medidas, estas não são consideradas suficientes pelos professores para ampará-los quando se sentem lesados por alguma atitude de alunos. A ilusão de muitos é que as instituições encarregadas de moldar os sujeitos (manicômio, prisão, justiça) consigam êxito para reprimir-lhes os corpos. No entanto, Foucault (1998) exemplifica com o sistema prisional, assegurando que este não mais desempenha sua função de educar e docilizar os corpos.

Esse insucesso em projetos que tendem a modelar os sujeitos pode decorrer da imposição de regras sem negociações. É possível discutir, no caso da escola, que, quando se vive sob a pressão dessas, a tendência de alguns é querer quebrar as normas impostas, de cuja elaboração não tiveram participação. Fica explícito, na parte destacada do regimento, que o objetivo da docente era usar métodos coercitivos para silenciar os alunos, consistindo em violência simbólica (BOURDIEU, 1989). Com esta prática, a professora não demonstrou interesse em que os discentes conhecessem ou debatessem todo o regimento, antes que pudessem apenas conhecer a parte que era conveniente a ela.

Pode ser possível que as leis estabelecidas por determinadas escolas já não estejam dando conta de atender o público escolar porque ainda busca desconsiderar a voz do estudante. Talvez tenha chegada a hora de ambos (aluno e professor) dialogarem e estabelecerem suas regras de forma coletiva, sem impor hierarquias aleatórias. Tapscott (2010, p. 159), aduz que “os professores precisam sair do palco e começar a ouvir e a conversar em vez de apenas falar”. Esta afirmação pressupõe que alguns professores não podem ficar tão distantes de seus alunos, mantendo posições assimétricas que parecem não combinar mais com a atualidade. A escola precisa entender que não é constituída apenas por docentes, mas por alunos que possuem anseios próprios. Portanto, nada mais coerente é que as normas sejam negociadas entre seus membros.

Logo em seguida, observa-se no (Ponto 9) que a escola, embora tenha seus momentos coletivos para discutir e debater algumas questões de importância da comunidade escolar, ainda parece habituada em atender os interesses individuais, pois não chegam a acordos para beneficiar a totalidade da comunidade escolar. As discussões tendem a se resumir a ações disciplinares, sem levarem em conta questionamentos que visem soluções dos problemas vigentes. Esse posicionamento

escolar vem ao encontro de Foucault (1998), ao discutir que algumas questões prevalecem sem resolução porque se afeiçoam a características do sistema capitalista, cujos determinados interesses são mantidos.

Ponto 10

No resto da reunião, os pais se queixaram da segurança da escola, que esta entrando pessoas estranhas que não tem nada com a escola. Foi sugerido câmeras de segurança para o problema. Eu concordo com as câmeras mas fechar a escola no recreio também pode ajudar, não precisa estar aberta afinal, tem crianças da 1º série que são pequenos.

Minha mãe foi perguntar a uma professora pq ela estava cantando o hino do RS e a musica " eu quero tchu, eu quero tcha, vcs vão se ferrar" na hora da prova, ela ficou nervosa, começou a gritar e colocou o dedo na minha cara e disse que eu era mentirosa, minha mãe me defendeu. Ela se ofereceu para fazer outra prova mas minha mãe disse que não quer privilégios. Ela disse que não dá aula mais pra mim, que vai entrar com atestado.

24 de setembro de 2012

Nessa postagem, a discente quis apontar que os fatos ocorridos na reunião escolar desencadearam conflitos e acusações que não obtiveram resultado favorável nas discussões. Algumas questões listadas ficaram confusas à luz da incoerência do texto. Por isso, interpretarei os acontecimentos por entender que seu contexto inferisse reflexões importantes.

A estudante relatou que houve uma reunião em sua escola, e os pais reclamaram da falta de segurança porque pessoas estranhas estavam entrando no ambiente. Sugeriram câmeras, a discente concordou, porém julgou igualmente adequado fechar os portões no horário do intervalo.

Na mesma reunião, a mãe da aluna questionou os motivos de terem cantado um hino que não pertence ao Estado e a música “eu quero tchu, eu quero tcha”, inferindo que iam se “ferrar” na hora da prova. Na reunião, a mãe relatou estes episódios, de acordo com a exposição feita pela aluna. Todavia, a professora não concordou e começou a gritar, afirmando que a menina era mentirosa. Presume-se que a aluna tenha se saído mal na prova. Então, conforme a ameaça anterior por parte da docente, no referente à avaliação, esta promete dar outra prova para a estudante. Mas a mãe desta recusou, alegando privilégio. A professora se “estressou” e disse que não daria mais aula para a discente, porque “entraria” com um atestado.

Este ponto, precisamente quando se faz referência à palavra “segurança”, está a demonstrar que a escola, na concepção dos pais, deve ser lugar de confinamento (SIBILIA, 2012) em que os filhos devem ser mantidos sob vigilância. Isto se confirma, quando sugerem “câmeras” no espaço escolar. Portanto, seria um tipo de vigilância moderna, na qual a aluna também defende a escola. Denota-se, assim, que, apesar de muitas comunidades escolares ansiarem por mudanças, parece ainda não estarem preparadas para ter uma educação que rompa os muros escolares e que privilegie a aprendizagem, ao invés da disciplina. Sobre o fator reunião escolar, Borges (2004, p. 6) evidencia que “as reuniões entre diretoria, pais e professores são transformadas em seções de queixas disciplinares, em constatações e repressão dos alunos “desviados” no ambiente escolar”. Toda essa reflexão alude a que os membros escolares parecem estar imersos em uma cultura de que a escola é o local onde precisa sobressair a disciplina.

Por outro lado, pode ser relevante discutir a postura da docente na sala de aula, pois daí se depreende que o conteúdo trabalhado era sem sentido, o que se confirma na parte sobre o hino do RS, pertencente a outro estado. Com isso, uma vez que os estudantes não vissem significância na aula, possivelmente desordenaram a sala. Nesse aspecto, a professora parodiou a música “eu quero tcha, eu quero tchu, vocês vão se ferrar”, por não conseguir contornar mais a situação.

Na reunião, a mãe exige a nota da filha, e a docente fica conturbada. Surge, então, uma tensão entre aluna, professora e mãe. Neste conflito, a professora, não aguentando ser questionada, pensa em abandonar sua função na tentativa de não encontrar, novamente, com a aluna, a razão de seus problemas.

É salutar abordar que, em pesquisas realizadas (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005), as maiores causas de afastamento do trabalho, no que toca aos professores, concernem aos transtornos psíquicos. Portanto, também não é fácil para este docente viver neste “mar de incertezas”, uma vez que, na contemporaneidade, desestabilizou o que parecia fixo (HALL, 1997). A educação revela a tendência de não mais estar centrada no professor, por isso o docente, em meio aos pontos indefinidos, parece não visualizar o caminho para concluir o bordado esperado.

Um exemplo das complexidades que permeiam o ambiente escolar pode ser visto no próximo ponto, em que o modelo educacional vigente valorizou alguns aspectos que, atualmente, causam discordâncias entre professores e alunos. Em vista

disso, a aluna expressa o desejo de punir os estudantes indisciplinados, sem refletir ou questionar as possíveis causas de tais fatos estarem ocorrendo em pleno século XXI, dado que algumas escolas, ainda, mensuram o conhecimento do aluno somente pela nota.

Ponto 11

Esse aluno tem que ser expulso, nada menos que isso. Isso vai totalmente contra tudo que imagino para educação. Os pais desse aluno não podem de forma alguma acusar a professora. Não viram as imagens que todo mundo viu? Tem explicação uma atitude dessas? No momento que se passa pra agressão se perde toda razão, se é que tinha. Tem que colocar ele num castigo bem forte... Nunca vi e espero nunca ver uma coisa dessas. Sala de aula é para ensinar e aprender. Professor não é obrigado a gostar de aluno e aluno não é obrigado a gostar do professor mas o RESPEITO dentro da sala de aula tem que existir, das duas partes. Se não tem postura em aula, tem que ser mandado para diretoria, não resolvendo, suspensão, acontecendo algo de novo, expulsão. Pais por favor, vcs sabem os filhos que tem, ou pelo menos deveriam conhecer, não passem a mão quando estiverem errados, ensine limites e respeito.

25 de setembro de 2012



Figura 8: Agressão contra professora

Neste excerto, a aluna faz referência a um episódio ocorrido em outra escola. Pensei ser pertinente considerar esta postagem porque continua discutindo questões relevantes sobre a construção escolar. Esta é uma cena, em vídeo, ocorrida em uma sala de aula em que o aluno foi pedir satisfação à professora porque não concordava com a

nota²¹ que estava no diário dela. O vídeo detalhado pode ser assistido no canal do *YouTube* no seguinte endereço: http://www.youtube.com/watch?v=IgHpz2arB_s&hd=1.

O estudante subtraiu o diário escolar das mãos da docente e tentou apagar-lhe a nota. A professora tentou pegá-lo do aluno e acabou sendo agredida.

A aluna, objeto desta pesquisa, postou este fato em sua comunidade e esboçou sua opinião sobre o assunto. Em seu discurso, de início, atentei-me para o substantivo “RESPEITO”, posto em destaque. Segundo ela, não há justificativa para tal ato e, decorrência disso, o aluno merece ser punido com as normas escolares. Não bastasse, conclama os pais a que participem da educação dos filhos. O fato ocorrido pode ser um dos indícios de que o sistema educacional tem enfatizado alguns aspectos que tendentes a provar que certos alunos são melhores do que outros em termos de conhecimento, e isso se comprova por meio de provas.

Essa concepção nos remete a Bourdieu (1989) que explana a respeito dos sistemas simbólicos de estruturação, classificando uns como privilegiados se comparados aos demais, e a nota pode ser um desses sistemas. No entanto, alguns estudantes da atualidade podem gerar conflitos por não concordarem que seu conhecimento se compendie numa nota. Agredir não é a maneira apropriada para manifestar discordância. Entretanto, conforme evidenciado em fatos históricos da humanidade, os sujeitos sociais possuem diferentes maneiras de se expressar para estampar sua indignação e conquistar seus objetivos. Há daqueles que podem empregar violências simbólicas – por palavras, imposição, atitudes de exclusão, resistência pacífica – ou violências físicas – pela força corporal (HAYECK, 2009).

A estudante parece não empreender esta leitura de que a violência não se sintetiza apenas em agressão física, mas pode fazê-la de forma simbólica (BOURDIEU, 1989). Portanto, em alguns casos, ela mesma contesta as punições recebidas. Estas punições, em seu pensar, advêm do fato de querer mostrar a verdade sobre sua escola, manifestando-se como “a certa”. Todavia, nesta outra situação referente ao aluno, esta se intitula defensora do “RESPEITO”, para solicitar que a punição se efetive para o

²¹ Na seção posterior, “Ensinar e Aprender na Escola”, nos (PONTOS 08 a 10) abordarei, com foco no discurso da aluna pesquisada, sobre a questão da NOTA que parece ser interpretada pela discente como símbolo de conhecimento/ saber.

discente da ocorrência. Portanto, a ideia de punição que, ao mesmo tempo, vale para os outros, parece não ser propícia a ela.

De fato esta questão mereceria longo debate sobre essas ocorrências, tanto na escola como no meio social, pois atitudes violentas não são marcas da contemporaneidade, mas de uma cultura presente na sociedade.

Quiçá a aluna não tenha refletido que alguns fatos ocorridos entre ela e seus docentes se configurem em violência simbólica. Em sua concepção, parece que somente ela (discente) tem razão e os demais não compartilham desta racionalidade. Talvez a estudante não tenha parado para pensar que, para a escola, ela esteja exercendo a violência, tanto quanto este aluno que foi agressivo por não concordar com sua nota. A única diferença é que são violências distintas, visto que a discente, da comunidade analisada, se apropria de outros artifícios para mostrar sua força/poder e sua indignação.

Portanto, a interpretação que se faz é que, na situação desta discente do “Diário de Classe”, em certos momentos, parece querer tomar o discurso (poder) da escola e se comportar como a detentora da verdade e da autoridade (instituição) que pune, sem questionar as causas e efeitos de práticas que são reproduzidas socialmente.

Para dar continuidade a outros pontos relevantes no discurso da discente do “Diário de Classe”, enfatizo, na sequência, a próxima categoria, que traz alguns debates significativos para indicar como esta estudante tende a construir seu discurso, em sua comunidade do *Facebook*, em torno do que representa “ensinar e aprender” na escola contemporânea.

3.1.2 Ensinar e aprender na escola

Para iniciar os questionamentos sobre a construção do discurso da estudante à volta do que significa “ensinar e aprender na escola”, é pertinente ressaltar, no primeiro ponto, que sua concepção prevalece orbitando a disciplina como princípio para a aprendizagem, e o papel disciplinar parece pertencer ao professor. Para tal observação, cito, neste momento, seu argumento, que em seu modo de entender, provém de uma sugestão de seus próprios professores.

Ponto 1

Eu vejo aqui na minha página alguns professores falando que eles não estão lá para educar que educação vem de casa, que eles estão lá para ensinar. Mas

eles também falam que a escola é a segunda casa então acho que eles pelo menos tem que por limites "educar" se não não seriam educadores e sim ensinadores.

11 de setembro de 2012

O discurso presente, neste exemplo, faz generalizações relacionadas com o papel docente e apresenta indícios de que este é o responsável pelos atos discentes. A estudante construiu sentido para o discurso proferido por algumas instituições escolares de que “a escola é a segunda casa” dos alunos. Geralmente, a escola usa este argumento, em determinadas situações, para que o estudante preserve este ambiente como se fosse a própria casa, bem assim para manter controle do aluno em termos de obediência a seus superiores. De fato, os professores, com esse argumento de que “a escola é a segunda casa”, apesar de interpelarem que não adotam a função familiar, acabam assumindo a mesma responsabilidade dos pais, até mesmo por força da postura de poder que impõe a seu educando (MOURA, 2010).

A aluna, neste sentido, entende que, se esse espaço é a própria casa, os professores precisam assumir a posição dos pais. Além disso, a palavra “educadores” é compreendida como aquele que educa estabelecendo limites. Fosse diferente, tivessem eles a função somente de ensinar o conteúdo, seriam chamados apenas de “ensinadores”. Portanto, alude à questão de que, antes do “ensinar e aprender na escola”, é conveniente educar o aluno, impondo-lhes limites (SIBILIA, 2012; MOURA, 2010).

Em seguida, a discussão do próximo exemplo se dá ao redor dos fatos atinentes às aulas de matemática da discente. É perceptível que os discursos da estudante se constroem contraditoriamente, em algumas situações, quando se trata de ensinar e aprender na escola.

Ponto 2

Hoje de novo tivemos aula de matemática que é a aula mais bagunçada de todas, foi muito ruim estávamos lá gritando até perguntando quando o outro professor substitui você ?

E eu Isadora Faber me levantei da carteira na hora e perguntei porque ? Ela braba responde - porque esse daí não ensina nada - ele tenta mais não consegue, por esse motivo mesmo de começar a gritar e falar coisas na hora da aula.

Poxa consideração com a pessoa que esta ali na frente, mais também se ele não consegue manter a turma em silencio o que eu posso fazer ? Alguém tem que conseguir mais quem ? se ninguém vai ate lá.

31 de julho de 2012

Na observação do “Ponto 2”, sobre “Ensinar e aprender na escola”, faz-se referência ao fato como a aluna vê, principalmente, o processo de ensino/aprendizagem de sua escola. Ela traz, nessa postagem, uma narrativa do que ocorria nas aulas de matemática. No relato da estudante, os alunos se tumultuavam por não entender a explicação do professor e, por isso, solicitavam outro docente para substituí-lo.

No texto, a aluna do “Diário de Classe” narra um diálogo breve com uma colega de sala, em que ela tenta saber os motivos de a companheira estar brava. Esta responde: “- porque esse daí não ensina nada./ - ele tenta mais não consegue, por esse motivo mesmo de começar a gritar e falar coisas na hora da aula”.

Com a postura da colega, a aluna em apreço expõe sua opinião salientando que “Poxa consideração com a pessoa que esta ali na frente, mais também se ele não consegue manter a turma em silencio o que eu posso fazer? Alguém tem que conseguir mais quem? se ninguém vai ate lá”. Com este discurso, primeiro, a aluna acusa o professor e depois parece ser-lhe a defensora. Antes, enfatiza que aquela “é a aula mais bagunçada de todas”. Posteriormente, ela também parece estar inserida no grupo que bagunça, pois interpõe que “estávamos lá gritando”. Só em arremate relata ter pedido explicação de tal desordem para sua colega, eximindo-se da bagunça.

Com esses posicionamentos contraditórios, a aluna reclama da aula. No entanto, no final se revela uma pessoa que solidariza com o docente, conforme a clara na expressão (o que eu posso fazer?) e, ainda afirma que ninguém intervém na sala para mudar a situação, referindo-se aos possíveis funcionários da escola (coordenação, diretora). Na concepção escolar, o professor é a autoridade em sua sala. Talvez seja por isso que nenhum outro funcionário tenha ido chamar a atenção, pois poderia ser caracterizado pelo professor como dono de uma atitude antiética, de indevida intromissão.

Para analisar esta postagem sobre a aula de matemática, precisei recorrer ao vídeo²² do dia 24 de agosto de 2012, postado pela discente, para entender como era essa aula de matemática. Embora, se tratasse de recorte de 27 segundos, ficou visível que alguns alunos gritavam e andavam pela sala. Em meio aos gritos, ouviam-se pedidos de

²²<https://www.Facebook.com/photo.php?v=273862326053614&set=vb.261964980576682&type=2&theater> Acesso em 02-03-2014.

silêncio pelos próprios alunos, outros se mostravam desanimados e permaneciam sentados nas carteiras enfileiradas. Com isto ficou explícito que a aula do professor não despertava interesse dos estudantes. A configuração da sala de aula também pode ser um dos fatores em sugestão a ser repensado pela escola, conforme já ressaltado por alguns estudiosos (SIBILIA, 2012; MOURA, 2010; DAMETTO & SOLIGO, 2009): as carteiras enfileiradas, a mesa do professor postada na frente, os alunos com atitudes inapropriadas para um ambiente de aprendizagem. Não se pretende defender que a aprendizagem ocorra somente no silêncio, mas caso seja em termos diferentes, precisa haver sentido. É bem provável que os estudantes, não vendo significância em estar naquele espaço de confinamento, tumultuavam a sala de aula.

Em contrapartida, Jesus (2007, p. 28) elucida que “o professor, diante da indisciplina dos discentes, sente-se deslocado, desalentado, desesperançoso e expulso do seu paraíso pela nova geração, ávida em compartilhar o poder”. Diante disso, o docente, desencorajado com tal conjuntura e por não desconstruir suas concepções hegemônicas referentes às aulas, não toma nenhuma postura para mudar a situação. Haja vista que, em certas ocasiões, é muito comum alguns professores julgarem os alunos e esses aos seus professores, consistindo em um ciclo de julgamentos que parece não resolver os problemas necessários.

Nos próximos pontos, denota-se que os julgamentos contra o professor de matemática persistem. Apesar da probabilidade das aulas não serem significativas, constituindo uma das prováveis causas do desinteresse, é relevante salientar que estas, também, não podem estar centradas apenas no professor. Para tanto, vale analisar o Ponto 3 a seguir, para averiguar o entendimento desta discente quanto ao que se entende por ministrar uma aula.

Ponto 3

Na terça feira o Anderson Abreu da Prefeitura, foi na escola "na nossa turma" e falou que tinha visto o Diário de Classe, ele sabia dos problemas do professor de matemática, então ele perguntou se queríamos que eles fizessem uma troca, e toda a turma concordou, o professor iria embora, mais hoje tivemos aula de matemática, e não mudou nada o professor de novo estava lá e não conseguimos ter aula.

Será que vai seguir assim?? Não vai mudar nada ??

16 de agosto de 2012

Novamente, a estudante avigora o discurso de que “não conseguimos ter aula”, para fazer alusão à disciplina de matemática. É relevante questionar: “O que seria uma aula para esta aluna?”. Se, por um lado, ela exige a presença de um novo professor para estas aulas, por outro já tem um professor em sala e isso não garante que as aulas sejam conforme o apetecido por alguns alunos.

A contradição permeia o fator “aula na escola”. Este espaço é imerso por contradições e complexidades, por quanto seja notório que não basta ter um professor na sala para inferir que o aprendizado ocorra. Nas perspectivas de Tapscott (2010), Rojo, (2009; 2012) e ainda Lanshear & Knobel (2006), a aprendizagem não precisa estar centrada no professor e no ambiente escolar, pois, em outras esferas cotidianas, podem existir aprendizagem focada nos letramentos a serem considerados pela escola, principalmente, com o advento das tecnologias, em que uma multiplicidade de linguagens prevalece mudando as concepções de letramentos.

Há evidências, entretanto, de que a estudante pesquisada constrói seu pensamento com acepções de homogeneidade, sendo o professor o principal ator do processo de ensino-aprendizagem. Para ela, se ele for substituído, certamente, este processo será satisfatório para todos e resolverão os problemas de indisciplina nas aulas de matemática.

Como se vê a seguir, à luz do pensamento da discente, a questão das aulas de matemática será resolvida, unicamente, com a troca de professor. Nessa marcha, a aluna fortalece o argumento de que o ator principal da sala de aula é o professor e os alunos são considerados pela discente apenas espectadores.

Ponto 4

To vendo nos sites que o prof. de Matemática foi afastado. Espero que venha um prof. bem legal com bastante vontade de ensinar, tinha mais de 30 alunos sendo prejudicados desde o início do ano. Vai ser como começar de novo, só que em setembro. Colegas, vamos colaborar...

30 de agosto de 2012

A aluna desfechou sua opinião em sua comunidade e resolveram afastar o professor, porém não cabe a mim, na qualidade de pesquisadora, esboçar qualquer opinião para discutir se a discente tinha razão ou não. Novamente, é ponderável explicitar que toda a análise ocorre sob o discurso de uma aluna imbuída de vozes sociais, materializado por desejos de melhoria na escola.

No entanto, não se pode afirmar que seu discurso contempla todas as vozes de outrem. Sobre o assunto, é perceptível que a estudante faz uma generalização, indicando que “tinha mais de 30 alunos sendo prejudicados desde o início do ano”. Não se sabe se, de fato, os alunos mencionados se sentiam prejudicados.

Além disso, a aluna alude a que, com a chegada do novo professor, será “como começar de novo, só que em setembro”. Evidentemente, de alguma forma, não consistirá em um momento fácil para aqueles que situam suas aprendizagens em torno de uma única pessoa, no caso o professor. É certo que, muitos se sentirão prejudicados por ser, praticamente, final de ano, e este docente recém-chegado, seguramente, não conseguirá abordar o que alguns alunos desejariam.

Por fim, percebo que, em um único momento, a estudante enfatiza os alunos como atores pertencentes aos fatos concernentes às aulas de matemática, quando conclama: “Colegas, vamos colaborar...”. Neste sentido, marca a presença dos alunos como sujeitos capazes de esboçar uma ação colaborativa. Todavia, com este enunciado, subentende-se que a responsabilidade do insucesso das aulas anteriores não era apenas do professor, mas também de certos alunos que não colaboravam com o desenvolvimento da aula. Com esta afirmação, mesmo postando os alunos como personagens secundários de uma sala de aula, ela acaba inferindo que, para ocorrer uma aula, os estudantes precisam contribuir, ou seja, como cita Rojo (2012) em sua proposta de multiletramentos, o processo de ensinar e de aprender necessita ser colaborativo, a fim de que o estudante possa produzir novas estéticas – cada aluno recriar o que já existia de forma diferenciada.

Como se verifica, posteriormente, no tocante ao caso do professor de matemática, a estudante delinea uma resposta para alguém que a questionou em sua rede social. Surgem indícios que avigoram seu discurso em torno do ensinar e aprender na escola com base em pressupostos já adotados por ela.

Ponto 5

Professora... gostaria de saber quem eu acusei diretamente? que provas vcs querem? fotos e vídeos não bastam? eu participo da escola diariamente, das aulas, do recreio, das conversas... do mundo dos alunos, onde nem tudo os professores ficam sabendo, por isso falo... falo pq sei o que acontece e a escola é pública, "do povo", logo não vejo problemas discutirmos publicamente pois nada tenho a esconder. Não ofendi nem insultei ninguém, muito pelo contrário como vc pode verificar, mas se alguém se sentiu tão

ofendido ou agredido, peço desculpa pois não era essa a intenção. As aulas são muito diferentes, assim como os professores e vcs sabem exatamente como são as aulas de matemática um problema que vem desde o início do ano sem solução porque eu e alguns colegas queremos REALMENTE APRENDER e nunca temos aula. Quanto as câmeras elas já fazem parte do nosso dia não tem o que discutir elas já estão por toda parte, numa instituição pública não podemos querer privacidade. Nossos posts estão todos abertos para quem quiser comentar ou até se defender, mas o que acontece como voce deve ter visto é que vem colegas dizer palavrões e outras bobagens.

14 de agosto de 2012

No exemplo, a aluna parece responder aos questionamentos de alguém que não concordou com seu discurso a respeito da problemática das aulas de matemática. O que nos chama a atenção é o enunciado “REALMENTE APRENDER”. Ela sugere, em sua fala que ela e mais alguns colegas “querem aprender”. Isso esclarece que nem todos acobertavam os mesmos anseios de aprender. Mas, mesmo assim, ela generaliza, lançando a responsabilidade mais sobre o professor do que sobre os alunos. Na perspectiva da aluna, não havia aulas de matemática. Concluímos que o professor esteve na sala até 14 de agosto de 2012 (data desta postagem), mas, por esta não se identificar com a aula do professor, acabou generalizando com a afirmação: “e nunca temos aula”.

Para esta situação das aulas de matemática e para outras questões escolares, a discente defende o uso de câmeras para vigiá-los, pois argumenta ser normal existir este equipamento, reforçando que “numa instituição pública não podemos querer privacidade”. Nesses termos, faz alegoria à sua comunidade, por considerá-la um ambiente para comentários e defesas, mas salienta que, sendo um local para todos participarem, “vem colegas dizer palavrões e outras bobagens”.

A construção do discurso da estudante figura mostrar que a liberdade não é plena, pois precisa ser monitorada, uma vez que deixa explícito que a escola deve ter câmeras para vigiar os atos dos sujeitos escolares. Conforme discutido nos pressupostos teóricos e reforçado nas análises, a escola, em algumas situações, tende a ser um confinamento (SIBILIA, 2012; MOURA, 2010; DAMETTO & SOLIGO, 2009), semelhante a um panóptico destacado por Foucault (1987). Com o discurso da aluna, subentende-se que a liberdade pode provocar situações à semelhança das que acontecem em sua comunidade, por ser um ambiente aberto, onde todos podem participar e, por isso, os colegas proferem “palavrões e outras bobagens”. Todavia, é mister lembrar que, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, os sujeitos adquiriram

alguns hábitos devido à aparente sensação de liberdade oferecida pela internet (BUZATO & SEVERO, 2010).

Nessa concepção, fica evidente que esta discente ao exigir uma escola diferente e com melhores condições de aprendizagem, transpira sinais de que talvez esteja tão só reproduzindo algumas práticas já defendidas pela escola. Tanto se conclama por mudanças, mas em meio a tantas invenções tecnológicas, estas mudanças tendem, na prática, a ser mínimas e situadas em uma aprendizagem centrada no docente. Para esta discente, “REALMENTE APRENDER” significa o professor dar sua aula quase sem participação dos alunos, assim ele poderá não ter problemas com desordens (palavrões ou bobagens). Para ela, o que seriam “bobagens” em sala de aula? Será que o aluno, ao expressar sua opinião ou seus conhecimentos informais, isso configuraria “bobagens”? O que a aluna mais valoriza: o conteúdo escolar ou os vários letramentos?

No próximo ponto, a estudante centraliza no professor a questão de os alunos não aprenderem. Entretanto, como se vê em seguida, o discurso aproveitado por ela é muito comum que ele permeie o enunciado do docente, até mesmo por parte de alguns professores que se sentem desanimados com o desinteresse de determinados discentes.

Ponto 6

Alguns professores falam que é a pior profissão do mundo, mais se eles ficarem parados da no mesmo porque estão recebendo de qualquer jeito. Por favor se não gosta da profissão muda, mais agora ficar parado encostado na porta só faz com que a nossa vida piore e atrase. Isso sim é ruim ver o tempo passar e saber não vou aprender e vou passar de ano, pra alguns é muito bom mais comigo não é por ai não, ensina ou muda de profissão. Eu acho isso.
31 de julho de 2012

As argumentações da estudante no (Ponto 6) giram em torno de expressões de alguns professores que estão desanimados com a profissão. Portanto, a discente se utiliza do enunciado “pior profissão do mundo” para construir o discurso de que seus professores não estão muito inclinados à aprendizagem dos alunos, tampouco no dar aulas. Este pensamento se delineia quando emerge o argumento de que eles ficam parados na porta da sala, sem ensiná-los. No entanto, não são todos os alunos que estão interessados em aprender, pois a estudante assegura que “pra alguns é muito bom mais comigo não é por ai”.

Com tais axiomas, a estudante reforça a ideia de que a escola é o principal local de “ensinar e de aprender”. O professor, neste espaço, é aquele que tem o dever de ensinar, e ao aluno cabe a obrigação de aprender. Algumas discussões (SIBILIA, 2012; TAPSCOTT, 2010) atentam ao fato de que o aluno deste tempo não vê muita significância no ensino em que prevalecem relações assimétricas.

Entretanto, parece não ser suficiente generalizar as aceções discentes. Haja vista que, neste excerto, percebe-se que a aluna discute haver aqueles que preferem que o professor não dê aulas. Se bem assim, a aluna pesquisada vê necessidade de o docente ser aquele que ensine o conteúdo de acordo com o modelo educacional predominante. Nessa senda, a escola está imersa de complexidades. Hall (1997), bem assim Hall & Woodward (2000), defende a instabilidade dos sujeitos, pois há aqueles que não têm interesse pela aula, talvez por não traduzir sentido e desejarem eles uma aula diferente, ao passo que outros preferem que esta seja centrada no professor, sabedor do conteúdo a ser ministrado.

Em contrapartida, a própria estudante, que parece manter uma postura sedimentada nos ideais de um ensino conteudista, conclama, por meio do ponto, a seguir discursos contraditórios em torno dos processos de ensinar e aprender.

Ponto 7

Hoje a aula tava bem legal... foi um passeio até o Teatro Álvaro de Carvalho no centro, tinha apresentação de teatro, coral, música... o teatro tava cheio...muito bom...

30 de agosto de 2012

Esta postagem desconstrói algo tão defendido pela aluna até o momento, a respeito de a aprendizagem ser constituída na escola e pelo professor.

Conforme a fundamentação teórica sedimentada em Cope & Kalantzis (2000), bem como em Rojo (2009, 2012), “ensinar e aprender” parece transcender o espaço de sala de aula. Haja vista que os alunos aprendem fora do ambiente escolar e levam para sala experiências de aprendizagens informais. De conseguinte, o exemplo de aula do fragmento 7 não se deu na escola, tampouco o professor estava explanando algum conteúdo, porém houve outras práticas de letramentos de igual parte importantes para o aprendizado de qualquer estudante.

Todavia, aos olhos da discente, não é suficiente aprender sem ter um símbolo que comprove tal conhecimento. Nesse sentido, de acordo com os debates dos pressupostos teóricos fundamentados em Hall (1997), e Hall & Woodward (2000), apesar de a escola sustentar o desejo de homogeneidade por seus sujeitos-alunos, sutilmente tende a prevalecer a desigualdade assentada em marcações simbólicas (BOURDIEU, 1989), ao modo como se constata a seguir. Haja vista que esta aluna se inclina a reforçar as concepções hegemônicas que simbolizam o conhecimento.

Ponto 8

Meu boletim só esta sem nota em inglês, por que no inicio do ano, o professor faleceu, então estávamos sem aulas.

2 de setembro de 2012

Unidade Escolar		Município								
1007 EBM MARIA TOMÁZIA COELHO		8105 FLORIANOPOLIS								
Curso		Turno		Série		Turma				
983 151 ENSINO FUNDAMENTAL(5 A 8 SERIE)		1 MATUTINO		7 Série		71 Annual				
Aluno										
502853557 ISADORA FABER										
Disciplina	1º Período		2º Período		3º Período		4º Período		Média Período	Faltas Total
	Nota	Falta	Nota	Falta	Nota	Falta	Nota	Falta		
POR LINGUA PORTUGUESA	8.0	2	8.0	0						2
EAR EDUCACAO ARTISTICA	8.5	0	10.0	0						0
MAT MATEMATICA	8.5	4	7.5	2						6
GEO GEOGRAFIA	8.0	1	9.0	0						1
HIS HISTORIA	9.0	0	8.5	1						1
EFI EDUCACAO FISICA	8.0	2	8.0	0						2
LEI LINGUA ESTRANGEIRA-INGLES			8.2	0						0
CIE CIENCIAS	7.0	3	7.0	0						3
Situação:									Média Geral: 0.0	Freq: 98,5%

Figura 9: Boletim escolar com notas da discente

Ponto 9

Na aula de inglês foi a professora auxiliar de novo, como eu já havia dito, ela fez um trabalho sobre alimentação e hoje apresentamos.

Que eu me lembre o professor chegou no início de agosto, ai a mãe dele morreu e ele ganhou a licença, depois ele foi buscar o irmão dele que morava com a mãe e nunca mais voltou. Mais uma vez vamos ficar sem nota no boletim.

17 de setembro de 2012

Ponto 10

Sei que não é fácil escrever corretamente, confesso que agora faço meus textos no Word e colo aqui depois, assim uso o corretor. No início, sublinhava bastante, mas agora melhorou, estou evoluindo, me preocupo com isso, depois meus pais ainda dão uma olhada geral. Eu sempre pensei que pra tirar nota máxima, não poderia errar nada, pelo menos sempre foi assim. Quando li esta reportagem, me decepcionei. Isso é um desestímulo ao estudo, nivela todos por baixo. E quem faz uma boa redação sem erros ortográficos, tira quanto? 11? Teve outro aluno que colocou uma receita de “bolo de Miojo” numa redação com título “Imigração ilegal” e tirou 560. Acho que a nota máxima deve ser usada quando não existem erros, de nenhuma maneira, apenas isso.

19 de março de 2013

As reflexões da discente dos (Pontos 8, 9, 10) são construídas em torno da nota que parece indicar um dos símbolos de aprendizagem/conhecimento. Nesse sentido, é considerável analisar que, na postagem do (Ponto 8), a estudante vê a necessidade de comprovar que é boa aluna por meio de suas notas. Nogueira & Nogueira (2007), ao interpretarem Bourdieu (1989), expõem que a nota é um sistema classificatório que funciona como sinônimo de conhecimento/superioridade. Portanto, com vista a esse pensamento, a discente aproveita desse artifício para fortalecer o seu discurso, expressando que ela não é uma aluna tão ruim, conforme se percebe em suas notas.

Já no (Ponto 9), a discente declara a preocupação e a necessidade da nota de Inglês em seu boletim. Enuncia que “Mais uma vez vamos ficar sem nota no boletim”, devido à falta de professor nesta disciplina. Em nenhum momento explicitou que a presença do professor de Inglês, em sala, seria relevante para contribuir com sua aprendizagem. Todavia, a questão “nota” foi o destaque.

A postagem 10, mesmo não discutindo questões, especificamente, de sua escola, articula sobre as notas do ENEM. Nesta parte, aponta a relevância de ter notas que sejam coerentes com os erros e acertos da redação. A estudante assim argumenta: “Acho que a nota máxima deve ser usada quando não existem erros, de nenhuma maneira, apenas isso”.

Para reforçar a preocupação a respeito da escrita e da nota, a estudante a clara sua apreensão no referente a seus modos de escrever, quando cita “Sei que não é fácil escrever corretamente, confesso que agora faço meus textos no Word e colo aqui depois, assim uso o corretor. No início, sublinhava bastante, mas agora melhorou, estou evoluindo, me preocupo com isso, depois meus pais ainda dão uma olhada geral”. Verifica-se que no próprio discurso da aluna que as tecnologias contribuem para o desenvolvimento de uma boa aprendizagem, retomando assim, as discussões já travadas nas análises anteriores, segundo concepções de Rojo (2009).

Ainda sobre o tema, no ponto citado, é observável que a discente procura usar a gramática normativa. Para tanto, conta com auxílio do corretor de textos e dos pais que revisam sua escrita. Com este fato, é fulgente que não seja, apenas, responsabilidade da escola colaborar para a boa escrita. A discente, também, com este discurso, tende a desconstruir a ideia de que alunos, usuários de internet, não se ajudam das normas gramaticais, uma vez que esta aluna reconhece a importância de saber escrever bem, em qualquer âmbito social, e reforça a preocupação com os letramentos formais.

Entretanto, é conveniente ressaltar que a preocupação com a escrita, parece advir da concepção de que “Eu sempre pensei que pra tirar nota máxima, não poderia errar nada, pelo menos sempre foi assim. Quando li esta reportagem, me decepcionei. Isso é um desestímulo ao estudo, nivela todos por baixo”. Este fragmento franqueia refletir que o desejo de ter boa escrita decorre do receio de ser excluída nos processos avaliativos. Isso se confirma ao considerar “um desestímulo ao estudo” ver que alguém tirou a nota máxima em textos povoados de erros.

Esses argumentos fazem lembrar que a aluna já havia mencionado fatores que têm a tendência de indicar que a nota parece ser o símbolo da aprendizagem, do conhecimento. A visão escolar referente à significância da nota, como fator primordial, está sedimentada nesta aluna, uma vez que construiu seu pensamento com base naquela escola que avalia a aprendizagem somente pela avaliação/prova, e não pelos sentidos construídos ou práticas de letramentos individuais.

Sobre o tema da avaliação de aprendizagem, Luckesi (2002) questiona que o sistema de avaliação adotado pelas escolas, cujo modelo se caracteriza pelo ensino simultâneo, no qual um professor ensina vários alunos ao mesmo tempo, foi sistematizado no decorrer no século XVI, com o nascimento da escola moderna, e que

este processo não pode ser entendido como avaliação, mas como exame (classificatório, seletivo, excludente). Segundo o autor, ainda prevalece nos dias atuais sem, muitas vezes, ser questionado por professores e alunos.

Todavia, em outro estudo, Luckesi (2000) argumenta que a avaliação integra o processo de quem está envolvido com atos ou práticas educativas. Se bem assim, esta avaliação não pode ser autoritária, feita sob julgamentos, porque se torna excludente, esvaindo-lhes as características. Para tal processo, é significativo considerar diversos fatores porque demanda certa complexidade.

Nesse rumo, é sugestivo repensar algumas considerações sobre a questão da avaliação. Uma delas é que a nota não pode ser entendida pelo aluno como produto de seus erros ou acertos. Em contrário. Deve ser compreendida como um conjunto de métodos adotados pelo docente para avaliá-lo. É prudente discutir que, apenas a nota da prova, tende a não avaliar a aprendizagem/o conhecimento do estudante, contribuindo para efetivar a exclusão baseada em práticas de poder que marcam, simbolicamente, quem tem mais conhecimento.

A categoria posterior carrega alguns apontamentos por parte da discente pesquisada que permite desenhar, em sua perspectiva, a “Escola Ideal”.

3.1.3 A escola ideal

Nesta nova seção, expendo dados importantes que indicam o que seja uma escola ideal, aos olhos desta discente. Ao usar a rede social para expressar esta escola idealizada por ela, manifesta a tendência de fazer com que outras pessoas reflitam e questionem se, realmente, esta seja a escola apropriada para os jovens da atualidade.

Ponto 1

Não queremos só mostrar o lado ruim da nossa escola, porque ela também tem seus lados bons, como um grande espaço físico e o prédio que também é bem novo em relação ao de muitas outras escolas, só está faltando a atenção para esses alunos que estão depredando nossa escola e isso só está sendo como uma iniciação para que eles se tornem marginais que é o que realmente não queremos pois esses "marginais" são nossos colegas. E também existe uma lei que os proíbe alunos até a oitava série de reprovarem, que achamos inaceitável, porque faz com que ninguém mais se importe com o estudo e só faz com que o Brasil consiga maior número de alunos aprovados e assim índices de educação melhores e mais dinheiro. Com os alunos não estudando,

só o que os resta é mesmo se tornarem marginais começando com isso "depredar a escola".

E agora ,qual é o lado bom dessa lei ????

30 de julho de 2012

Ponto 2

O que será de nós.

Como fazer, das crianças pobres, adultos pobres.

6 de agosto de 2012



Figura 10: Aprovação automática

Nos pontos 1 e 2, na seção “A Escola Ideal”, a estudante ilustra que seu espaço escolar é privilegiado, se comparado a outros. Entretanto, a aluna apresenta sua escola como um lugar em que não se educa para viver em sociedade. Ela cita, várias vezes, a palavra, “marginais”, para classificar alguns de seus próprios colegas, pois, ao

depredarem a escola, assumem tal papel. A afirmação da aluna no tocante ao papel de a escola não corresponder mais a seu projeto de educar é trazida à lembrança por Foucault (1998), quando explica o papel da prisão que não mais se organiza à volta de seus objetivos iniciais de educar os sujeitos.

Por outro lado do desenho, ao classificar seus colegas de “marginais”, ela reproduz a escola em alguns pensamentos, remetendo-nos a Bourdieu (1989). Este pesquisador relata que a escola abraça o intento de classificar os alunos em termos de culturas privilegiadas, pois o pensamento é de que o favorecido culturalmente não seja o mau (o marginal). Por isso, percebemos que a aluna do “Diário de Classe” nunca se apresenta como a errada, a má aluna, assumindo sempre o papel de boa aluna, superior aos demais que não lutam por seus ideais e que não querem aprender.

Logo mais, ela expressa que situações que movem os discentes a não se interessar pelos estudos sucedem da “lei que proíbe os alunos até a oitava série de reprovarem”. O exposto permite interpretar que o sistema não está preparando alunos para ser pessoas de boa índole, mas para ser “criminosos”. Igualmente, isso nos traz à mente o pensar de Foucault (1998) quando ressalta a prisão como um projeto frustrado, deixando de ser local de transformações favoráveis para ser fábrica de criminosos.

Portanto, subentendemos que o ambiente escolar desenhado pela discente parece ter se tornado ineficiente com vista a educar para o convívio em sociedade, pois reitera que a escola ideal seria aquela que, tal como a prisão, educasse os anormais para viver em sociedade. Nesse aspecto, a discente culpa o sistema por sustentar uma educação que não seja mais disciplinar e, por isso, contribui para a marginalidade. Em seus pensamentos, o que colabora para a existência dessas leis, a exemplo da aprovação de alunos despreparados, é o recebimento de mais dinheiro por parte do governo.

No ponto 2, ainda ressaltando a lei de aprovação automática, a estudante propaga que leis, nesse sentido, condizem com a forma de “fazer das crianças pobres, adultos pobres”. Este argumento expõe uma concepção de que a escola não abre ensejo a mudanças satisfatórias para a vida. Aquele que entra nela pobre de conhecimento/riqueza sairá na mesma situação – sem conhecimento e excluído de boas oportunidades. Com esse argumento, a discente contradiz outros enunciados, em relação aos quais defende a escola como o principal local da aprendizagem. Se a escola não ensina, a quem ela deve atribuir o conhecimento amealhado?

Para tanto, ela sobreleva uma imagem (Ponto 2) que aponta questões daquilo que é ser um ensino de boa qualidade. Em boa parte dos itens, defendidos pela aluna, assegura que, para ser escola ideal, precisa ser seletiva e punitiva, isto é, educar para enfrentar “a dura vida em sociedade”.

Nesse rumo, a aluna expõe, a seguir, questões consideradas favoráveis para a educação, por entender que houve avanços no sistema educacional. A conquista citada no próximo ponto pode ser considerada mudança favorável para a construção de uma escola ideal?

Ponto 3

Parece que a aprovação automática esta com os dias contados aqui em Santa Catarina. A partir deste semestre os alunos devem ter frequência mínima de 75% e medias finais acima de 7, somente o 1º, 2º e 4º ano não poderá reprovar. É um grande avanço na minha opinião, parabéns pela iniciativa, acho que é um passo importante para exigir mais dos alunos e professores. Outra novidade é uma nutricionista nova na escola. Os lanches melhoraram nesta semana, tem 4 cardápios definidos, um para cada semana. Hoje o lanche foi torta salgada de frango e suco natural. Tava muito bom.
2 de agosto de 2013

Segundo a discente, houve alguns avanços no dizente à lei de aprovação automática, pois, agora, passa a ser mais rigorosa, restringindo apenas a reprovação de alunos de algumas séries. Não cabe discutir, neste momento, esta lei, mas a interpretação que esta estudante faz a respeito de como deve funcionar. Com este pensamento, a estudante nos lembra Hall (1997) e Hall & Woodward (2000), que se reportam às identidades que buscam sua essência em torno de um passado. Isso parafraseia, de certa forma, que a estudante deseja que aquela escola, no priorizar a reprovação para aqueles que não atendiam suas normas, voltasse a existir. Na acepção da discente, voltar às mesmas regras do passado constitui avanços.

Ao referir-se à frequência do aluno, a estudante advoga que é importante a presença do aluno em sala para que haja aprendizagem. Essa visão parece se deslocar dos estudos sobre letramentos, pois, ao enfatizar a questão da presença do aluno na sala, a discente tende a reforçar que, em alguns momentos, os letramentos dominantes (formais) são mais importantes do que os vernaculares (informais). Essa percepção da aluna parece inadequada à luz dos estudos atuais (HAMILTON, 2002; LANSHEAR & KNOBEL, 2006; COPE & KALANTZIS, 2000; ROJO 2009; 2012; MONTE MÓR,

2013), ao defenderem que a aprendizagem também se dá em ambientes diferentes dos de sala de aula.

Outra questão é referente às médias finais que precisam ser acima de 7, para que o aluno obtenha aprovação. O fator nota, já discutido na categoria anterior, revigora o que Nogueira & Nogueira (2007), debatem na perspectiva de Bourdieu, no tocante a ser um símbolo classificatório, pois estes estudiosos advogam que a avaliação tem a função social de classificação e hierarquização dos sujeitos. O momento das avaliações escolares representa a face mais visível dos valores privilegiados pela escola e das escolhas implícitas do sistema de ensino. Todavia, a aluna ressalta traduzir grande avanço para o ensino a mudança de alguns aspectos da lei, dos quais parecem reforçar os poderes disciplinares e simbólicos da escola.

Logo mais, no ponto seguinte, a aluna desfila outras referências que focalizam assuntos pertinentes aos processos de letramentos.

Ponto 4

Quinta-feira a nossa escola comemorou o dia da independência do Brasil, cantaram o hino, apresentaram alguns cartazes e teatros. É bom ver isso.
8 de setembro de 2012

No ponto 4, a aluna expõe que “é bom ver isso”, referindo-se à comemoração do “dia da independência do Brasil, em que cantaram o hino e apresentaram cartazes e teatros”. Neste momento, a discente sugere que uma escola ideal é aquela que lembra as datas comemorativas fazendo algumas atividades em menção ao dia.

No entanto, a escola já faz isso com predominância, porém parece não ser suficiente que tais fatos, por si sós, sejam lembrados no ambiente escolar para fazer alusão aos acontecimentos do passado. É ponderável buscar traduzir, com uma visão crítica, estes fatos, trazendo-os para a realidade, com a finalidade de debater e questionar questões sociais do contexto atual.

Este tipo de aula permite estabelecer um debate com a proposta dos letramentos amparada por Cope & Kalantzis (2000), Lanshear & Knobel (2006) e Rojo (2009; 2012) que ampliam o poder do espaço escolar para ser mais do que reproduzidor de leitura e escrita. Contudo, que venha interpretar as várias linguagens e reescrevê-las, levando em conta questões sociais e multiculturais na perspectiva do letramento crítico

ênfático por Coffey (2010), Monte Mór (2013), com a pretensão de entender melhor o poder, a desigualdade e a injustiça nas relações humanas.

No ponto seguinte, interpreto que a escola da discente reproduz o que muitas escolas fazem, ao receberem as tecnologias na escola. Práticas como as oferecidas, a seguir, parecem não ser suficientes para o atual momento histórico.

Ponto 5

Hoje na aula de história, fomos para a sala informatizada fazer uma pesquisa sobre Napoleão Bonaparte, a internet estava boa por isso deu para aproveitar bastante. Hoje também tivemos 2 aulas de inglês, com auxiliar e fizemos trabalho sobre alimentação.

10 de setembro de 2012

O ponto 5 pretende mostrar uma prática frequente em algumas escolas: usar o laboratório de informática para fazer pesquisas. Para a discente, parece que o único problema, em relação a isto, é a internet, pois, se não estiver boa, não dá para “aproveitar bastante”. Quando ela estampa este argumento, percebe-se que sua preocupação inicial de escola ideal, nesse fragmento, está associada à estrutura, e não tanto à qualidade do ensino.

Não que seja proibido usar a sala de informática para fazer pesquisas. Pertinente é discutir que o fato de recorrer ao computador, de forma exclusiva, como se fosse enciclopédia, objetivando empreender pesquisas, parece não ser suficiente para avanço no processo de ensinar e de aprender. Fatos como esses nos lembram estudiosos, tais como Cope & Kalantzis (2000), Rojo (2012) e Tapscott (2010), que entendem que as ferramentas tecnológicas ensejam a confecção de novos desenhos. Além de que, com a utilização desses instrumentos, cabe uma visão crítica a respeito da produção e do consumo destacado por Castells (1999) no diálogo teórico, adicionando que os jovens desta geração tendem a sentir a necessidade de produzir, de experienciar e de poder. Portanto, não basta usar as tecnologias digitais e permanecer com metodologias sem priorizar um enfoque crítico sobre as tecnologias de informação e de comunicação para a sociedade.

Logo em seguida, a aluna exprime seu pensamento com ênfase nos professores, em torno das tecnologias de informação e comunicação na escola.

Ponto 6

Quando vejo que o Governo esta se mexendo para tentar equipar as escolas com tecnologia, fico contente, apesar de saber que muitos professores não estão preparados. Com certeza tem muitos alunos que sabem mais de informática que vários professores. Não adianta dar a tecnologia se não treinar e preparar os professores. O Governo tem que proporcionar esse treinamento aos professores para eles poderem repassar aos alunos. Sem isso, vai ser um monte de dinheiro jogado fora. Com certeza para alguns não vai ser fácil. Eu por exemplo, tenho um professor muito bom na sua matéria, porém mal fala o português, assassinando a língua, ignorando plurais, inventando palavras tipo “umas água, as folha tão sujada, etc”. É gente boa, ensina bem mas o português... Então Governantes, por favor, treinem os professores senão vai ser a mesma coisa que dar uma chave de carro para quem não sabe dirigir e o pior, fazer essa pessoa ensinar outros a dirigir, não tem como dar certo.

8 de maio próximo a Inglêses, Santa Catarina

The image is a screenshot of a news article from a Brazilian newspaper. The article is titled "NOVIDADE NA AULA Tablets chegaram, só falta aprender a usar" (New in the Classroom: Tablets have arrived, only lack of learning to use). The sub-headline reads "Nos escolas do Vale do Itajaí, professores e alunos aguardam treinamento" (In the schools of the Vale do Itajaí, teachers and students await training). The article is written by Fernanda Ribas and Morgana Nichels. It features a quote from André Luís Alice Raabe, a doctor in Education, who states: "É preciso investir nas políticas de formação de professores para que eles usem a tecnologia a favor da aula." (It is necessary to invest in teacher training policies so that they use technology in favor of the classroom). The article discusses the arrival of 377 tablets in schools and the need for teacher training. It also mentions that the tablets contain content from various disciplines, applications, and portals. The article is dated 8 de maio próximo a Inglêses, Santa Catarina.

Figura 11: Tablets chegaram, só falta aprender a usar

No ponto 6, a discente exibe sua satisfação pelas ações do governo em equipar as escolas com tecnologias. No entanto, ela se apropria do discurso de que os professores estão despreparados para lidar com as tecnologias em sala de aula. Por isso,

acredita ser necessário capacitar os professores para sua utilização no espaço escolar. Observa-se que ela argumenta existirem alunos que sabem usar, com destreza maior, as ferramentas tecnológicas do que o próprio professor. Se bem assim, penso que não seja o principal obstáculo para que o professor deixe de utilizá-las em seu contexto escolar, pois, conforme defende Jesus (2007), esta pouca familiaridade com as tecnologias está amarrada com a reculturação do professor para lidar com elas. Entretanto, esta insegurança docente de mostrar-se menos proficiente do que seus alunos contribui para prejudicar o uso das tecnologias em ambiente escolar. Novamente, cabe ressaltar a hierarquização de poderes na escola (TAPSCOTT, 2010), uma vez que o poder poderia ser distribuído conforme sugere Foucault (1998). Professores e alunos poderiam edificar o processo de ensinar e aprender de forma coletiva, valorizando os multiletramentos e letramentos críticos.

Percebe-se que a aluna tem uma visão de que a escola é composta por hierarquias verticais, em que o poder reside nas mãos somente de um sujeito, quando metaforiza o uso dos *tablets*, na escola, ao ato de dirigir. Para a discente, é necessário treinar “os professores senão vai ser a mesma coisa que dar uma chave de carro para quem não sabe dirigir e o pior, fazer essa pessoa ensinar outros a dirigir, não tem como dar certo”. Portanto, ela se inclina a apontar que a escola ideal é aquela que o professor tem a chave para conduzir seus alunos, como se todos fossem homogêneos. Isso alude ao fato de que o docente é o centro do ensino. Mesmo quando o aluno pode colaborar com o professor, quem tem o dever de explanar/ensinar é o docente, tido como o detentor do saber. Por tal concepção, é que a educação tende a permanecer estática, pois os próprios alunos figuram centrar o conhecimento no docente, desvalorizando seus letramentos informais.

No próximo ponto, a estudante realiza comparações entre escola pública e particular, exprimindo reflexões concernentes ao modo como esta escola precisa ser sedimentada, rumo a contribuir para uma educação de qualidade.

Ponto 7

Minha irmã estudou o fundamental aqui na escola tb. Agora faz o ensino médio numa boa escola particular no centro. As notas dela aqui eram boas também. Quando começou na escola particular, ela quase enlouqueceu... deveres, deveres, deveres, trabalho, trabalho, trabalho, a escola em outro ritmo. Ela teve muitas dificuldades, as notas baixaram radicalmente, não

conseguia acompanhar o ritmo da turma. Passou no final do ano depois de pegar recuperação em quase tudo... agora tá bem melhor, mesmo assim...huehue... é o que me espera. O espaço físico da minha escola é muito melhor que a dela, nem se compara, agora, pq a cobrança da educação é diferente? Por causa dos professores? Por causa dos alunos? Acho que é por que lá o aluno é mais interessado, existe respeito de AMBAS as partes, a direção é atuante e, PRINCIPALMENTE, se o aluno não tem condições, RODA. Como fazer isso na minha escola? Os alunos não estão acostumados a estudar, fazer deveres, trabalhos como os outros alunos de escolas particulares. Se for aplicar uma prova de uma boa escola particular na minha sala, todo mundo sai mal, inclusive eu, não temos chance alguma. Como fazer isso na escola se todo mundo tem que passar no final do ano?? Não Acho que seja culpa dos professores, pois se fossem cobrar muita gente ia rodar e não pode. O jeito encontrado é nivelar por baixo. Os alunos e professores são pouco exigidos. Acho que é por isso que eles fazem as cotas depois. Educação pública tinha que ter qualidade igual ou superior a particular afinal é pago por todos e é pra todos. Se quem comanda não faz isso, deveria fechar as escolas e pagar bolsa de estudos para todos alunos da rede pública em boas escolas particulares.

26 de setembro de 2012

O discurso, perpetuado no ponto 7, demonstra que a estudante generaliza a qualidade do ensino da escola pública, inferiorizando-o em relação ao ensino privado. Para confirmar sua aceção a propósito das escolas públicas, lança mão do exemplo de sua irmã que estudava em uma e, ao passar para a particular, encontrou dificuldades para acompanhar os demais alunos, porque as exigências eram superiores. Assim, a discente se põe em uma posição desprivilegiada em relação aos alunos de escolas particulares. Igualmente, evoca Bourdieu (1989), no que respeita à noção de arbitrário cultural sustentada por práticas escolares, uma cultura mais privilegiada em detrimento da outra.

É perceptível que todo seu discurso se alicerça em um pensamento hegemônico de que a escola pública é ineficiente. Para isso, ela se socorre de algumas palavras em destaque para fazer sobressair não somente sua voz, mas algumas vozes sociais que ecoam em seu discurso.

Segundo a discente, na escola particular “existe respeito de AMBAS as partes”, ou seja, do professor e do aluno. Subentende-se que, na escola pública, não ocorre semelhante atitude. Em sequência, acrescenta que “a direção é atuante”, a exprimir, que somente a direção da escola privada é competente. E, para finalizar, faz-se categórica: “PRINCIPALMENTE, se o aluno não tem condições, RODA”. Há evidências de que esta aluna idealiza uma escola que privilegie os melhores, pois as palavras PRINCIPALMENTE e RODA, referentes aos estudantes que não têm condições, estão

a sinalizar que os que merecem destaque são somente aqueles detentores da facilidade de aprender, donos de notas boas nas provas, caracterizados como bons alunos, em meio a outros fatores. E os alunos que não revelam condições, independentemente das razões, estes não merecem uma oportunidade para ser destaque?

No mesmo momento em que a discente questiona, idealizando mudanças favoráveis na educação, ela acaba revitalizando esta escola que existe no imaginário de alguns, que precisa ser sustentada, em determinadas situações, com bases autoritárias, excludentes. Nela, a reprovação retrata sempre o meio de buscar se igualar à escola particular, porque, em muitos pensamentos, tem um ensino de boa qualidade.

Sua visão de escola resgata o entendimento de Sibilia (2012) sobre a escola moderna, baseada que está nos princípios da modernidade, em que os sujeitos precisam ser disciplinados para incrementar o sistema de produção. Também retoma Bourdieu (1989), interpretado por Nogueira & Nogueira (2007), no referente ao arbitrário cultural, pois, para tais autores nenhuma cultura pode prevalecer sobre a outra, embora a escola sustente que os privilegiados culturalmente encartam mais vantagens do que os outros. Para isso, a escola se utiliza de sistemas simbólicos para pôr à mostra aqueles que são superiores em relação aos outros: notas, linguagem verbal, aprovação, entre outros. Desse modo, é perceptível que a aluna tenha a tendência de ser uma reprodutora de muitos dos pensamentos hegemônicos já naturalizados pela sociedade.

Posteriormente, a aluna exprime desejo de mudança na escola. Se bem assim, essas mudanças parecem depender, de fato, de uma transformação de pensamento dos sujeitos escolares.

3.1.4 O desejo de mudança na escola

No ponto a seguir, a discente sublinha que houve transformações no ambiente escolar. Entretanto, as mudanças ocorridas tendem a situar-se mais na estrutura física da escola, conforme se vê a seguir:

Ponto 1

Fazem pouco mais de dois meses de Diário. Muita coisa mudou, nunca pensei na repercussão que ia dar. Olhando tudo que aconteceu, fico feliz em ver que as coisas que mostrei foram consertadas, a quadra parece que vai ser pintada, a APP foi formada e outras coisas. Me perguntam muito o que vai ser agora que a escola foi reformada, se vou seguir com Diário. Hoje penso diferente, penso maior. Penso que se minha escola pode melhorar, por que não as outras? Não só de Florianópolis, mas de todo Brasil. Por que vemos

escolas tão ruins como as que são mostradas aqui? Quem ganha com isso? Pra mim isso é motivo de vergonha e acho que isso envergonha todo Brasil. Será que pensam que enganam alguém com índices, cotas? Será que os outros países acreditam nisso? Você acredita nisso? Eu acho que o Brasil finge que a educação tá boa para impressionar os outros como se todos fossem bobos. Recebi fotos que parece qualquer coisa, menos escolas, por que isso? Se a gente é o país do futebol, do samba, por que não ser o país da educação? Não seria legal ser conhecido por ser o país de melhor educação do mundo? Sermos respeitados em qualquer lugar como um povo culto, inteligente e educado? Acho que sendo assim, o resto vem junto, pois nenhum povo educado e inteligente não vai deixar a saúde de lado por exemplo. Vontade de mudar já vi que muitos tem, então o que falta? Eu tenho vontade, gostaria que minha escola fosse uma escola modelo e vou fazer o possível pra isso, espero que um dia algumas pessoas entendam e me ajudem também. E vcs, sabem como vai a escola dos seus filhos? Sabe se esta faltando professor? Sabe o que ele comeu hj? Sabe o que ele aprendeu hj? O que ele faz quando não tá na escola, você sabe? Podemos começar assim, não é tão difícil... os estudantes tb tem que falar, são os maiores interessados, não podem ficar quietos. Muitos me dizem que é sonho, que sou criança e não sei das coisas, que não é bem assim... não me importo, gosto de sonhar. Saber que tem milhares de curtidores inconformados com a educação no Brasil me motiva a continuar, mas agora não só pela minha escola, mas por todas escolas do Brasil.

1 de outubro de 2012

A aluna, na postagem 1, argumenta as mudanças que se deram a partir da existência do Diário de Classe. Esclarece que gostaria que isso estivesse ocorrendo em outras escolas. Os questionamentos que a estudante realiza é para que o interlocutor reflita sobre sua postura diante da escola, onde estuda ou estudam seus filhos.

Contudo, apesar de questionar os problemas existentes nos ambientes escolares do país, ela cita a inoperância do governo para questões à semelhança dessas, mas, de forma sutil, expressa que a falta de qualidade de algumas escolas se deve ao fato de que muitos não participam de ações reivindicadoras para melhoria da educação.

Parece questionar que o governo é complacente com os problemas, porém a comunidade se exaspera por não exigir o que é de direito. Os questionamentos, a seguir, confirmam tais reflexões: “vcs, sabem como vai a escola dos seus filhos? Sabe se esta faltando professor? Sabe o que ele comeu hj? Sabe o que ele aprendeu hj? O que ele faz quando não tá na escola, você sabe? Podemos começar assim, não é tão difícil... os estudantes tb tem que falar, são os maiores interessados, não podem ficar quietos.”

Com estas interrogações, ela se torna modelo de liderança no que toca a este movimento midiático, competente a pedir alterações na educação, mudanças estas que, às vezes, giram em torno de melhorias estruturais, mas nem tanto relacionadas com as

suas práticas escolares. Até mesmo porque, como já vem sendo discutido, comprovados por meio do apoio manifestado a essa discente, muitos participantes da comunidade escolar anseiam por mudanças, mas, em não poucas situações, reforçam o discurso hegemônico. O discurso, nesse ponto, resgata o que Scherer-Warren (2011) dialoga, no sentido de que a transformação não é modificar com base nos poderes hegemônicos, é modificar pelas ações da sociedade, neste caso a escola. Desse modo, se as ações e discursos tendem a propagar o pensamento predominante, vale questionar quais são as mudanças que podem ocorrer na escola contemporânea com sujeitos escolares imbuídos de tais concepções?

Para continuar as reflexões, o próximo ponto se constrói à luz de interrogações e propostas para os professores abrirem o ano letivo.

Ponto 2

Acho que todos nós temos que pensar numa maneira de melhorar a escola, todos! Que momento melhor que o início do ano letivo? As aulas logo irão começar. Vamos mobilizar campanhas de preservação da Escola, do Patrimônio Público. E você professor? Pronto pra mais um ano letivo? Pensou em alguma coisa diferente pra sua aula ou vai ser igual a que deu ano passado? Será que não tem como melhorar? Pensou em como deixar sua aula mais interessante? E aqueles problemas de sempre, pensou em uma solução? Ainda dá tempo de pensar em alguma novidade, uma atualização, uma evolução. Até mesmo aqui no Diário tem muitas sugestões, muitas novidades. Você já conhece

<http://www.fundacaolemann.org.br/khanportugues/> ? É uma opção, fale com seus colegas e conversem sobre o assunto. Tudo esta evoluindo, as aulas não podem ficar paradas no tempo, todos temos que evoluir, alunos, professores, direção... todos!

5 de fevereiro de 2013

<http://www.fundacaolemann.org.br/khanportugues/>

Khan Academy em português - Fundação Lemann

www.fundacaolemann.org.br

A Khan Academy em português é um projeto da Fundação Lemann e de seus parceiros

Na postagem 2, a discente parece querer mobilizar/incentivar os sujeitos escolares para iniciar um novo ano com mudanças. Quando se trata da questão docente, há indícios de que ela tenta inverter os papéis, pois se torna questionadora da função do professor, conforme salientado nestes fragmentos: “E você professor? Pronto pra mais um ano letivo? Pensou em alguma coisa diferente pra sua aula ou vai ser igual a que deu ano passado? Será que não tem como melhorar? Pensou em como deixar sua aula mais

interessante? E aqueles problemas de sempre, pensou em uma solução? Ainda dá tempo de pensar em alguma novidade, uma atualização, uma evolução”.

Por outro lado, aponta caminhos para que os docentes possam modificar suas aulas, apresentando-se com uma especialista em educação, conforme se confirma no fragmento por ela estampado: “Até mesmo aqui no Diário tem muitas sugestões, muitas novidades. Você já conhece <http://www.fundacaolemann.org.br/khanportugues/>? É uma opção, fale com seus colegas e conversem sobre o assunto”. Tapscott (2010) argumenta que a geração digital pode nos ensinar como preparar o mundo para o futuro. Nesse norte, o professor deve ouvir as opiniões do discente para intuir o que este almeja em relação às suas aulas.

É observável, no último enunciado, que a estudante se refere às mudanças havidas e ressalva que a escola precisa passar por mudança. “Tudo esta evoluindo, as aulas não podem ficar paradas no tempo, todos temos que evoluir, alunos, professores, direção... todos!”. De outra parte, percebe-se que, em determinados momentos, a discente se revela um tanto ou quanto contraditória. Há indícios, em outros pontos, de que ela se inclina a querer uma escola conteudista, mas, ao mesmo tempo, quando alude à “evolução”, ela põe em relevo outros modos de ensinar que não focam apenas a sala de aula, privilegiando a tecnologia digital como instrumento de ensino-aprendizagem para que seja utilizada pelos professores, em suas aulas. Contudo, é significativo questionar que não é a tecnologia que muda as aulas, mas o significado que os sujeitos sociais (professores/ alunos) atribuem a elas (JESUS, 2007; CASTELLS & CARDOSO, 2005). Em reforço, é oportuno destacar que não adianta transportar os velhos modos de ensinar para outra ferramenta. Relevante é contribuir para a construção de um olhar crítico.

No ponto a seguir, a aluna acena em seu discurso ao fato de que todos somos iguais. Entretanto, a educação é composta por diferentes, conforme explicitado em outras seções.

Ponto 3

Muitos me perguntam sobre cotas. Eu sabia pouco do assunto mas tive tempo de me informar bem. Vi os diferentes pontos de vista e essa é minha opinião. Eu acho que todos somos iguais, negros, brancos, índios, amarelos, gays... enfim, todos. Não é isso que faz a diferença. Pra mim, a diferença esta na educação, se todos tivessem acesso a mesma educação, não teria

diferenças e não precisaria ter cotas. Eu tenho vergonha disso, não quero cotas por que estudo em escola pública, não sou menos que ninguém, sou capaz de aprender e não quero tratamento diferente, quero ter uma educação igual, só isso. Pra mim isso é DISCRIMINAÇÃO (“fazer distinção”).

“A legislação brasileira considera crime o ato discriminatório, como se depreende das leis 7.853/89 (pessoa portadora de deficiência), 9.029/95 (origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, idade e sexo) e 7.716/89 (raça ou cor)”.

Se é lei, como fazem essas coisas? Difícil entender.

3 de outubro de 2012

Nesta parte do ponto 3, a mudança gira em torno desta concepção: a educação deveria ser igual para todos. Assim, a estudante apregoa a ideia de homogeneidade defendendo que todos são iguais. De fato, o discurso que impera é o desejo de existir igualdade entre os sujeitos sociais, mas, na realidade, não é isso que se evidencia em diversas práticas. Isso remonta ao que Bourdieu (1989) acentua em relação ao arbitrário cultural de que a própria escola faz essa diferenciação dissimulada, no concernente aos privilegiados e desprivilegiados.

A discente questiona a lei de cotas por entender que esta é discriminatória, pois desqualifica os alunos de escolas públicas, considerando-os inferiores. Ela compara essa lei com as leis de cotas com as “leis 7.853/89 (pessoa portadora de deficiência), 9.029/95 (origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, idade e sexo) e 7.716/89 (raça ou cor)”, por meio das quais se considera crime o ato discriminatório. Para tanto, é expressivo, retomar o (PONTO 7) da seção anterior – “Ensinar e Aprender na Escola” – para elucidar os motivos de a discente ter marcado a diferença entre alunos de escolas públicas, considerados, naquele discurso, com condições inferiores aos de escolas privadas. De certa forma, a ideia de que a escola particular é melhor do que a pública é autoalimentada, constantemente, no pensamento de boa parte da sociedade, em razão do pensamento hegemônico que entreabre esta distinção.

Ao fazer uma comparação com esse discurso e com o anterior, a respeito de sua concepção diferenciada entre escola pública e particular, a discente se apresenta contraditoriamente. Indica não acreditar na igualdade por ensejar evidências em favor da escola particular, ou seja, os discursos são convergentes, tanto o da discente sobre escola (pública X particular), como o da lei de cotas, pois ambos não apregoam a equidade, contemplando apenas uma minoria que corresponde aos requisitos de cotistas e, por outro lado, aos estudantes com condições de ter acesso a escola particular.

Em seguida, a aluna elucida que, por força de seus desejos de mudança manifestados em seu “Diário de Classe”, ela se tornou figura pública de grande expressividade na mídia. Confirme-o nos pontos adiante:

Ponto 4

Fiquei muito feliz por ser escolhida entre mais de 50 milhões páginas no *Facebook* Brasil. Muito obrigada galera do *Facebook*, foi um presentão pra mim.

Saiba mais sobre a estudante Isadora Faber e seu Diário de Classe

<https://www.Facebook.com/DiariodeClasseSC>

5 de outubro de 2012



Figura 12: Um bilhão de pessoas conectadas: o que eles fariam?

O ponto 4 mostra a expressividade oriunda das ações da discente. O desejo de mudança na educação, defendido por ela, determina importante movimento que leva outras pessoas a se posicionar diante de seu discurso. Embora, haja quem não se manifeste a favor de seus ideais, há muitos que apoiam a manifestação por uma escola na órbita dos ideais dessa discente. E, se os seus questionamentos e reflexões provocaram esta numerosa expressividade em favor deles na esfera social, é porque os

desejos de mudanças educacionais tendem a caminhar com pensamentos que ecoam os desta discente.

Portanto, o discurso que vem sendo construído pela estudante tende a ser repleto de vozes sociais que aspiram por transformações. Entretanto, ao investigar fundo, surgem indicativos de que estas mudanças dependem de contornos históricos, sociais e culturais que não sofrem alterações rapidamente. Até mesmo porque, para a mudança de fato ocorrer, é considerável uma transformação na cultura política. Nessa esteira, Scherer-Warren (2011) advoga que tanto a política quanto a sociedade civil do Brasil ainda estão sedimentadas no autoritarismo e no conservadorismo.

Na educação, essas práticas também parecem estar arraigadas em sua história e cultura. Em consequência, o princípio de mudança não pode ser previsto como algo que soará favorável ou, simplesmente, aparecerá como uma mudança dissimulada, reinventando alguns discursos e práticas já existentes.

Portanto, a personagem de rede social que luta por uma educação melhor, se tornou figura que desempenha importante papel social e político na atualidade, pois, com a sua atitude, outros sujeitos escolares tomaram a voz da discente, assentados em sua eloquência, para ressignificá-la em seus contextos sociais. Haja vista, que muitos outros diários despontaram ressoando suas vozes por uma mudança educacional.

Logo adiante, a discente pontua que as manifestações, em seu diário virtual, se transportaram para o plano real, já que as discussões se expandiram com convites para participação de vários eventos, ou seja, as mudanças não se deram apenas à volta de suas reivindicações, mas também em âmbito pessoal.

Ponto 5

Queria disser que estou embarcando daqui a pouco para São Paulo para participar do evento do site abaixo. Ontem fui ao dentista, e quando voltei tinha umas amigas em casa para se despedir, então ficamos conversando e não postei nada.

Nessa segunda feira vai ter um ato cívico na minha escola pela “Paz e Tranquilidade para Trabalhar”... Todos sabem que estarei em São Paulo no GP 12, pena que não vou poder estar lá, pois eu iria pedir Paz e Tranquilidade para eu estudar.

Ato cívico

A diretora Liziane Dias Faria quebrou o silêncio nesta sexta-feira (09) e comentou que deverá pedir à Guarda Municipal de Florianópolis o reforço de segurança na porta da escola. Ela lamentou o clima de tensão existente na unidade e salientou que o manifesto divulgado seria uma "ação coletiva" de servidores e professores. "Essa sempre foi uma escola tranquila, que atende a

comunidade. Agora estamos convivendo com esses atos de violência", disse. "Queremos paz e tranquilidade para trabalhar".
10 de novembro de 2012

No ponto 5, a aluna divulga seu compromisso com um evento de São Paulo, que versará sobre temas propícios para a modernidade, uma vez que a conferência carrega temas conducentes a que o participante se torne um profissional competitivo e pronto para qualquer desafio local, regional ou global.

Em seguida, a estudante acentua que, no período de sua ausência, haverá um ato cívico em sua escola, que atentará a este foco: "Paz e Tranquilidade para Trabalhar". A estudante lamenta não estar presente, mas ela pediria "Paz e Tranquilidade para Estudar".

É notável que o anseio de mudança da discente desestabilizou seu ambiente escolar e, por isso, a escola resolveu assumir sua reorganização por meio de ato cívico. Parecem existir duas forças: de um lado os professores, de outro a estudante que, possivelmente, abriga seus colegas como seguidores de suas ideias.

Subentende-se que a escola, sabedora do compromisso da discente, preparou o ato cívico no dia de sua ausência para que ocorresse harmoniosamente. Ainda neste sentido, diante da desestabilização escolar, os profissionais de educação tendem a mostrar que a culpa da mudança nos contornos escolares se deram por causa da estudante que propagou conflitos para este ambiente, considerado calmo.

Isso demonstra que os profissionais deste local se sentem agredidos com os atos da discente. As palavras da diretora comprovam tal pressuposto quando referencia que "deverá pedir à Guarda Municipal de Florianópolis o reforço de segurança na porta da escola. Ela lamentou o clima de tensão existente na unidade e salienta que o manifesto divulgado seria uma "ação coletiva" de servidores e professores. "Essa sempre foi uma escola tranquila, que atende a comunidade. Agora estamos convivendo com esses atos de violência", disse. "Queremos paz e tranquilidade para trabalhar" – isso pode ser perceptível no título do ato – direcionado para servidores e professores. Há exclusão dos alunos. Sendo assim, conforme evidenciado em análises anteriores, a estudante se sente agredida, porém os profissionais também exteriorizam este mesmo sentimento, de que estão sendo agredidos pelas ações da discente e por isso deixam de convocar os estudantes, como se esses não fizessem parte da escola.

No próximo ponto, outros compromissos assinalam a vida da estudante, hábil a evidenciar que, com base em seu diário, outros letramentos passaram a fazer parte da vida da discente, o que favorece a que continue exprimindo desejos de mudança para a escola.

Ponto 6

Estive em Recife este final de semana participando do papo de universitário na UFPE. Tava muito bom, um monte de pessoas legais, muitos contatos. Fiquei um tempão ontem no aeroporto, li tudo que tava ao alcance. Estava vendo as notícias, políticos corruptos, outros que não querem deixar o cargo mesmo ninguém querendo ele, desvios de verbas, votações, etc. Então pensei: Os políticos tinham que fazer um Diário on-line de seu dia-a-dia. Nada mais justo para você poder acompanhar seu representante, saber o que fez, quais os projetos, perguntar aos seus eleitores quais os interesses ele deve defender, contar o que será votado e perguntar a opinião dos eleitores, publicar seus votos, mostrar os gastos do gabinete, quem são os assessores, enfim, TRANSPARÊNCIA. Assim todos poderiam avaliar melhor seu representante, ver se ele está cumprindo o que prometeu, se realmente está defendendo nossos interesses ou se está defendendo o que é melhor pra ele. Isso deveria ser com TODOS políticos, iria ajudar para saber em quem votar nas eleições. Com certeza não falta um assessor para fazer isso diariamente, contar a VERDADE. Quando você não concorda com suas atitudes, reclama na hora, publica mesmo seu descontentamento. Não temos esse direito?

25 de fevereiro de 2013

Novamente no ponto 6, há apontamentos de que a aluna quer expandir os princípios de mudança na sociedade. Ela se apresenta como uma representante que foi adquirindo poder, cuja expressividade se reforça por sua participação em eventos que debatem sobre diversos temas sociais.

Observa-se que a estudante anseia por mudanças em outros campos da sociedade, fora da educação. Para tanto, ela pensa nos benefícios da tecnologia para recorrer aos políticos, com o fito de esclarecer suas ações. Notoriamente, os letramentos que estão sendo construídos por essa discente se superam aos de sua escola ou aos que as tecnologias de informação e comunicação lhe ofertam, pois demonstra que as leituras de mundo são constantes, inclusive no aeroporto. Em razão disso, vai ganhando popularidade por meio de seus discursos, uma vez que ela demonstra que seus argumentos estão bem alicerçados, pois não se baseiam na mera informalidade, mas em práticas privilegiadas, notadamente na leitura, forma de conhecer e interpretar os fatos que estão ocorrendo no país.

Nesse rumo, apesar de alguns discursos da aluna esboçarem interpretações de que a aprendizagem sucede com mais frequência na escola, as práticas significativas vivenciadas por ela, com o “Diário de Classe”, vinculam que os letramentos formais e informais se misturam e, obviamente, outras aprendizagens significativas passarão a fazer parte de seu currículo e, estas, não são quantificadas com notas.

A postagem também sinaliza conceitos já discutidos em passo anterior, uma vez que a discente almeja mudança advinda dos anseios de “verdade” que, segundo ela, se torna possível se “todos” os políticos esclarecessem, em seus “diários on-line” o que fazem diariamente. Entretanto, salientar que nem tudo que se expõe pode ser considerado verdade. Ao declarar que os políticos, no exporem suas ações, estão declarando a verdade, isso retrata uma informação muito generalizada, pois esta verdade pertence a quem? O que cabe a qualquer sujeito social é interpretar essas verdades com a finalidade de formular suas reflexões e questionamentos.

Logo em seguida, a discente desfila outros lugares e conhecimentos que estão fazendo parte de sua vida.

Ponto 7

São Paulo e Porto Alegre

Estive viajando bastante semana passada, participando de palestras, fim de semana intenso. Estive no Educando Educador em São Paulo. Foi muito legal, ver inúmeros educadores interessados em melhorar, evoluir. Foi muito bom ver professores de mente aberta, com vontade, preocupados com a Educação. Às vezes, tenho que confessar, chego a desanimar pensando que estou sozinha na luta, mas existe sim professores do século XXI, modernos e atuais, que a Educação tem jeito sim. Foi maravilhoso participar, obrigada a todos da Educando Educador e as pessoas de São Paulo que sempre são muito queridas. Também estive em Porto Alegre, num lugar maravilhoso, que cheira cultura que é a Casa de Cultura Mário Quintana, adorei. Lá, fui muito bem recebida pelo Secretário da Educação do Estado do RS, José Clovis Azevedo e pela Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital . O evento estava ótimo, ótimas idéias foram trocadas, pessoal muito interessado pela Educação e Cultura, deu pra perceber fácil. Lá, eles estão com um Projeto chamado Província de São Pedro, que foi o primeiro nome do RS. Leva esse nome por que consideram que a Educação esta começando do zero, com a Era Digital, por isso estão distribuído tabletes e treinamento. Achei bem legal, todos se mexendo, espero que tudo de certo. Quero dizer que adorei Porto Alegre, terra da gauchada e meu Tricolor, a Arena esta Linda!

27 de maio de 2013



Figura 13: Viagens para eventos

Nesse ponto, ela faz referência aos professores de São Paulo, tentando estabelecer distinção entre os professores de sua cidade e os de outra região. De acordo com a estudante, os docentes do evento se enquadram numa visão diferenciada da educação do século XXI. Contudo, quando ela se refere aos professores em outros contextos, tende a generalizá-los, expressando quase sempre opiniões negativas para seu modo de agir. Para o evento de São Paulo, ela se mostra uma liderança em defesa da educação, detentora de visão moderna, e assemelha seus pensamentos aos dos professores presentes no evento.

Aqui, novamente, fica explícito que, além do desejo de mudança na escola, houve mudanças em sua vida, com vista a adquirir outras leituras de mundo. Percebe-se que, além de São Paulo, pôde conhecer RS, com intento de confrontar outros lugares e projetos embebidos por novas perspectivas educacionais. Ela expôs o “Projeto chamado Província de São Pedro, que foi o primeiro nome do RS. Leva esse nome por que consideram que a Educação está começando do zero, com a Era Digital, por isso estão distribuindo tablets e treinamento”. Ela se apresenta, igualmente, como da mudança no atinente ao uso de tecnologias. Para isso conclama que a educação começará do zero

com tal projeto. Porém, outra vez, ela parece referir a transformações estruturais na educação quando exalta as tecnologias em favor do que existe. Com este discurso, a discente se inclina colocar a tecnologia acima de tudo que foi construído na educação até o presente momento, reproduzindo alguns discursos de que esses recursos podem abrir caminho para existência de uma nova escola. Embora assim, estudiosos tais como Castells & Cardoso (2005) e Jesus (2007) assinalam que são os sujeitos sociais que dão sentido as tecnologias, e não o contrário. Por isso é considerável refletir: se as tecnologias sem a ação do sujeito podem produzir significados por si só, a ponto de ocorrer uma ruptura no contexto educacional vigente?

Nesse passo, é notório que todo processo de mudança capitaliza alguns conflitos, conclusão aferida do que segue. As postagens da discente indicam que há alguns mecanismos simbólicos, ou físicos, para punir uma pessoa que não obedece às normas estabelecidas.

Ponto 8

Me mandaram esse link que me deixou muito assustada. Não imaginava que as coisas chegassem a esse ponto. Meus pais ficaram muito preocupados, me disseram que é do outro lado do mundo, outra cultura e que aqui não é desse jeito, que posso desistir do Diário quando quiser. Disse que não, irei continuar mas mesmo assim fiquei assustada, ela tem 14 anos. Vejo muitas vezes nos comentários pessoas falando mentiras, ofensas, que não se dão ao trabalho de olhar todo Diário para comentar. Tem pessoas que querem que eu organize passeatas, atos públicos, manifestações nas ruas e em frente às instituições governamentais. Pessoal, estou fazendo o que posso, não quero fazer essas coisas e meus pais não deixam, eles dizem que tenho apenas 13 anos e sou uma só e já estou fazendo minha parte. Quero deixar claro que nunca quis fazer passeatas e essas coisas. Se alguém acha que deve fazer isso, tudo bem, faça, não precisam de mim para isso, é tão fácil falar para eu fazer, por que não faz então? Não tenho partido nem idade para votar e não estou contra ninguém, estou contra o descaso da educação e quero que melhore para todos, apenas isso. Meu jeito de protestar é assim, escrevendo, denunciando, discutindo e postando resultados quando tem. Estou dizendo isso por que fiquei muito assustada com essa notícia e não quero isso pra mim, então, a partir de agora iremos (eu e meus pais) começar a deletar post de pessoas desinformadas que fazem perfis fakes que não se identificam para publicar ofensas e mentiras e verdadeiros perseguidores que estão fazendo páginas igual a minha só para promover intrigas com fofocas(páginas sem identificação do responsável). Criticar tudo bem, mas com responsabilidade e com perfil verdadeiro, por favor. Não tenho medo de críticas, mas tenho medo de pessoas maldosas e covardes que não tem sequer coragem de se identificar. Espero que entendam.

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/menina-antitaliba-de-14-anos-sobrevive-tentativa-de-assassinato.html>
g1.globo.com
[Menina antitalibã de 14 anos sobrevive a tentativa de assassinato](#)
[Malala Yusafzai, de 14 anos, denuncia em blog atos de violência do Talibã. Ela foi baleada na cabeça ao deixar escola.](#)
[10 de outubro de 2012](#)

Esta postagem do (Ponto 8) menciona o caso de uma estudante paquistanesa que denuncia, em seu blog, violências cometidas pelos talibãs. Na saída da escola, a adolescente de 14 anos foi recepcionada com tiros. Um deles atingiu-lhe a cabeça, mas ela conseguiu sobreviver.

Com este fato, a criadora do Diário de Classe, se revela preocupada com “insultos” havidos em sua rede social, por meio da qual as pessoas criam perfis falsos para serem ofensivos. É compreensível que o desejo de mudança nem sempre ocorra de forma pacífica. A estudante, ao referenciar o caso da menina paquistanesa, empreende um paralelo com sua situação. Mesmo sendo de países diferentes, cuja cultura e história se escrevem de forma distinta, nota-se certo receio por parte da estudante brasileira, porque busca assemelhar sua luta com a da aluna paquistanesa.

Outra questão a ser especificada são as cobranças recebidas, tendentes a que a aluna não proteste somente nas redes sociais, mas que faça manifestações em lugares públicos. A este respeito, vale ressaltar que as mídias sociais têm tido grandes alcances e resultados muito mais rápidos, conforme ressalta Guzzi (2010) nos pressupostos teóricos. Em decorrência do contexto histórico em que se deu a propagação da internet, meio de acesso às informações em tempo real, é provável que a expressividade de seu “grito por mudança na educação” seja ouvida de modo mais rápido, se for pelas redes sociais.

Ainda para enfatizar as cobranças com vista a que a aluna organize manifestações, ela esclarece: “Pessoal, estou fazendo o que posso, não quero fazer essas coisas e meus pais não deixam, eles dizem que tenho apenas 13 anos e sou uma só e já estou fazendo minha parte. Quero deixar claro que nunca quis fazer passeatas e essas coisas. Se alguém acha que deve fazer isso, tudo bem, faça, não precisam de mim para isso, é tão fácil falar para eu fazer, por que não faz então?”.

Esse fragmento pressupõe interpretações de que alguns brasileiros não estão dispostos a se envolver em causas sociais, portanto não fazem a parte que lhes compete

e acabam deixando sempre para o outro. Deste modo, ela julga a sociedade brasileira como pessoas pacíficas que não se batem por seus ideais. Estereótipo este que se apropria aos países colonizados, cuja bagagem histórica é carregada por uma cultura que dissemina que o povo colonizado é fácil de ser dominado (BHABHA, 2005). Com isso, a aluna se posta como uma líder que se diferencia dos outros por defender todos os direitos da sociedade e, devido a isso, receia por algumas represálias. Isso nos remete igualmente a Bourdieu (1989), haja vista que ela, ao sugerir que seja superior culturalmente, infere uma noção de arbitrário cultural – sua cultura superior aos demais.

No ponto seguinte, os receios da discente se concretizam em relação a violências físicas que atingem seus familiares.

Ponto 9

Ontem a noite, teve uma chuva de pedras em casa, uma delas atingiu minha vó de 65 anos que sofre de uma doença degenerativa. Meus pais tomaram as providências e hoje levaram minha vó para fazer exames e para a polícia. Lá eles fizeram os exames de perícia, agora ela esta em tratamento. Incrível como tem gente ignorante, gente que não tem mínimo de decência. Alguns coitados pensam que são donos de tudo e da verdade, pensam que podem nos intimidar, mas não vão conseguir. Meus pais são gaúchos mas moram aqui a 17 anos, temos casa própria e eu nasci aqui, sou mané da Carmela Dutra, não iremos sair de nossa casa. Xenofobia é crime e já esta sendo investigado. Olhem como ficou o rosto da minha vó... a coitada nem sai de casa e foi a que sofreu as consequências dessa barbaridade, mas temos nossas desconfianças de quem é capaz dessa barbaridade.

6 de novembro de 2012



Figura 14: Agressão à avó da discente

Como se intui da referência 9, o desejo de mudança pode vir acompanhado de atos de violência. Segundo Tavares dos Santos, *et al.* (1998), a violência é constituída nas relações de dominação e de submissão, na qual se funda como dispositivo de poder, prática disciplinar produtora de dano social, que se instaura com uma justificativa racional, desde a exclusão, efetiva ou simbólica, até a prescrição de estigmas.

Conseqüentemente, a violência destacada neste tópico diz da repercussão de alguns discursos da discente relativos aos problemas escolares, dos quais, em certos momentos, reproduzem manifestações que tendem a prover a violência por seus anseios de punição e exclusão, se intitulado representante da verdade. Assim, aqueles que se consideram ofendidos ou em posição de desigualdade acabam desejando silenciá-la, recorrendo a ações punitivas.

Isso faz lembrar o que Moura (2010) e Maciel (2013) discutem no sentido de que a verdade é contingente, pois a verdade de um pode não ser a verdade do outro. A própria discente, que se intitula a protagonista da verdade, confirma tal definição, quando censura as pessoas consideradas “as donas de tudo e da verdade”. Igualmente, pressupõe que as contradições são inerentes ao processo de mudança (JESUS, 2007), conforme já visto em discursos construídos, em vários aspectos, pela aluna que se lança com discursos contraditórios, pois em vários momentos ela assume em seu Diário de Classe como “dona da verdade”, mas tudo o que ela defende é a sua verdade, não se pode concluir que seja a verdade do outro.

Em seguida, a discente faz referência aos professores por acreditar que estes não estão preparados para ouvir críticas. Se os professores não estão preparados para ouvi-las, cabe questionar se estão dispostos a oferecer momentos que venham a promover essas ações em sala de aula?

Ponto 10

Fico impressionada como os professores não sabem lidar com críticas. É só falar alguma coisa de alguma aula, de algum professor e todos se unem. A culpa é de qualquer coisa, menos do professor. Tem uma professora que publicou aqui mesmo no Diário que ofendi toda categoria, olhem o que ela disse: “Estou perplexa com a publicação do Diário de Classe de 02 de abril, acho que o professor, assim como toda classe foi ofendida publicamente! Muito triste...” Será que se dão conta que estão todos se nivelando por baixo? Jamais generalizei, pelo contrário, disse 1 entre 8. Professores são pessoas como qualquer outra, erra sim, ninguém é perfeito e tem aulas muito mal dadas que não é culpa de aluno nenhum, essa que é a verdade. Eu sei bem como é isso, sou muito criticada, tem até páginas contra mim e o Diário com muitos seguidores, e outras sem fundamento nenhum, de gente parada no tempo que pensa que a vida é uma peça de teatro. Já sei como tirar proveito delas, filtrar e aproveitar o que tem fundamento, inclusive já palestrei para empresários de como enfrentar as críticas. Para melhorar a educação, muita coisa tem que mudar, não se esqueça disso.

10 de abril de 2013 próximo a Florianópolis

O ponto 10 destampa fragmentos relevantes para discutir que o desejo de mudança, na escola, se faz entremeado por vozes de poder. Por um lado, alguns professores, sentindo-se, destituídos do seu poder, manifestam-se contra as postagens da discente e a criticam. Por outro, a estudante se exterioriza com argumentos que tentam intimidar e fundamentar seus conhecimentos. Essa passagem nos recorda Foucault (1998), ao afirmar que o saber é representação do poder. Uma das evidências a serem

ressaltadas é quando ela sobreleva: “Eu sei bem como é isso, sou muito criticada, tem até páginas contra mim e o Diário com muitos seguidores, e outras sem fundamento nenhum, de gente parada no tempo que pensa que a vida é uma peça de teatro. Já sei como tirar proveito delas, filtrar e aproveitar o que tem fundamento, inclusive já palestrei para empresários de como enfrentar as críticas.”

Este fragmento emite interpretações de seu *status* para aqueles que questionam: Quem é ela? Quem ela pensa ser? Bem por isso, tenta mostrar que é especialista no assunto, até já palestrou para empresários. Isso tende a desconstruir os pensamentos em torno dela, havendo um desequilíbrio de poder, uma vez que ela, sendo aluna, tem letramentos suficientes para entabular críticas, e os professores, bem citados por ela, não sabem lidar com estas.

Postos esses argumentos, a aluna desconstrói a escola em termos de letramentos escolares, haja vista que parece caber à aluna a tarefa de ensinar aos professores o que é crítica. Isso desmistifica a visão freiriana de que o professor é quem emancipa o aluno. Agora, parece ser ambos, professores e alunos, que compartilham dessa visão crítica e, nesse giro, compete apenas à escola explorar este momento para, realmente, formular debates que venham a ensejar transformações significativas para a escola da atualidade.

A próxima categoria se fundamenta no significado das tecnologias digitais para essa aluna, cujos desenhos construídos em sua comunidade se deram por causa dessas ferramentas que lhe atribuíram outra perspectiva para debater o que, possivelmente, poderia estar interiorizado, caso tais instrumentos tecnológicos não atingissem erguido alcance social.

3.1.5 O significado das tecnologias digitais para essa aluna

Ponto 1

Eu criei está página porque agora começam os "senhores candidatos" a mostrar coisas que nunca são verdade, escolas de cenários!

12 de julho de 2012

Ao observar o ponto 1 da seção “O significado das tecnologias digitais para essa aluna”, nota-se que estas exercem relevância para a discente no atual contexto sócio-histórico e cultural, pois, com a rede social *Facebook*, aflora a possibilidade de criar

sua comunidade “Diário de Classe”, que possibilitou a ela apresentar seus questionamentos e reflexões no concernente aos problemas de sua escola.

Nesse termo, ela se tornou uma personagem pública, assumindo um discurso de poder contornado por vozes sociais. A justificativa, neste ponto exposto logo no início da criação do diário, era desconstruir o discurso político e mostrar a verdade sobre as escolas de cenário apresentado por candidatos. No entanto, com o passar dos meses, a crítica e os questionamentos não foram destinados somente aos políticos/governantes, mas para os sujeitos escolares e para a sociedade em seu todo.

Em seguida, a estudante reitera o significado das redes sociais para o atual momento, imprimindo a convicção de que estas desempenham papel relevante com vista às conquistas da sociedade.

Ponto 2

Hoje podemos ter uma certeza, a pressão nos políticos funciona. Quando comecei o Diário e começou a repercussão, logo a prefeitura veio e reformou a escola, vários outros Diários também tiveram seus resultados. Bastou uma semana de manifestações e já ocorreram mudanças, baixou as passagens, votaram contra PEC 37, estão votando mais recursos para educação e saúde. Os políticos estão todos falando de pactos, na verdade estão loucos de medo. Funcionou ou não funcionou a pressão popular? Isso são vitórias do povo que saiu em manifestações, mostrando todos seus descontentamentos, um tapa na cara de todos que diziam que os movimentos não tinham lideranças, não tinham objetivo e não dariam em nada. Já reparou como mudou a timeline do seu *Facebook*? Todo mundo falando em política, se interessando pela situação atual do Brasil, todo mundo mais ligado no que esta acontecendo. Tudo isso também serviu para provar de vez a força das redes sociais. Essa frase a seguir não é minha, mas acredito que representa bem o momento. “É uma ilusão achar que o povo esta dormindo, ele esta no computador, esta na rede, esta em permanente mobilização. A praça hoje é virtual, é on-line e é permanente. A praça hoje não é mais na frente do congresso, a praça esta no ar, nas comunicações que esses jovens utilizam”. Senador Cristovam Buarque.

26 de junho de 2013 próximo a Florianópolis

Aqui atentei, primeiramente, ao fragmento que se reporta ao “Diário de Classe”. A aluna expressa que “Depois do diário, a escola parece outra, falta menos professores, horários são respeitados e agora será muito mais. Vou continuar denunciando tudo que está errado e acompanhar de perto a situação...”

Neste ponto, há evidências de que o “Diário de Classe” contribuiu para suas conquistas, agigantando o empoderamento de sua voz. O apoio das pessoas à sua

comunidade parece ter enfatizado a força que sua voz conseguia imprimir. Some-se a isso que outros letramentos começaram a fazer parte de sua vida, conforme debatido na categoria anterior, grifando-lhe a aprendizagem adquirida pelo anseio de mudança, que lhe conferiu o ícone de defensora da educação.

Ainda neste ponto da postagem 2, a discente põe em relevo que deseja uma sociedade mais participativa. Entretanto, aqui ela desconstrói a ideia de passividade do povo brasileiro que não toma atitudes diante dos fatos, pois conclama que “Bastou uma semana de manifestações e já ocorreram mudanças, baixou as passagens, votaram contra PEC 37, estão votando mais recursos para educação e saúde. Os políticos estão todos falando de pactos, na verdade estão loucos de medo. Funcionou ou não funcionou a pressão popular? Isso são vitórias do povo que saiu em manifestações, mostrando todos seus descontentamentos, um tapa na cara de todos que diziam que os movimentos não tinham lideranças, não tinham objetivo e não dariam em nada”.

Igualmente, a estudante atenta para a força das redes sociais como instrumentos de participação social, conforme defende Guzzi (2010). Desse modo não diverso, responde aos motivos por que escolheu as redes sociais para expressar a sua voz.

Logo mais, a aluna recorre a outra postagem para expressar o significado das tecnologias digitais para sua vida.

Ponto 3

Ontem e hoje foi puxado...muitas entrevistas mas amanhã vou a escola. Acho importante dizer que a Prof. de português disse que eu não entendi direito a aula de sexta, pediu desculpas e eu aceitei. Quero agradecer a todos pelo apoio, é muito importante prá mim...obrigada a todos.
28 de agosto de 2012

No ponto 3, é imprescindível, novamente, ressaltar o que o “Diário de Classe” proporcionou para esta discente. Ela exprime que “Ontem e hoje foi puxado...muitas entrevistas mas amanhã vou a escola”. Este fragmento confirma que a estudante se tornou fenômeno midiático, muito comum o avanço da internet. São muitos os anônimos que aparecem na internet com diferentes objetivos. Alguns adquirem fama. Ao discutir este tema, não é minha pretensão acentuar que a estudante buscava fama, contudo procuro argumentar que a internet está se tornando uma praça pública, na qual diferentes pessoas expõem suas vozes com objetivos os mais variados.

Nos pontos seguintes, os debates se organizam em termos da tecnologia como instrumento de vigilância e poder.

Ponto 4

As vezes alguns alunos ficam brabos com a gente porque aparecem no vídeo ou na foto nos xingam e tudo, agora me responde porque tem tanto medo da câmera ??

É obvio que ja fez algo errado, é não quer que mostrem mais se tem medo, para de errar. Pra mim a unica opção de ter medo da câmera, é isso, esta participando da bagunça alguém discorda ???

5 de agosto de 2012

Ponto 5

Nós queremos chegar mais adiante do que isso, queremos chegar na PREFEITURA, quero que vejam isso, me mandar recado falando a lei que proíbe tirar foto da escola nunca vai adiantar, porque primeiro não existi lei nenhuma, segundo que não é contra a escola é contra a mentira dos candidatos se existisse realmente uma lei porque deixar o recado só pra mim, e não publicar na minha pagina ?? Eu quero saber qual é a lei que não deixa mostrar a verdade das coisas, podem falar o que quiserem nos chamar na diretoria da escola, pra reclamar nós não temos medo de ninguém, e como minha mãe disse "melhor que ir no conselho e não mudar nada é me dar apoio na página".

E sim vamos dar um jeito de levar pra mídia mais precisamos da ajuda de vocês para deixar mais conhecido ainda, precisamos de publicidade antes, e mesmo que não consigamos mais do que já temos não vamos pensar em desistir de fazer justiça, quero ver qual é o vereador que vai prometer arrumar a escola e se ganhar, realmente vai cumprir os combinados, o que nunca aconteceu.

5 de agosto de 2012

A estudante, nos pontos 4 e 5, cita o uso de uma tecnologia que se tornou, amplamente, utilizada pela sociedade, inferindo que muitos adquiram novas práticas de letramentos antes não suscitadas. O uso do celular, ferramenta esta com opções multimídia, permite às pessoas fazer uso, em qualquer momento, para registrar questões, cujo registro antes não era comum.

A escola, repleta de sujeitos sociais, tende a não ficar alheia ao contexto histórico atual. Apesar das proibições, por parte de alguns docentes, do uso do celular em sala de aula, muitos alunos já não obedecem a essa regra e tiram proveito dessa ferramenta para questões pessoais. A estudante encontrou, no celular, importante instrumento de registro de fatos ocorridos em seu cotidiano. Assim, ela menciona, no

ponto 4, que alguns colegas de sala não gostam de ser registrados. Então, a aluna questiona que isso ocorre porque fazem bagunça. Embora possa revestir-se de sentido seu argumento, também é oportuno salientar que esta atitude, para alguns, poderá ser desrespeitosa e autoritária, somada ao fato de ferir o direito de imagem. Essa concepção de exibir o outro sem permissão contradiz alguns de seus discursos que convergem para o respeito, canalizados para outros que defendem a vigilância na escola. Portanto, ela comprova que o sujeito é performático (HALL, 1997), (HALL & WOODWARD, 2000), isto é, assume identificações que se apropriam a cada situação.

Já no ponto 5, a estudante alude a que alguém usou a lei do direito de imagem para tentar impedi-la de filmar e fotografar a escola. Ressalta que a aluna não se intimidou e decidiu continuar com seu propósito de “mostrar a verdade das coisas”. Nesse sentido, ela conclama outras pessoas para que apóiem, esclarecendo que “...vamos dar um jeito de levar pra mídia mais precisamos da ajuda de vocês para deixar mais conhecido ainda, precisamos de publicidade...”. Este ponto sinaliza que a mídia é o canal que lhe dá poder para efetivar seus objetivos e exigir dos governantes que cumpram as promessas de campanha eleitoral. Esse pensamento remete a Guzzi (2010), no sugerir que a internet amplia os espaços de diálogos e permite fortalecer os grupos sociais.

Entretanto, a estudante, apesar da percepção do poder das redes sociais (tecnologias digitais), orienta para que outros produzam diários anônimos.

Ponto 6

As pessoas que quiserem fazer um Diário de Classe, cria um anonimo não precisa botar sua foto como eu, coloque o nome do colégio, quem for fazer me adiciona no *Facebook*, me deixem mensagem avisando, com título "fanpage escolar", vou criar um grupo e dar dicas.

29 de agosto de 2012

Neste ponto, fica implícito que ser uma figura pública também poderá carrear suas desvantagens. No ponto 6, ela expressa que ajudará outros sujeitos escolares a criar um “Diário de Classe”. Entretanto, recomenda que não venham a postar foto pessoal. Isso também contradiz um discurso anterior, no qual criticou as pessoas que criam *fakes* para agredi-la. Por outro lado, ela se situa como uma detentora do saber (autoridade) para ensinar como deve ser feito tal diário.

No entanto, com o advento da internet, as pessoas parecem ter ressignificado as práticas de anonimato existentes em outras épocas, quando as pessoas se socorriam do pseudônimo para ocultar sua verdadeira imagem. Aqui permite discutir que, em outros momentos históricos, eram comuns pessoas se esconderem atrás de outras identidades, com sinônimo de liberdade (FRIEDMAN, 1977). Dado o advento da internet, lembra Buzato & Severo (2010), quando conclamam que a internet encarta uma falsa ideia de liberdade, haja vista que as pessoas podem ocultar sua imagem para realizar o que foge à normatividade.

No próximo ponto, a estudante compartilha uma charge a denotar que as tecnologias digitais contribuem para outros tipos de linguagens.

Ponto 7

fiz uma charge! \o



Figura 15: Charge postada na comunidade Diário de Classe

Diário de Classe compartilhou a foto de Frank Maia.

29 de agosto de 2012

Percebe-se, na imagem do (Ponto 7), que a estudante compartilha uma charge, com recursos multimodais (imagens e texto), com o intento de expressar o que algumas pessoas pensam de sua comunidade. Neste ponto, ela retoma uma questão relevante sobre os multiletramentos (COPE & KALANTZIS, 2000; ROJO, 2012), uma vez que

esses advogam em favor desses mesmos multiletramentos, ao passo que, não raro, passa a ignorá-los para realçar os letramentos formais defendidos pela escola tradicional.

É mister inferir se, com o advento das tecnologias e seu constante uso no cotidiano, a escola está valorizando as diferentes linguagens? No âmbito dos alunos, parecem estar ressignificando-as, no seu dia a dia, para produzir novas estéticas (ROJO, 2012). Isso é perceptível pela linguagem da internet, repleta de multimodalidade, por meio da qual empreendem suas leituras e interpretações de várias linguagens.

É significativo questionar se a escola está colaborando com esses letramentos. A escola contribuiu para a construção desta aluna?

Nos dois pontos seguintes, a multimodalidade desponta, igualmente, para representar que os jovens da geração digital (TAPSCOTT, 2010) lidam com várias linguagens e, por isso, a escola não pode ficar alheia às propostas dos multiletramentos.

Ponto 8

Um curtidor me mandou essa música, me explicou quem era o Zé Ramalho e o que ele quis dizer com essa música. ADOREL... vou falar a verdade, não conheço as músicas do Zé Ramalho mas essa música parece atual. Tem pessoas que se conformam com pouco mesmo. Eu entendi a mensagem da música, pena que acho que a maioria não consegue entender. Talvez se fosse assim seria mais fácil pra entenderem... eu quero tchu vida de gado...eu quero tchã povo marcado... huehue. Poderiam tocar essa música no Ato Cívico de segunda...

<http://www.youtube.com/watch?v=pQiThSEli0E&feature=plcp>



Figura 16: Vídeo da música “Admirável gado novo” – Zé Ramalho

10 de novembro de 2012

Ponto 9

Essa é outra música que também não conhecia mas também gostei. Entendi a mensagem. Tem muitas músicas que não conheço. Muito obrigado pelas músicas e explicações dos significados das letras, ADOREI. Queria dedicar essa música para a direção e coordenação da escola. Bom final de semana a todos.

http://www.youtube.com/watch?v=1ZNNUU_AbXs



Figura 17: Vídeo da música “Apesar de você” – Chico Buarque

10 de novembro de 2012

As postagens 8 e 9 evidenciam duas músicas que trazem, em sua letra, um discurso histórico sobre a condição social do povo brasileiro, imbuída de dominação e repressão. A primeira música, “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho, discute a dominação do povo brasileiro pelo sistema. E, Apesar de Você, de Chico Buarque, é quase considerada um hino de protesto contra a repressão dos brasileiros no período de ditadura.

A aluna atribui sentido às tecnologias digitais, mencionando essas duas canções, hábeis a trazer para a atualidade questões que parecem continuar povoando a sociedade. Na primeira música, o discurso de apresentação para a música transparece mostrar que as pessoas são passivas e se conformam com o que lhes impõem. Já na segunda, ela dedica a música à diretora e à coordenação para indicar que estas são autoritárias. Desse modo, é perceptível que a estudante usa, em sua comunidade, alguns recursos multimodais para fortalecer seu discurso e fundamentar, historicamente, alguns sinais prevaletentes na sociedade.

Em seguida, a discente expõe também a importância dos letramentos formais e, para isso, acrescenta que seus pais são os revisores de seus textos, porém as opiniões são suas. Ela imprime, novamente, o que o diário está lhe propiciando e apresenta quem ela é.

Ponto 10

Agradeço a todos que gostam e elogiam meus posts. Depois de tudo que aconteceu, é claro que meu pai ou minha mãe tão olhando tudo antes que eu faça a postagem, fazendo a revisão geral do meu texto (pontuação e acentuação principalmente, MAS estou aprendendo). Agora, quanto ao conteúdo, são opiniões minhas. Claro que escuto muito meus pais, minhas irmãs, não só sobre a página mas sobre tudo, nem sempre concordamos mas sabemos nos respeitar. Eu não tinha muito conhecimento das coisas, mas eu tenho lido o que vcs comentam, vários colocam vídeos, links, textos, cada um dando seus palpites... e eu vou lendo, me informando, concordo ali, discordo aqui, pergunto as coisas e vou formando minha opinião, apenas isso. Tem um monte de coisas que não sei nada então prefiro não comentar. Fico comparando minha escola com da minha irmã do meio porque é a única que eu conheço além da minha e vejo a rotina dela. Minha irmã mais velha é Engenheira de Computação, se formou em uma Universidade Federal com 22 anos, hoje tem 24, trabalha e já tem a casa dela, tá sempre conectada com tudo, o namorado dela também é Engenheiro de Computação, outro louco, sempre conectado. Na minha casa todos dias tem jornal, meu pai sempre foi assinante, tv cabo, internet e cada um tem seu note. Meus pais trabalham com produção e edição de vídeos, eu e minha irmã do meio ajudamos às vezes, puxando cabos, segurando microfones, iluminando, segurando rebatedor, essas coisas. Minha vó mora conosco, ela tem uma doença degenerativa e HÁ algum tempo esta na cadeira de rodas, sempre que chego da escola ajudo a mãe dando almoço pra ela. Tem 2 cachorros aqui em casa também, o Ziggy e o Difé (tem esse nome pq ele é de fé mesmo... quem conhece sabe). Como vcs podem ver, estudo em escola pública mas tenho acesso a muita informação e tento tirar proveito disso. Estou fazendo este post agora porque me dei conta que nunca tinha me apresentado, pra vocês saberem um pouco mais de mim. Ahh... meu aniversário é 16 junho, nasci às 8:04 h em 1999 na Maternidade Carmela Dutra em Florianópolis.

27 de setembro de 2012

Neste ponto, a estudante se utilizou das redes sociais (tecnologias digitais) para se aproximar de seu público. Quando alguém se apresenta e relata um pouco de sua intimidade, abre espaço para engendrar laços mais duráveis e autenticar os discursos em vista de seu histórico familiar. Isso remete a Recuero (2009), que se reporta aos laços fracos e laços fortes, corroborando que a tendência de sua comunidade são os laços fracos devido à grande transitoriedade dos sujeitos que comentam e curtem o local – não são sempre os mesmos sujeitos e não há proximidade. Por outro lado, além dos laços sociais, a postagem inspira a Bourdieu (1989), quando versa sobre a questão da cultura como forma de manifestar seu capital cultural. Esse enfoque é discutido por Bourdieu, ao fazer referência à questão de arbitrário cultural.

A postagem destacada a seguir põe à tona a questão de a tecnologia servir como instrumento de vigilância. Isso faz alusão aos debates foucaultianos (MOURA, 2010;

DAMETO & SOLIGO, 2009; BORGES, 2004), no referente a panoptismo (vigilância), também refletidos em categorias anteriores.

Em seguida, a discente expressa seus argumentos sobre os motivos de sua defesa por uso de câmeras na escola. E como a escola interpreta isso?

Ponto 11

Quando eu defendo câmeras na escola, é para evitar esse tipo de atitudes, com certeza tem alunos que incomodam, alunos mal educados, alunos sem respeito, não estou dizendo o contrário, mas também tem professores totalmente desequilibrados que não tem a menor condição de estar em sala de aula. Alguma coisa justifica uma atitude dessas de uma “educadora”? Acho que não. Agora, os professores estão dizendo que são vítimas de uma ditadura dos alunos nas redes sociais. “VÍTIMAS”? DITADURA? Fui pesquisar direito o que significa ditadura e acho que ditadura é o que os alunos vivem. Não podemos discordar, não podemos mostrar a realidade, não podemos falar para ninguém o que acontece na escola, pois professores como esses, que existem muitos, não querem. No meu caso, os professores acham que ninguém me conta o que eles falam em outras turmas. Claro que sei tudo, inclusive que eles pedem para não curtir a página, para não entrar na página, que eu estou mentindo as coisas. Meus amigos ficam com medo de contrariar os professores, tem medo de se prejudicarem, tem medo da direção, tem medo de enfrentar de frente como eu. Acho que tem que ter câmeras dentro da escola sim, dentro das salas de aula sim, aí a verdade vai surgir, para os dois lados. Este vídeo²³ foi filmado essa semana em uma escola de São José – SC
26 de outubro de 2012

Ponto 12

Por que os professores não querem câmeras na sala de aula? Será que é isso que eles não querem mostrar? Eu já vi isso acontecer com uma amiga minha, ficou com pulso roxo. Assim como esse, tenho uma coleção de vídeos desse tipo que recebo de todo Brasil. Os alunos que não querem câmeras todos sabemos, são os bagunceiros, que não respeitam professores, que roubam, que colam nas provas, que quebram as coisas, todos sabemos. Agora eu fico pensando, e quais são os professores que não querem câmeras? O que não querem que as pessoas vejam? Do que tem medo? Que querem esconder? Quando posteí um vídeo dia 25-09 de uma professora sendo agredida por um aluno, até agora tem 17.121 curtidas, 8.575 comentários e 26.953 compartilhamentos, tá postado aqui, é só olhar. Sabe quantos professores reclamaram da filmagem de celular do aluno nesse vídeo? Não vi nenhum... Agora, quando um aluno filma mostrando um professor agindo assim, eles são vítimas de uma ditadura das redes sociais. Por que isso... libera geral as imagens, pra todo mundo ver a qualquer instante “quem não deve não teme”,

²³ Vídeo encontrado na comunidade “Diário de Classe”
<https://www.Facebook.com/photo.php?v=292555617517618>

não é assim que se diz?? Acho que tinha que ser obrigatório câmeras em todas escolas, públicas e particulares para todos sabermos da verdade e punir os responsáveis, só assim vai começar a melhorar, estamos no século XXI, em que ano está a escola? Este vídeo²⁴ foi em uma escola de Passo Fundo – RS

26 de outubro de 2012

As postagens 11 e 12 marcam um novo sentido atribuído pela aluna sobre as tecnologias para o contexto escolar. Ela reafirma o desejo de ter câmeras na escola.

Com o advento das tecnologias digitais, esta aluna, em pleno século XXI, propugna pela vigilância escolar e a punição.

A escola contemporânea, questionada e idealizada por mudanças, tem em seu interior sujeitos que, aqui e ali, reproduzem a mesma escola. Os sujeitos escolares talvez tenham conferido outros sentidos ao que já existia, transferindo a vigilância exercida por pessoas (direção, coordenação) para o uso de câmeras, com intuito de punir os culpados pelos atos considerados errados. De consequência, percebe-se que a escola emita a feição de instituição conservadora, que parece defender a vigilância tradicional. Se bem assim, não admite a utilização de instrumentos tecnológicos na escola, preferindo manter sua essência. Eu me aproprio do discurso da discente (Ponto 12) e interrogo: “...estamos no século XXI, em que ano está a escola?”

O discurso da aluna revigora a instalação de câmeras com a finalidade de abolir e punir os casos patenteados nos dois vídeos postados. O vídeo da postagem 11 ilumina que uma professora manifestou seu poder pela voz. Este se sustentou em torno do argumento das notas, associado à compreensão de passar ou de reprovar o aluno.

O outro vídeo, ponto 12, entremostra o professor usando de sua força física para impor seu poder/hierarquia. Nesse, a discente acentua que atitudes, à semelhanças dessas, não geram muitos comentários por parte dos professores. Ela expõe que “...quando um aluno filma mostrando um professor agindo assim, eles são vítimas de uma ditadura das redes sociais. Por que isso... libera geral as imagens, pra todo mundo ver a qualquer instante “quem não deve não teme”, não é assim que se diz?? Acho que

²⁴ Vídeo encontrado na comunidade “Diário de Classe”

<https://www.Facebook.com/photo.php?v=292570467516133>

tinha que ser obrigatório câmeras em todas escolas, públicas e particulares para todos sabermos da verdade e punir os responsáveis, só assim vai começar a melhorar...”

É imprescindível discutir que os estudantes estão cada vez mais munidos das tecnologias digitais no ambiente escolar. O professor pode estar sendo monitorado por seu comportamento, parece não mais haver uma hierarquia definida entre professor e aluno. Portanto, a criadora do Diário de Classe expõe que “os professores estão dizendo que são vítimas de uma ditadura dos alunos nas redes sociais”. Isso pontua que muitos professores não estão sabendo lidar com tal situação. Mais conflitos tendem a surgir se não forem repensadas outras formas de professores e alunos se relacionarem. A tendência é de que o autoritarismo não seja sustentado por muito tempo. Se este continuar, a escola corre o risco de estar fadada ao fracasso. Conforme, debatido em outros pontos, uma escola autoritária se inclina a formar alunos com as mesmas características (PARO, 2007; BOURDIEU & PASSERON, 2009).

Igualmente, como já mencionado na categoria anterior sobre o desejo de mudanças na escola, a aluna outorgou sentido às tecnologias digitais, produzindo significados para sua vida pessoal, que resultaram em expressividade (empoderamento) e colaboração para seus letramentos, conforme se vê a seguir.

Ponto 13

Hoje eu não fui na aula, porém fui participar como palestrante de um grande evento chamado Social Good Brasil (conectados transformamos) no Centro Integrado de Cultura (CIC), falando sobre como as tecnologias, novas mídias e ideias inovadoras podem ter grande impacto social. Gostei muito de tudo lá, as pessoas foram muito simpáticas me deixando bem tranquila para falar, tinha umas 300 pessoas assistindo.



Figura 18: Aluna participa de eventos no Brasil

7 de novembro de 2012

Ponto 14

Ontem estive no Rio de Janeiro onde participei à tarde de uma palestra sobre “Efeitos da Era Digital” na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). À noite, fui à festa do prêmio Faz Diferença do Jornal O Globo onde fui premiada na categoria Educação. Fiquei muito feliz, conheci muita gente interessante e é sempre bom saber que posso contar com apoio de todos. Para quem quiser ver aqui está uma parte.

<http://oglobo.globo.com/videos/t/todos-os-videos/v/faz-diferenca-melhor-2012-educacao/2484792/>

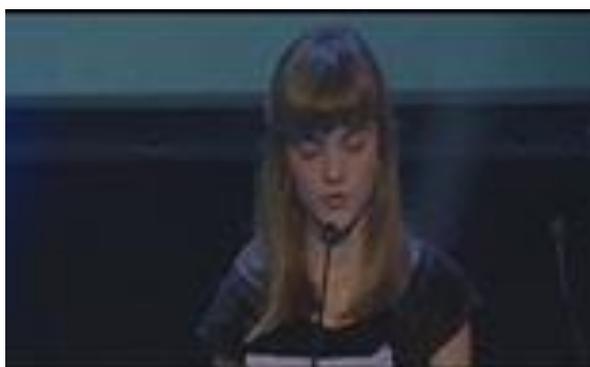


Figura 19: Momento de recebimento de prêmio pela discente

Faz Diferença melhor 2012 Educação - Vídeos - Assista todos os vídeos publicados - O Globo - Catálogo

oglobo.globo.com

Premiada: Isadora Faber

28 de março

Ponto 15Prêmio Faz Diferença 2012 (8 fotos)

Melhor do que o prêmio que recebi, são as pessoas que conheci. Pessoas importantes, comprometidas com o melhor para o Brasil. Tenho que confessar que não conhecia grande parte, mas além de conversar, fiz mais uma pesquisa por minha conta, só pra confirmar. Saber que posso contar com apoio delas se precisar, me dá força pra continuar, pois tem muita coisa pra contar. Estou aprendendo muito nesses últimos meses, coisas que a escola nunca me ensinou, como conhecer um pouco como as coisas funcionam, como são as pessoas, como podem olhar bem na sua cara e falar mentiras, quando pessoas falam uma coisa na sua frente e fazem outra nas suas costas, o significado da palavra SINISMO, FALSIDADE, HIPÓCRITA entre outras. Com apoio de todos vocês e mais as pessoas certas, tenho certeza que iremos mudar não só a Educação, mas o Brasil de uma forma geral, pois acredito que a Educação é à base de tudo, ninguém me faz mudar de ideia.





Figuras 20: Participação em eventos

1 de abril de 2013

Ponto 16

Pessoal! muito obrigada a todos vocês que votaram em mim no Prêmio do Jornal do O Globo, é muito importante esse reconhecimento na minha luta pela educação.

<http://oglobo.globo.com/projetos/fazdiferenca/vencedores-2012/educacao/O-Globo-Prêmio-Faz-Diferença-2012-Educação-oglobo.globo.com>
Prêmio Faz Diferença - Veja os brasileiros que contribuíram, com seu trabalho e talento, para mudar o país em 2012
20 de janeiro de 2013

Ponto 17

Oi pessoal, eu só queria avisar que eu estou em Recife pra participar como palestrante amanhã dia 18/01 do II ENCONTRO NACIONAL DE GRÊMIOS, onde vão ter vários assuntos importantes que irão ser discutidos. Achei a cidade linda e as pessoas legais. Quem puder vir, não perca a oportunidade. Olhem no blog da Ubes mais informações.

<http://ubescomunica.wordpress.com/>
Blog da UBES!
ubescomunica.wordpress.com
Em defesa do Brasil, da educação e dos estudantes
17 de janeiro

Ponto 18

Quero deixar claro que não estou recebendo nada para participar dos eventos que sou convidada, não sou profissional em nada, apenas uma estudante que fez um Diário e, se alguém quer que eu conte minha história e de opiniões sobre o que sei, legal, to nessa. Eu aproveito e aprendo muito nesses eventos, sem falar na experiência que estou ganhando, conheço pessoas legais, inteligentes, com uma visão aberta tipo a minha, troca de experiências, muito bom. Meu pai diz me disse que o que estou aprendendo com meu Diário, não se aprende em escola, só com experiência de vida, e é atrás disso que vou, quero sempre aprender mais para ninguém me enganar. Esta segunda 12-11, estarei em São Paulo onde serei palestrante nesta conferência.

<http://www.gp12goglobal.com.br/>



Figura 21: Foto da aluna

Grupo de Planejamento 2012

www.gp12goglobal.com.br

Esse ano o nome da conferência do GP será “GO GLOBAL”, pois vai trazer visões, conteúdo, repertório e conceitos que ajudem o planejador a abrir a cabeça e se equipar para ser um profissional com experiência em nível “worldclass”. Não se trata de sair do país, mas sim de ser capacitado a competir glo...

8 de novembro de 2012

Com as postagens 13 a 18, a estudante expõe que sua agenda abriga vários compromissos advindos da existência do “Diário de Classe” e das premiações recebidas por sua luta a favor da educação, confirmando os sentidos dados por ela com a criação de sua comunidade.

Para tanto, agradece àqueles que a apoiaram na conquista do prêmio e imprime que as experiências adquiridas com a criação do diário lhes proporcionaram muita aprendizagem. Segundo ela, “Eu aproveito e aprendo muito nesses eventos, sem falar na experiência que estou ganhando, conheço pessoas legais, inteligentes, com uma visão aberta tipo a minha, troca de experiências, muito bom. Meu pai diz que o que estou aprendendo com meu Diário, não se aprende em escola, só com experiência de vida, e é atrás disso que vou, quero sempre aprender mais para ninguém me enganar”.

A criação da comunidade e o apoio recebido por muitas pessoas usuárias do *Facebook* fizeram com que a estudante vivenciasse outras práticas de letramentos, em relação às quais a escola parece alheia e, em muitos casos, as proíbe de entrar no espaço escolar, como sucede com as redes sociais, à luz do que assegura Rojo (2009). O fragmento do ponto 18, enfatiza bem o que os letramentos informais podem realizar na vida de um sujeito escolar, pois o pai da aluna destaca, confirmado por ela, que sua aprendizagem oriunda de práticas sociais não se aprende na escola. Portanto, é conveniente questionar: o que certas escolas estão ensinando aos alunos?

Como fecho, arremato dois pontos, a seguir, em que a aluna estampa sua opinião, nitidamente, sobre os significados das tecnologias digitais, convergindo para a escola construída na atualidade.

Ponto 19

Como vocês já sabem, eu adoro tecnologia nas escolas, pois para mim é essencial. Usando jogos pra ensinar, além de prender a atenção do aluno, facilita o ensino. A tecnologia faz parte do dia-dia de quase todos hoje em dia. Estava pesquisando sobre isso e achei essa matéria, olhem como é legal.

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/com-cara-de-game-app-para-tablets-em-3d-substitui-livro-didatico-no-rio.html>



Figura 22: Imagem de tablet

Com cara de game, app para tablets em 3D substitui livro didático no Rio
g1.globo.com

Aplicativo tenta levar para sala de aula experiência de vida dos alunos. São
180 estudantes no Rio e 35 mil no Amazonas, diz empresa.
11 de abril

Ponto 20

Acho que essa matéria reflete bem um grande fantasma que assombra os professores, o celular. Claro que celular tocando na sala, alunos trocando mensagens e essas coisas atrapalham, incomoda e é um desrespeito com o professor que esta ensinando, não estou falando disso. Saber usar o celular como aliado das salas de aula ainda é um desafio para maioria dos professores, mas as coisas estão mudando. “A partir dos dispositivos móveis, os estudantes podem gravar, escutar e reescutar o que produziram. Podem receber conteúdos enviados diretamente pelos professores, até receber as tarefas e treinar idiomas por meio do envio de torpedos aos amigos. A mobilidade é o principal trunfo desses aparelhos, que podem ser acessados a todo momento e em qualquer parte”, afirma Antônio Carlos Xavier, pesquisador-chefe de Nehte (Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional), da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Ai vai uma matéria para pensar no assunto.

<http://porvir.org/porfazer/10-dicas-13-motivos-para-usar-celular-na-aula/20130225>



Figura 23: Tecnologia na escola

10 dicas e 13 motivos para usar celular na aula | PORVIR
porvir.org

Unesco lança guia com recomendações políticas a governos interessados em incluir tecnologias móveis na escola
22 de agosto de 2013 próximo a Florianópolis

Nos pontos 19 e 20, a discente se manifesta sobre as tecnologias, ferramentas responsáveis para levar seus discursos para uma grande quantidade de pessoas, que puderam refletir e externar considerações sobre a escola. Observa-se que a estudante defende o uso desses recursos em sala de aula, porém, no contexto escolar, não alude à usabilidade delas associada aos professores. Se bem assim, a estudante encontrou significância nos instrumentos tecnológicos, principalmente no celular, uma vez que este permite levar suas postagens ao Diário de Classe, mostrando textos, imagens e vídeos.

No processo de aprendizagem mediado pelo professor, não há evidência de uso dessa tecnologia ou de outra que faça sentido para esta aluna. Talvez essas postagens tenham sido o sinal indispensável para que os professores percebam que é chegado o tempo de acrescentar as ferramentas citadas, atribuindo-lhes sentidos para o contexto escolar. Uma vez que na escola, construída por meio de seus discursos, não houve sentidos que estivessem amarrados ao uso das tecnologias digitais. Conclui-se que os sentidos dados, neste desenho, defluram da aluna que recorreu às tecnologias para construir seus discursos.

Para finalizar as interpretações, relembro Tapscott (2010, p. 18) ao exprimir que “este é um período extraordinário da história humana. Pela primeira vez, a geração que está amadurecendo pode nos ensinar como preparar o nosso mundo para o futuro”.

No próximo capítulo, procuro discutir minhas considerações finais, tentando mostrar as limitações, os avanços e aprendizagens com esta pesquisa. Nesse caminho, passo igualmente a dar respostas a perguntas que foram tecidas no desenho desta pesquisa.

CONTORNANDO OS PONTOS FINAIS

Pode a vida ser comparada a um bordado, vendo-a, em seu despontar, pelo lado direito, e pelo avesso quando prestes a findar. Embora não seja tão bonito, o avesso se revela de longe mais esclarecedor porque permite ver como os pontos são dados.

(Artur Schopenhauer)²⁵

Ao término de um bordado, sempre brotam alguns questionamentos da parte do artesão, sequioso por ver a composição de sua obra. E eu, aqui neste papel, questiono: Qual é o sentido desse bordado para outros artesãos? O que cada um interpretará desse desenho? Quais pontos poderão germinar a partir desse bordado construído?

Esses pensamentos tendem a ser comuns a todo artesão quando, na fase de acabamento, ao contemplar seu bordado, reflete nos significados que sua arte pode entreabrir aos olhos do outro. Em meio às incertezas e da série de outras interpretações possam aflorar à luz de outros olhares, faço das palavras da epígrafe inicial da dissertação, as minhas, “o desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são as personagens que flagram esta zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível. O que se pode ver através do desenho vai além do que a retina capta...” (Frederico Moraes)²⁶.

Para tanto, nesta seção, busco responder às perguntas de pesquisas que me inquietaram na feitura deste bordado, revisitando os pontos do desenho para verificar os contornos, em destaque, neste trabalho. Discuto também sobre as aprendizagens desenhadas pela pesquisadora, as contribuições que este estudo pode oferecer a outros artesãos, hábeis à produção de significados nos *ateliês* da sociedade, em especial na escola contemporânea. Por fim, confronto as limitações que toda pesquisa pode esboçar.

Esta dissertação teve como objetivo entender, por meio do “Diário de Classe”, como uma aluna da contemporaneidade, usuária de redes sociais, constrói, em seus

²⁵ Texto retirado do site <http://pensador.uol.com.br>. Acesso em 22-5-2014, tradução livre, de minha autoria.

²⁶ Texto citado no blog <http://grupoartehibrida.blogspot.com.br>. Acesso em 22-5-2014

discursos, a escola da atualidade. Nesse rumo, alguns objetivos específicos foram delineados com a pretensão de que, pouco a pouco fossem contornados para edificar o desenho pretendido:

- Analisar os discursos representados da discente, no referente às questões escolares;
- Verificar o papel das redes sociais ao redor desta aluna da contemporaneidade;
- Identificar, alicerçado nos discursos, a posição da escola no tocante às práticas discursivas da discente;

Em virtude de tais objetivos, algumas perguntas foram formuladas para demarcar a pesquisa em busca de construir alguns sentidos. As interrogações, embora limitadas a três evidenciam que uma complementa a outra para entrelaçar fios referentes à escola contemporânea e os usos das tecnologias digitais, especificamente da rede social *Facebook*, onde navega a comunidade “Diário de Classe”.

1) De que forma a aluna da comunidade “Diário de Classe” constrói seus discursos à volta da escola contemporânea?

2) Como a escola reage aos discursos proferidos pela discente?

3) Qual é o sentido conferido às tecnologias digitais por esta discente?

Após as perguntas de pesquisa e verificadas as observações constantes nas postagens da discente, cinco tópicos afloram, tendentes a produzir discussões de como a escola estava sendo construída por essa discente.

1) “A escola como local de verdade e punição”;

2) “Ensinar e aprender na escola”;

3) “A escola ideal”;

4) “Os desejos de mudança na escola”;

5) “O significado das tecnologias digitais para essa aluna”.

Para tal, elegi desenhar esta dissertação tendo a abordagem qualitativa interpretativista como foco. Metodologicamente, optei por estabelecer cores para cada uma das cinco categorias com vista a facilitar a sistematização e a visualização dos dados. Após colorir cada dado merecedor de relevo separando-os por categoria, abri as interpretações do material valendo minha atenção para as postagens/discursos, atribuindo sentido às perguntas de pesquisa.

As primeiras quatro categorias foram as que mais contribuíram para responder a primeira pergunta de pesquisa, porque ensinaram traçar um desenho sobre a escola que a estudante parece desejar. De igual modo, para discutir os resultados, ressaltou, novamente, as três perguntas e em seguida tentou respondê-las de acordo com as interpretações bordadas no capítulo de análise. 1) De que forma a aluna da comunidade “Diário de Classe” constrói seus discursos à volta da escola contemporânea? 2) Como a escola reage aos discursos proferidos pela discente? 3) Qual é o sentido conferido as tecnologias digitais por esta discente?

Deste modo, na primeira categoria “A escola como local de verdade e punição”, percebi que a verdade proferida pela discente, em minhas interpretações, se revestia de uma armadura que conduzia a um mecanismo de empoderamento na rede social. Enquanto isso, os conflitos se avolumavam, tomando conta do ambiente escolar, principalmente na atuação dos professores que se sentiam prejudicados com tais postagens. Em meio aos problemas descortinados pela discente, a respeito de sua escola, despontava a força discursiva da aluna para solicitar punição aos classificados errados. Bom é frisar, no entanto, que esta se apresentava como a certa neste contexto. A escola se fazia a detentora de posturas semelhantes, procurando sua verdade. Armada dos indicativos de punição, usou de mecanismos de poder para silenciá-la, porém não obteve sucesso em suas práticas, por força da enorme popularização da discente, alcançada na mídia, pela qual reforçou as suas práticas discursivas com ideais de mudança na educação. Mediante estes conflitos, ficou explícito que os discursos da aluna e da escola se embaralhavam com acepções de razão, cada um querendo despencar sua verdade, resolvendo as questões com foco em poderes disciplinares.

Esta categoria nos aponta que a discente, em certos momentos, constrói a escola, através de seus discursos, de forma contraditória, como um lugar em que precisa prevalecer a verdade e a punição em meio aos que dela participam. Entretanto, essa verdade e punição, convenientes ao outro, tendem a não ser válidas para ela que se apresenta como boa aluna e com desejos de melhorar a escola. Sua postura parece ter desestabilizado o ambiente em que estuda por alguns terem considerado suas atitudes inapropriadas à luz dos princípios escolares. Igualmente, a escola parece não aceitar as críticas da aluna e se arma de posturas que manifestam insatisfação pelos atos da

discente, apontando assim, que essa escola não trilha caminhos horizontais quando se trata da relação professor e aluno.

A segunda categoria, “Ensinar e aprender na escola”, ainda respondendo as perguntas em debate, desfilou características dizentes que a aluna ambiciona construir sua escola em torno da hierarquia vertical, com poderes centrados no professor, sujeito, aliás, que parece ser o centro do processo de ensino-aprendizagem. Em sua concepção discente, o aluno está na escola para obedecer ao professor, porém este precisa ser um bom professor para que os estudantes, realmente, aprendam. Este pensamento reproduz a ideia de que a escola é espaço dos letramentos formais, pouco se utilizando dos letramentos informais. Essa postura é marcada pela contradição, haja vista que a estudante quer uma escola que priorize a obediência, não esquecido de que ela não atende a essa normatividade ao socorrer-se das redes sociais para questionar a escola. Nesta categoria, seu discurso é bordado na órbita de uma escola autoritária, que privilegie a cultura predominante e o ensino formal, mas, notadamente, ela se utiliza de letramentos não escolares para aprimorar suas aprendizagens com outros sujeitos, que não são os de sua escola, tampouco seus professores.

Na categoria posterior, a estudante esboça significados atinentes a outro enfoque: “A escola ideal”. Em muitos de seus discursos, esta discente se bate por uma escola que privilegie a cultura predominante, classificando os alunos em sistemas simbólicos, que ocorrem nos enunciados defendendo a nota e os conhecimentos linguísticos como símbolos de conhecimento/aprendizagem. Além do mais, mostra que a escola precisa manter os alunos dóceis. Em virtude disso, a discente traça comparações entre escola pública e particular. Segundo ela, a primeira é fruto de um sistema que não prepara os alunos para sobressair na sociedade, pois não promove o conhecimento eficiente, hábil a que possam se destacar socialmente. Em contrapartida, a segunda consegue preparar os sujeitos para enfrentar a sociedade, pois esta é seletiva, punitiva e valoriza os melhores, tal como deveria ser a escola pública na acepção da discente. Subentendemos que, se a escola, onde ela estuda, correspondesse a essa organização, a discente não recorreria às redes sociais para confrontá-la.

Nesse aspecto, como esta não vem ao encontro de suas expectativas, a rede social foi o canal encontrado por ela para levar seu discurso a outras pessoas, cujos mecanismos discursivos, se forem analisados de maneira descontextualizada,

pressupõem ideias de luta por uma educação eficiente para todos, ou seja, com desejo de igualdade.

Observamos, então, que a aluna constrói sua escola em *prol* de uma escola pública que se iguale à particular para que todos tenham uma educação de igualdade. Em contrapartida, em seus discursos pontifica indícios de exclusão.

Para continuar respondendo as questões de pesquisa, a categoria “Os desejos de mudança na escola” se fundam, especialmente, em questões estruturais e de organização escolar. De fato, com as exposições desses problemas nas redes sociais, as autoridades responsáveis procuraram aperfeiçoar alguns aspectos de estrutura física. Com isso, a estudante cada vez mais despertou atenção da mídia e de usuários da rede social *Facebook* para suas reivindicações em torno de uma escola de qualidade, defendida em seus discursos.

Desse modo, a maioria das pessoas se mostra receptiva a seus enunciados e compartilha dos mesmos discursos da aluna, conforme evidenciado em muitas dos comentários existentes nos *posts* da comunidade. Contudo, alguns, aos discordarem, utilizaram-se de violências físicas contra a discente e contra os membros de sua família, fazendo-o também por meio de violências simbólicas, que derivam de alguns de seus próprios professores, tendentes a coagir e punir por meios judiciais, contestando, assim, a verdade proferida pela estudante.

Conseqüentemente, todos os conflitos contribuíram para cristalizar sua notoriedade, atribuindo-lhe poder. A estudante começou exercer papéis que, antes eram conferidos para pesquisadores e professores considerados mestres em educação. Nesse sentido, colaborou para que outros criassem comunidades semelhantes ao Diário de Classe com vista a discutir sobre a escola, tendo participado de várias palestras sobre educação e tecnologia, e recebeu prêmios por ser defensora da educação do século XXI²⁷. Todavia, continuou perceptível, em seus discursos, que o autoritarismo e o conservadorismo a respeito da “escola transformada” prevaleciam sustentados por um passado não tão distante, com perspectivas de atender a modernidade (SIBILIA, 2012).

²⁷ Além desses compromissos e eventos, a estudante fundou a ONG Isabora Faber, em 2013, com discursos voltados a contribuir para uma educação de qualidade. Esta ONG possui uma página na internet, cujo endereço é: <http://www.ongisadorafaber.org.br>. Agora, recentemente, em 2014, também ocorreu o lançamento de seu livro intitulado, “Diário de Classe – a verdade”, em que a jovem conta suas experiências com sua comunidade do *Facebook*.

Para a última categoria, procuro intensificar “O significado das tecnologias digitais para essa aluna”. Neste pequeno desenho, que pontuei a respeito das demais categorias, já aparecem indícios de que as tecnologias são instrumentos importantes para a discente, pois fazem parte de seu cotidiano e se inclinam a ser desvalorizadas pela escola. Diga-se, em esforço, que em nenhum momento a estudante acena a algum tipo de trabalho com uso de tecnologias digitais em sua escola, exceto em uma postagem em que menciona ter recorrido ao computador como ferramenta de pesquisa na aula.

No entanto, as práticas cotidianas, e não priorizadas pela escola a levaram a propagar seus pensamentos, impondo suas verdades como forma de legitimar seu poder, tendo resultado em discursos constituídos por poderes – disciplinares e simbólicos –, reforçados, em muitas situações, pelo arbitrário cultural – valorização dos letramentos formais em detrimento dos informais.

Entretanto, mesmo esta discente se manifestando várias vezes em defesa de uma escola que privilegie os letramentos formais, ela própria termina propugnando pelos letramentos informais, quando argumenta que estes trouxeram e continuarão trazendo mudanças significativas em sua vida. Para isso, conveniente é ressaltar uma parte de suas próprias postagens, ocasião em que a discente pondera: *“Meu pai disse que o que estou aprendendo com meu Diário, não se aprende em escola, só com experiência de vida, e é atrás disso que vou, quero sempre aprender mais para ninguém me enganar”*.

De igual parte, a estudante se revela contraditória com tal proposição, pois, se a escola, por ela defendida em não poucas ocasiões, atribuindo a ela o sentido de lugar do ensino privilegiado, não proporciona essas aprendizagens que ela está adquirindo com o Diário de Classe, então é forçoso reconhecer que os letramentos informais não podem ser desconsiderados pela escola.

Por isso, em meio a seus discursos que edificam a escola como local de verdade e punição, com ideais contraditórios de mudança, com os quais a escola é esboçada como lugar detentor do conhecimento, a aluna, de outra parte, desconstrói muito dos seus discursos com uma única afirmação. Por meio desta, denota que o que ela aprende com o uso das tecnologias digitais, especificamente no concernente as redes sociais, não se aprende na escola tão defendida por ela como local que deve estar fincada no conservadorismo para ser ideal.

Para guarnecer outros pontos, explico detalhes a propósito de minhas aprendizagens, salientando que aprendi, neste bordado, que esta aluna, ao seu feitio e de acordo com sua formação, outorgou significado às tecnologias atuais para construir seu sentido. Mesmo em certos instantes, reproduzindo o discurso hegemônico sobre educação, a discente abriu ensejo a algumas reflexões pertinentes a respeito de escola e tecnologia, pois parece que já não é mais tempo de a escola proibir as redes sociais no espaço escolar, ao modo como argumenta Rojo (2009), priorizando apenas os letramentos formais.

Portanto, vejo em minhas aprendizagens de pesquisadora que cabe à escola repensar suas relações de poder e perceber que apenas os letramentos formais não estão mais sendo suficientes para preparar o aluno para a sociedade contemporânea, imersa em contradições e complexidades. A sugestão da contemporaneidade é de que a escola não pense tão só em um poder centralizado, mas em práticas de poder que sejam mais distribuídas em meio a seus sujeitos escolares (FOUCAULT, 1998).

Em consonância com as aprendizagens adquiridas por mim, neste traçado, afirmo que não posso considerar os discursos da discente, totalmente, providos de criticidade, mas, de outro lado, estão a demonstrar que ela, por ser fruto dessa escola pública tão criticada, não estampou o retrato dessa desigualdade referida em vários pontos de seus discursos. Isso pressupõe que o ensino público, apesar de precisar de melhorias, ainda não pode ser considerado inteiramente ineficiente.

Sendo assim, é de frisar que esta pesquisa me trouxe muitos conhecimentos, o que não pode ser generalizado, uma vez que ela esteve circunscrita a usuária de redes sociais, que parece estar imbuída em discursos oriundos de suas práticas sociais. Contudo, a escola é um ambiente muito complexo, e tais discussões precisam ser aprofundadas, para que se possam desenhar esboços com fito de que professores, alunos e pesquisadores possam dialogar com vista a pensar em outros modos de contribuir para um novo momento histórico, dado que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes na vida dos discentes.

Desse modo, malgrado as limitações inerentes a qualquer pesquisa, acredito que esta pode carrear algumas contribuições para a discussão dessas propostas atinentes a letramentos, vinculadas a relações de poder entre os sujeitos escolares. No entanto, enfatizo, veementemente, que não tenho a ilusão de que meu desenho se enquadre, nos

preceitos de verdade, tampouco em imposições, visantes a que o outro possa palmilhar os contornos desenhados por mim, transformando-os em cópia para simbolizar o caminho a ser percorrido. Scherer-Warren (2011) discute que a transformação de fato se dará no nível das ações concretas da sociedade civil quando esta deixar de reproduzir os pensamentos existentes. Para tanto, vejo que este bordado se faz em condições de interpretar o mundo, levando em linha de conta os letramentos múltiplos, o multiletramentos e os letramentos críticos. Esses processos de letramentos se tornam basilares para a constituição de uma sociedade crítica e democrática.

Propostas como essas se justificam por efeito da complexidade que instauram em âmbito social. A escola se qualifica como local de multiculturalidade e de saberes diversos, dos quais resultam um ambiente constituído pela diferença. Entretanto, a tendência da escola é buscar homogeneizar os alunos, como se todos fossem iguais, feitos à base de uma força única. Ao tentar essa homogeneização, os sujeitos tendem a ser excluídos, já que cada um é revestido de características que o distinguem em relação aos demais. Para alcançar seus objetivos escolares, a educação procura utilizar-se de instrumentos de poder, que constituem violências simbólicas pelas quais os estudantes são coagidos, mesmo de forma imperceptível, a obedecer às normas e ser normais de acordo com os ideais de escola.

Nesse rumo, a escola acaba usando de sistemas classificatórios para trazer a lume o fato de que aqueles que correspondem à normatividade são superiores aos outros. Alguns poderes reproduzidos pela escola correspondentes à verdade e à punição prevalecem, nitidamente, em certas práticas escolares. Afinal, a verdade é a maneira de legitimar o discurso para ser inquestionável, e a disciplina é o princípio do controle (FOUCAULT, 2012), para classificar os bons e maus, coagir aqueles que não atendem as regras preestabelecidas. Ao privilegiar uma escola nestes preceitos, autores tais como Paro (2007); Bourdieu & Passeron (2009) advogam que alunos que tendem a receber esse tipo de formação são induzidos a reproduzir as mesmas práticas na sociedade.

Em vista de tantas complexidades que circundam o contexto escolar, as tecnologias digitais afloram, em muitos discursos positivistas, como a transformadora da realidade que nos apresenta. Entretanto, na concepção de Castells & Cardoso (2005), secundadas por Jesus (2007), são os sujeitos que embutem sentido a elas. Portanto, os alunos estão abrindo significância a estes instrumentos, muitas vezes sem a participação

da escola, ou seja, eles formulam sentido do jeito deles e de acordo com a formação recebida até o momento. Estes fatos não podem ser desconsiderados porque são letramentos cotidianos, em relação aos quais os alunos empreendem seus questionamentos. A escola, aqui e ali, não promove discussões para que os estudantes expressem seus pensamentos, desconstruindo os conceitos de verdade.

Destarte, discentes procuram, nas redes sociais, meios para se manifestar contra aspectos que a escola desvaloriza, por não traduzirem letramentos formais. Partindo desse pressuposto, é notório que alguns alunos agenciaram outros espaços onde pudessem, externando seus anseios, ser ouvidos. As redes sociais parecem ter se constituído canais pelos quais a juventude tem atribuído sentido para expressar suas vozes sociais.

Em coerência à discussão, esse é um momento histórico a ser sugerido à escola para repensar algumas práticas e discursos arraigados, com o intuito de contribuir nos letramentos críticos. Afinal, professores e alunos poderiam aproveitar esse tempo marcado pela diferença para construir uma escola menos hierarquizada onde as interrogações fossem formuladas com base em pensamentos que não reproduzissem os hegemônicos.

Portanto, denoto que essas são contribuições reflexivas que poderão postular alguns questionamentos em termos dos discursos dos sujeitos escolares. Em sendo assim, ao (in)concluir esta dissertação, meus questionamentos não cessaram, uma vez que outras perguntas me inquietam para a construção de futuros bordados em relação aos quais estarei na qualidade de professora e pesquisadora, incessantemente tentando arquitetar nos percursos da vida.

Penso que os discursos da aluna da comunidade “Diário de Classe” traçaram um caminho para, talvez, futuras pesquisas. Considere-se em reforço a isso, que toda pesquisa possui suas limitações. Devido, talvez, à minha inexperiência de pesquisadora, acrescida das limitações de qualquer pesquisador diante da enorme quantidade de material, penso ter faltado muito *corpus* para ser analisado em torno desse bordado empreendido sobre a educação do presente. No respeitante a esse assunto, as redes sociais podem ser instrumentos riquíssimos para coletar discursos de professores, de alunos e da sociedade em geral. Consequentemente, a partir desta dissertação, podem aflorar questionamentos e sugestões de pesquisa com este alcance: a) discurso dos

professores confrontando com o da discente pesquisada; b) estudo sobre o discurso dos outros Diários de Classe criados com base nesta comunidade, intentando verificar se ele é semelhante ao dela e quais discursos circundam essas comunidades virtuais; c) análise dos comentários presentes nas postagens da discente do Diário de Classe; d) estudo de parte das postagens do ano de 2013 e início de 2014 para averiguar se as práticas discursivas ainda persistem. Enfim, são vários os diálogos sugeridos pela pesquisa em apreço.

Por isso, considero um momento de (in)conclusão em que delimito meu bordado e, em meio às minhas incertezas de pesquisadora-artesã, denoto esse desenho como resultado final de um esforço/criatividade esboçado(a). Por outro lado, retomo trecho da epígrafe inicial desta dissertação e faço destas minhas palavras, com o objetivo de tecer os últimos pontos. Nesse caminhar, ressalto: “o desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário... o campo perceptivo se amplia a cada diálogo que se forma através do riscar, o qual se constrói a partir desse movimento interno e externo que passa a se transformar em imagens, tornando-se índice para esta nova visão que se configura na própria interpretação de cada um de nós, tanto do artista quanto do espectador”.

Em arremate, cerrando os últimos pontos do bordado à minha feição, emprestando-lhe interpretações que os mais diversos fios me ensinaram, acho espaço para que outros olhares, com linhas e agulhas próprias, tecam novas significações. Em assim agindo, haverão de traçar novos contornos, bordar pontos que descortinem desenhos outros.

Umberto Eco, em *O nome da rosa*, encarece que *os livros não são feitos para acreditarem neles, mas para serem submetidos a investigações*. Estou convencida de que meu bordado – no entorno da escola da atualidade – terá o condão de convidar outros a que se debrucem sobre tema tão candente ao mundo que ambicionamos deixar não apenas aos nossos, mas a todos que acreditam no poder da educação, que a meu ver já não pode mais ser sustentada com ideais essencialistas, mas com a reinvenção de suas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, L. S. G & PEDRO, R. M. L. R. *Facebook* como dispositivo de vigilância e visibilidade: algumas controvérsias em questão. Trabalho apresentado no dia 17 de outubro de 2013, no Grupo de Trabalho 9 – Tecnologia, visualidade e subjetividade. Disponível em: <
http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/revistatecnologiaesociedade/revEdEspecialTECSOC2013/revEdEspecialTECSOC2013_a08.pdf>. Acesso em 12 de abr. de 2014.
- APPLE, M. W. *Educação e poder*. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARAÚJO, J. C. *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, M. M. 1895-1975. *Estética da criação verbal* / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão da tradução de Marina Appenzellerl. São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- BECK, U. & BONB, W. (eds.) *Weder Sozialtechnologie noch Aufklärung? Analysen zur Verwendung sozialwissenschaftlichen Wissens*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BORGES, J. L. Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana. In: Revista *Urutágua*. Maringá, n. 5, 2004. Disponível em: <
http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm> Acesso em 12 de jan. de 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo, Parábola Editora, 2008.
- BOURDIEU, P & PASSERON, J. C. *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Coleção: Recensões LUSOSOFIA: Covilhã, 2009.
- _____, P. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- BUZATO, M. E. K. & SEVERO, C. G. Apontamentos para uma análise do poder em práticas discursivas e não-discursivas na Web 2.0. Anais do IX Encontro do CELSUL: Palhoça, SC, out. 2010. Disponível em: <
<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Marcelo%20Buzato.pdf>> Acesso em 07 de jul. de 2013.

- CAMARGO, G. A. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – n. 2 – p. 93-112*. Disponível em: < <http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf> > Acesso em 10 de jan. de 2013.
- CARRAHER, D. W. *Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas*. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. Trad. Roneide Venancio Majer. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. & CARDOSO, G. Sociedade em rede: do conhecimento à ação política. Conferência promovida pelo presidente da República. Centro Cultural de Belém, 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>. Acesso em 20 de dez. 2013.
- COFFEY, H. Critical literacy, 2008 .Retrieved November 21, 2010 from <http://www.learnnc.org/lp/pages/4437?style=print>.
- COPE, B. & KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. Psychology Press, 2000.
- CORRÊA, C. H. W. Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, 2004. UFF. n. 13. Disponível em:<http://www.portugaliza.net/numero02/comunidades_virtuais_identidades.pdf>. Acesso em 25 mar. 2014.
- COSTA, R. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p. 235-48, mar/ago 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf> >. Acesso em 24 de jan. de 2013.
- DAMETTO, Jarbas; SOLIGO, Valdecir. Sujeito e disciplinamento: contribuições de Michel Foucault para pensar a educação formal. *Travessias - Revista da Universidade Estadual Oeste do Vale do Paraná, Cascavel*, v.3, n. 1, 2009. Disponível em: <www.unioeste.br/travessias > Acesso em 27 de out. de 2011.
- DIJK, T. A. V. *Discurso e poder*. DIJK, T. A. V. & HOFFNAGEL, K. F. (orgs.) São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____, M. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRIEDMAN, M. *Capitalismo e liberdade*. São Paulo: Arte Nova, 1977.
- GASPARINI, S. M. & BARRETO, S.M & ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>>. Acesso em 27 de fev. de 2014.
- GUZZI, D. *Web e participação social: A democracia no século XXI*. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- _____, S. & WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HAMILTON, M. Sustainable Literacies and the ecology of lifelong learning. In: HARRISON, R. R. F. & HANDSON, A. & CLARKE, J. (orgs.) *Supporting Lifelong Learning*, V. 1: Perspectives on Learning. Routledge: Open University Press, 2002, p.176 – 187.
- HAYECK, C. M. Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em 10 abr. de 2014.
- JESUS, D. M. *Reculturação, reestruturação e reorganização temporal de professores no ambiente digital*. Tese de doutorado, PUC /SP, 2007. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp039084.pdf> Acesso em 13 de jan. de 2013.
- KLEIMAN, A. B. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- LAKOFF, G. & JOHNSON. M. *Metaphors We live by*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1980.

- LANKSHEAR, C & KNOBEL, M. *New Literacies everyday practices and classroom learning*. Open University Press, 2006.
- LÈVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. *Eccos Revista Científica*, v. 4, fac. 2, Universidade Nova de Julho, São Paulo, p. 79 a 88. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_eccos_1.pdf> Acesso em 5 de março de 2014.
- LUCKESI, C. C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?. págio on-line. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>> Acesso em 5 de março de 2014.
- MACIEL, R. F. *Negociando e reconstruindo conhecimentos e práticas locais: a formação de professores de língua inglesa e os documentos oficiais*. Tese de doutorado, USP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08112013-102019/pt-br.php>> Acesso em 10 de dez. de 2013.
- MERCER, K. Welcome to the jungle. In Rutherford, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- MOCELLIM, A. D. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. PLURAL, *Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.105-125, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/17_2/v17n2_05.pdf>. Acesso em 13 de mar. de 2014.
- MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: Rocha, C. H. & Maciel, R. F. (Orgs.) *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada V. 33, Campinas, SP : Pontes Editores, 2013.
- _____, W. The Development of Agency in a New Literacies. In: JUNQUEIRA, E. S. & BUZATO, M. E.K. (eds.). *New Literacies, New Agencies? A Brazilian Perspective on Mindsets, Digital Practices and Tools for Social Action In and Out of School*. Series: *New Literacies and Digital Epistemologies* - Volume 64, 2013.
- MOURA, T. M. *Foucault e a escola: disciplinar, examinar, fabricar*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <

- http://ppge.fe.ufg.br/uploads/6/original_Dissert-Thelmamoura.pdf> Acesso em 10 de jan. 2014.
- NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C. M. M. Um arbitrário cultural dominante. In: Revista Educação – Especial Biblioteca do Professor: *Bourdieu pensa a educação*: Editora segmento, 2007. Disponível em:< <http://disciplinas.stoa.usp.br>>. Acesso em 15 de jan. de 2014.
- PARO, V. H. Educação como exercício do poder: implicações para a prática escolar democrática, 2007. Pesquisa desenvolvida no Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Feusp, com financiamento parcial do CNPq. Disponível em: <www.sidservsantos.org.br>. Acesso em 10 jan. de 2014.
- PERUZZO, C. M. K. & VOLPATO, M. O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças. II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, 1º a 3 de abril de 2009 – São Paulo – Brasil. Disponível em:< <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S1/cecilia%20krohling%20e%20marcelo%20volpato.pdf> >. Acesso em 13 de mar. de 2014.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RECUERO, R. C. Comunidades virtuais – uma abordagem teórica. In: Seminário Internacional de Comunicação, 5., 2001, Porto Alegre. Anais Porto Alegre: PUCRS, 2001. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2003.
- _____, R. C. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROJO, R. H. R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- _____, R. H. R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ALMEIDA, E. M. & ROJO, R. H. R. (orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROSA, G. A. M. & SANTOS, B. R. *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus, 2013.
- SACRISTÁN, J. G. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SANTAELLA, L. & LEMOS, R. *Redes sociais digitais a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo, Paulus, 2010.

- SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SCHERER-WARREN, I. *Redes de movimentos sociais*. 5. ed. Edições Loyola, São Paulo, 2011.
- SIBILIA, P. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUSA, M. F. O bordado como linguagem na arte/educação. Brasília, 2012. Trabalho de conclusão de curso. Disponível em:
<http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf>
Acesso em 15 de jul. de 2013.
- SYLVESTRE, A. P. M. *O eu e o outro online: discurso, poder e identidade nas redes sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UnB, 2013. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13829/1/2013_AnaPaulaMeloSylvestre.pdf>
> Acesso em 19 de mai. de 2014.
- TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Trad. Marcelo Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- TAVARES DOS SANTOS, J.V & DIDONET, B. & SIMON, C. “A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola”. In: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org.), *Violência não está com nada*, Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 1998.
- TÖNIES, F. *Comunidade e sociedade*. Textos selecionados. In: MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- VIANA, N. Violência e Escola. In PEREIRA, C. (et al). *Educação cultura e sociedade: abordagens críticas da escola*. VIANA, N & VIEIRA, R. G. (orgs.). *Edições Germinal: Goiânia - Góias*, 2002.
- WACQUANT, L. Notas para esclarecer a noção de habitus. Artigo, 2007. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/WacquantArt.pdf>> Acesso em 13 de abr. 2014.
- WELLMAN, B. Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking. Fevereiro de 2001. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 25, v. 2, (2001). Disponível em:
<<http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/individualism/ijurr3a1.htm>>.
Acesso em 07 de abr. de 2014.